Revista da Extensão

Dez. 2024 / n. **30**
ISSN 2238-0167
E-ISSN 2764-5525

Entrevista com
Walberto Chuvas

SOS Acervos: relato de experiência extensionista no apoio ao salvamento de acervos museais e arquivísticos alagados em 2024

Recreação e bem-estar: a importância dos cachorródromos nos abrigos para cães resgatados das enchentes de maio de 2024

MovimentAÇÃO: espaços e tempos de acolhidas, movimento e experiências no abrigo da ESEFID/UFRGS

Recuperação de eletroeletrônicos afetados pela enchente de maio de 2024

Raízes Vivas: Registro e Promoção da Cultura Popular Paraibana através da Extensão Universitária

Experiências no projeto de extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais"

Núcleo AMPARE e o compromisso ético com o debate sobre o assédio moral na universidade

ATnaRede: um projeto de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de desinstitucionalização da loucura

Projeto energia amiga: livro vivências e experiências

Curricularização da extensão: teoria, prática e aprendizado

Laboratório de matemática na escola: experiências enriquecedoras para crianças e bolsistas de extensão

As ciências básicas e a formação extensionista dos estudantes dos cursos da área da saúde

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Apresentação

Iniciamos este novo ano com a publicação da 30ª edição da Revista de Extensão da UFRGS.
Esta publicação traz consigo a marca de um período de renovação, reconexão e reflexão, após um ciclo desafiador para o Rio Grande do Sul. O ano de 2024 foi marcado por uma das maiores catástrofes ambientais da história do Estado, com as enchentes de maio impactando profundamente a vida de milhares de pessoas e comunidades.

Diante desse cenário, a extensão universitária reafirmou seu papel essencial, mobilizando conhecimentos e ações concretas em apoio à população e à própria comunidade universitária, que trabalhou arduamente no enfrentamento ao estado de calamidade pública. O apoio da PROREXT, ao possibilitar a articulação e o fomento às atividades de extensão de maneira tão rápida naquele momento crítico, foi fundamental.

Nesta edição, mais uma vez damos destaque à atuação extensionista, desde as atividades que envolvem a relação e cuidado com pessoas e animais, com acervos, documentos e equipamentos, bem como atividades culturais e artísticas, evidenciando o alcance e impacto da Extensão Acadêmica. Esta edição também reflete o compromisso da Extensão e da Universidade com sociedade e a busca constante de aprofundamento de vínculos.

Que este novo ano traga consigo mais serenidade, solidariedade e oportunidades de aprendizado e transformação. Que possamos seguir atuando de forma colaborativa, construindo projeto coletivos, através da extensão universitária, contribuindo para uma reconstrução coletiva, sólida e sustentável de nosso estado e país.

Boa leitura!

Daniela Pavani
Pró-Reitora de Extensão

Editorial

Mais um ano que se finda, um ano com altos e baixos, um ano muito difícil para o nosso Estado do Rio Grande do Sul, que vivenciou a maior catástrofe ambiental da sua história. As enchentes do mês de maio afetaram a todos, direta ou indiretamente, e ainda há muitos que seguem fortemente impactados pelas suas consequências. Sabemos que destruições vindas de tragédias acontecem rapidamente, e que reconstruções são lentas, difíceis, por vezes dolorosas. Porém necessárias, porque a vida segue.

Esta reconstrução deve ser sólida, sistemática, sustentável e com a participação dos mais diversos atores. Do contrário, estaremos apenas remediando os danos causados, mas sem evitarmos ou nos prepararmos para futuros eventos semelhantes. A Extensão Universitária tem papel fundamental nesse processo. A comunidade acadêmica é numerosa e muito qualificada. Todo o seu conhecimento e força de trabalho devem ser colocados à disposição da sociedade, através de uma postura dialógica e cidadã, nas diferentes áreas de atuação (saúde, educação, engenharia, direito, cultura, meio ambiente).

Nesta Edição no. 30 da Revista da Extensão da UFRGS trazemos, inicialmente, artigos que tratam exatamente da atuação da extensão universitária frente à situação causada pelos estragos das enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. São trabalhos de resgate do bem estar de pessoas e animais, como também do resgate e recuperação de acervos documentais, culturais e de equipamentos eletroeletrônicos. Esses artigos complementam a Edição Especial no. 29, de setembro passado, onde foram apresentados diversos trabalhos relacionados ao período das cheias.

Na sequência, trazemos dois trabalhos de extensão universitária que tratam da valorização e promoção cultural e artística. Outros dois artigos apresentam a atuação da extensão universitária sobre questões de saúde e bem-estar. Então concluímos este número com quatro trabalhos extensionistas no contexto educacional, através de práticas inovadoras e da curricularização da extensão universitária.

Que 2025 venha mais tranquilo, com saúde e paz.

Boa leitura!

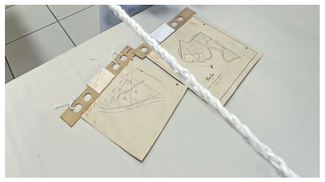
Renato P. Ribas
Editor

UFRGS
90 ANOS DE UNIVERSIDADE
129 ANOS COM A SOCIEDADE
90 ANOS
1934 • 2024

Sumário

Entrevista com **Walberto Chuvas**

04



SOS Acervos: relato de experiência extensionista no apoio ao salvamento de acervos museais e arquivísticos alagados em 2024

14

Recreação e bem-estar: a importância dos cachorródromos nos abrigos para cães resgatados das enchentes de maio de 2024

24

MovimentAÇÃO: espaços e tempos de acolhidas, movimento e experiências no abrigo da ESEFID/UFRGS

35

Recuperação de eletroeletrônicos afetados pela enchente de maio de 2024

43

Raízes Vivas: Registro e Promoção da Cultura Popular Paraibana através da Extensão Universitária

51

Experiências no projeto de extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais"

59

Núcleo AMPARE e o compromisso ético com o debate sobre o assédio moral na universidade

67

ATnaRede: um projeto de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de desinstitucionalização da loucura

74

Projeto energia amiga: livro vivências e experiências

81

Curricularização da extensão: teoria, prática e aprendizado

88

Laboratório de matemática na escola: experiências enriquecedoras para crianças e bolsistas de extensão

95

As ciências básicas e a formação extensionista dos estudantes dos cursos da área da saúde

102

Entrevista com Walberto Chuvas

Entrevista: Vicente Fonseca
Fotos: Ramon Moser
Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Walberto Andrade Chuvas, o Beto, é um homem multidisciplinar por excelência. Arquiteto de formação, tem em suas veias o sangue ainda correndo vibrante pelas artes e pela filosofia. Quando ingressou na UFRGS como técnico-administrativo, em 2006, não poderia imaginar, porém, que transformaria a divulgação científica e a extensão no Instituto de Física. Nessa entrevista, em cerca de uma hora, Beto Chuvas perpassou vários momentos de sua carreira, dentro e fora da UFRGS, desde seus trabalhos nos carros alegóricos da escola de samba paulistana Vai-Vai, nos anos 1980, até a titulação como técnico emérito da Universidade. Um papo surpreendente, inteligente e agradável – como o próprio Beto.

Revista da Extensão: Minha primeira curiosidade é: como é para um arquiteto trabalhar com divulgação científica?

Walberto Chuvas: Pois é, deixa eu te contar. Eu sou de um tempo em que seu pai dizia assim para ti: "O que você vai estudar? Engenharia ou Medicina?" Se a resposta fosse que iria estudar jornalismo, que iria estudar relações públicas, filosofia, licenciatura… Ele diria: "Então você vai trabalhar". Ou, então: "Você tem duas opções: Engenharia ou Medicina".

Eu consegui sair pela tangente, consegui fazer arquitetura. E eu estudei com quatro amigos que fizeram vestibular para Medicina, e nós cinco passamos muito bem colocados. Eu fiquei em sétimo lugar, e havia uma densidade de 14 para 1 candidatos na graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, onde ingressei em 1975.

Durante esse tempo, comecei a fazer cenário para teatro, desfiles de moda, vitrines, capas de livros e cartazes. Sempre trabalhei e transitei muito na parte visual, porque a arquitetura te dá isso, te dá o método. Então, trabalhei muito com Carnaval, participei por 10 anos em uma escola de samba, fiz até todos os carros alegóricos e alegorias da "Vai-Vai".

Revista da Extensão: Em São Paulo?

Walberto Chuvas: Lá em São Paulo. Eu tinha uma turma de amigos que estudavam na Faculdade de Arquitetura de Santos, e os professores, arquitetos da faculdade, que desenhavam os carros alegóricos e as alegorias, contratavam esses meus amigos para montar. E eu trabalhei lá por dois verões. A "Vai-Vai" foi campeã nos dois anos em que trabalhamos. Depois, todos os anos, eles diziam: "Tragam os gaúchos".

Nesse período, conheci, também, muitos artistas nas áreas de Teatro e Artes Visuais. Fiquei na casa de um cenógrafo muito talentoso, Flávio Império. Conheci muitas pessoas do meio artístico em São Paulo, artistas plásticos, atores…

Meu chefe na Vai-Vai era o Ulisses Cruz, diretor de teatro e assistente de direção do Antunes Filho. Inclusive, foi lá que conheci a Nega Lu (ela é uma

figura da noite, a primeira mulher trans de Porto Alegre).

Então, foi tudo muito intenso na minha vida, porque raramente eu disse "não" para as coisas, e quase nunca me arrependi. Sempre pensei assim: se eu dissesse "não", me arrependeria.
E, às vezes que disse "sim", algumas – poucas –, me arrependi, porque me envolvia em algumas "roubadas"… (risos)

Revista da Extensão: Tu tinhas uma veia artística, então? A arquitetura te deu essa visão?

Walberto Chuvas: Tinha. A casa da minha família, em Rio Grande, era ao lado da Escola de Belas Artes. Então, eu fiz aula de teoria e solfejo, de desenho, de observação, de anatomia, de modelagem… Só que minhas notas começaram a baixar no colégio, e a minha mãe "caçou" minha carteirinha de artista.

Então, eu fui estudar Arquitetura. Tenho contato ainda com alguns professores aqui da UFRGS que estudaram comigo, como Fernando Fuão, que trabalha com colagem, e eu também. Então, eu vim para Porto Alegre com o grupo de teatro com o qual eu trabalhava, o "20 prás 8", lá no Mauá – inclusive, nós participamos do UniCena, fizemos o espetáculo aqui no Salão de Atos.

Revista da Extensão: Anos 1980?

Walberto Chuvas: Anos 1980. Eu me formei em 1982. Eu fui no "Cio da Terra" apresentar um espetáculo de teatro com o mesmo grupo. Só não fui em Woodstock porque meu pai não deixou, ainda mais porque eu tinha 13, 14 anos naquela época. Por incrível que pareça, eu queria ir.

Mas morei nos Estados Unidos com uma família americana através de uma bolsa do American Field Service (AFS), e fui a shows do The Guess Who, Suzy Quatro, Elton John... Eu vi um show histórico do Bob Dylan, inclusive.

Então, todo mundo sempre conta uma história triste da vida: "Ah, porque eu vim do nada", "Minha vida sempre foi muito difícil". Eu não posso dizer isso, sempre fui muito privilegiado. A minha família não era rica, mas tinha uma boa condição de vida, e numa cidade em que a divisão de classes era muito gritante. Rio Grande é uma cidade portuária, então tinha uma pequena parte da população que vivia muito bem e uma grande parte da população que era muito pobre. Existia muita periferia, que nem Porto Alegre. Só que tinha uma coisa boa: ela estava a uma hora de Pelotas.

Qual é a diferença entre Pelotas e Rio Grande?
A classe média de Pelotas era muito maior. Então, eu, desde os meus 13, 14 anos, ia passar o fim de semana em Pelotas, porque tinha teatro, música, discoteca… Rio Grande só tinha a Praia do Cassino.

Então, fui morar em Pelotas, e fui estudar na UFPEL. Fui um estudante medíocre, porque eu fazia muita festa, muito movimento estudantil. Fui vice-presidente do diretório acadêmico da Arquitetura, onde a gente fez a primeira greve por melhores condições de ensino.

Revista da Extensão: Nos "anos de chumbo"?

Walberto Chuvas: Anos de Chumbo. Eu era da "Liberdade e Luta", a Libelu. Mais do que isso: eu era de um partido clandestino que se chamava "Organização Socialista Internacionalista". A gente vendia um jornal: "O Trabalho".

Mas bem, eu vim para Porto Alegre com o grupo de teatro. Nós fizemos uma montagem do "Alice no País Divino Maravilhoso", que era uma adaptação de Lewis Carroll, do "Alice no País das Maravilhas", só que uma história brasileira, um musical com músicas da Sueli Costa, texto do Paulo Afonso Grisolli, Tite de Lemos, Sidney Miller, Luis Carlos Maciel e Marcos Flaksman, todos globais. Aí nós viemos fazer uma temporada aqui. Do grupo, eu e mais três ficamos em Porto

Alegre. Uma foi para a Europa, mora até hoje na Itália, outro morou anos na Islândia, agora está na Alemanha. O grupo aqui se dispersou.

E eu trabalhei muito tempo no comércio, trabalhei na Panambra (NR: tradicional concessionária de veículos), trabalhei na Gang (NR: loja de roupas). Na Panambra, eu era chefe do departamento de arte, tinha seis funcionários, e fazia toda a criação de arte. Eu tinha dois cartazistas, dois vitrinistas e dois serígrafos. Então, eu trabalhava para todas as "Panambras", ligado ao marketing.

Depois, fui para a Prefeitura, no governo do Olívio (NR: entre 1989 e 1992), fui trabalhar na Fundação de Educação Social e Comunitária – FESC (hoje Fundação de Assistência Social e Comunitária – FASC), onde eu trabalhava na Assessoria de Comunicação. Eu fazia a criação de arte de todas as peças de divulgação gráfica.

Eu tenho uma pilha, de – eu acho que são mais de 200 – cartazes, diplomas e folders. Eu trabalhava com recursos limitados, com uma impressora matricial, através das técnicas de recorte e colagem. E aí me liberavam a gráfica do DMAE, eu operava as máquinas e fazia todos os cartazes. Depois, tive uma empresa de paisagismo, a Boulevard – Plantas & Jardins. Eu fiz mais de 200, 300 jardins em Porto Alegre. A Boulevard era bem conhecida.

Então comecei a fazer uns concursos e passei na UFRGS. Aí, quando me chamaram e perguntaram se eu tinha alguma preferência por algum campus, eu disse: "Não, a essas alturas, qualquer prazer me diverte". Aí me mandaram para o Vale, lá para o Instituto de Física. Eu cheguei lá e o diretor era o professor João Edgar Schmidt, um visionário.

Revista da Extensão: Foi o início de uma trajetória marcante não apenas para ti, mas para muitos que trabalharam contigo.

Walberto Chuvas: Temos que dar mérito às pessoas que trabalham conosco, porque ninguém faz nada sozinho. Toda essa construção minha na extensão, na vida, sempre foi coletiva. Tanto que, para mim, o melhor pronome é a primeira pessoa do plural. A primeira pessoa do singular não te conduz a lugar nenhum.

Aí fui parar lá no Instituto de Física, estando na direção o professor João Carlos Schmitt. A diretora em exercício na época era uma professora argentina, a Miriani Pastoriza. Não sei se tu conheces, ela foi uma das pioneiras no ensino de Astronomia na UFRGS. Ela olhou o meu currículo e disse assim: "O que eu faço contigo? O que eu vou fazer? Onde é que eu vou te inserir no IF?"

Me conduziram a trabalhar na Biblioteca do Instituto de Física. Eu fiquei um ano lá na biblioteca e fui muito bem recebido por uma bibliotecária que é, inclusive, a primeira Técnica Emérita do Instituto de Física: Zuleika Berto. Jogo duro, linha dura, de uma ética exemplar, mas nós ficamos super amigos, eu aprendi tudo com ela. Eu nunca vou me esquecer do que ela me disse: "Beto, se tu tiveres dúvida, não faz, me pergunta".

Já existia no IF um programa de divulgação científica que se chamava "Programa de Ações em Tecnologia". Era o Laboratório Itinerante Tecnologia com Ciência, aquela carreta-palco que levava experimentos em Física por tudo. Quem coordenava era a Silvana Kaster Tavares, e ela teve a percepção de que eu podia fazer mais do que empréstimo e devolução de livros. Me chamou, então, para trabalhar com ela e o João Edgar Schmidt. Aí eu fiquei trabalhando nesse projeto.

Era uma carreta enorme, um elefante branco, literalmente, que era um problema porque nós não tínhamos um cavalo para levar. Então, quem conseguia o cavalo na época era o Exército e a Aeronáutica, através da professora Maria Helena Steffani.

Revista da Extensão: Sim, ex-diretora do Planetário.

Walberto Chuvas: Sim, ela era muito amiga do

pessoal da base aérea, e eles emprestavam o cavalo e nós saíamos para o interior. Bom, aí tinha, além desse programa de Ações em Tecnologia, tinha a Incubadora Tecnológica Héstia, uma parceria entre o Instituto de Física e a Escola de Engenharia. A Silvana Kaster era a gerente e me levou para lá, foi morar no Rio. Aí o diretor João Schmidt me chama na sala e diz assim: "O novo gerente da Incubadora Tecnológica é tu". Eu vou te dizer: eu gosto de poesia, eu gosto de música, eu gosto de teatro… Imagina eu trabalhando com empreendedorismo? Eu pensava: "O que eu estou fazendo aqui?" Incubadora tecnológica, empreendedorismo, suprassumo do capitalismo… Bom, fiquei dois anos, por sorte ela voltou.

Nesse meio tempo, eu não sei se tu já ouviu falar de um projeto de extensão que se chama "Casa E", que era coordenado pelo professor Flávio Horowitz? Que era uma casa "E" porque ela era uma casa envelope, uma casa energética, ecológica. Eram cinco "Es". Ele recebeu recursos do CNPq ou CAPES e construiu uma casa envelope que tinha como base os princípios da física, tipo energia solar… Ela era uma casa dupla, na parte de baixo ela tinha pedras para fazer a circulação do ar, e aberturas em cima, para o ar entrar por baixo por essas aberturas e sair por cima e refrescar o ambiente. No inverno, tu fechava embaixo e ficava quentinho. Eu agendava as escolas para visitação.

Foi a primeira vez que eu participei, eu acho, de um Salão de Extensão… Não, a primeira vez, na verdade, ainda foi com o Laboratório Itinerante Tecnologia com Ciência, a primeira Ação de Extensão que registrei.

Revista da Extensão: Em que ano foi isso?

Walberto Chuvas: Eu entrei em 2006. Provavelmente 2007 ou 2008. Bom, no Ano Internacional da Astronomia (NR: comemorado em 2009), montaram uma exposição "Em Casa, no Universo", aqui no Museu da UFRGS, uma das exposições mais bacanas que teve nesse museu. Aí fizeram uma versão itinerante e precisavam de alguém para agendar escolas, agendar prefeitura. E eu levei essa exposição itinerante para várias cidades do interior do Rio Grande do Sul e em vários locais da Grande Porto Alegre.

Era uma exposição leve, que a gente estruturou com aquelas estruturas metálicas e conexões plásticas usadas nos ônibus. Eu levei para o Mercado Público, carregava a exposição nas costas. Levei, também, para a Câmara Municipal, Estações do Trensurb, escolas, para Bagé, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Alegrete... Quando nós levávamos para uma cidade, junto com o Laboratório Itinerante, recebíamos duas mil pessoas por dia. Eu tinha dez bolsistas trabalhando comigo, nós olhávamos, assim, aquelas escolas vinham, aqueles ônibus lotados, um atrás do outro... A gente olhava aquela fila e era interminável, tu não via o fim da fila. E eles viam os experimentos, viam a exposição.

Bom, outra coisa, o Instituto de Física tem um acervo de experimentos em ensino de física que nenhuma universidade no Brasil tem, várias peças… Tu conheces o acervo museológico de lá? Olha, nenhuma universidade no Brasil tem igual. Nessa época, veio um museólogo lá do IPHAN, e quando viu aquele acervo maravilhoso, ele disse assim: "Olha, ninguém mais tem isso, tudo intacto, bem cuidado, isso são relíquias. A UFRJ, a USP, as outras universidades, quando muito, têm um desses sucateado".

Então, eu e o professor João Edgar Schmidt contratamos um profissional através de um projeto dele na FAURGS, ele fez as vitrines e nós montamos uma exposição permanente. Aí surgiu a ideia de fazer a rede de museus da UFRGS e eu comecei, nas primeiras reuniões da REMAM (NR: Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS), eu fui representando o Acervo Museológico do Instituto de Física. Participei de todo o processo construtivo da REMAM. E o mais bacana de tudo é que, depois que me acidentei e fui afastado, comecei a trazer colegas para trabalhar. Eu tenho dois colegas muito competentes e dedicados que assumiram o Acervo Museológico e o Portas Abertas, a Lara Elena Sobreira Gomes e o Gabriel Cury Perrone, e transformaram o acervo numa riqueza do IF.

E graças ao apoio deles, em 2018, mesmo acamado, organizei o Portas Abertas. Importante dizer que a gente na vida tem duas opções de atuar: reproduzir ou tentar transformar. Eu sempre optei pela segunda opção: a da transformação.

Revista da Extensão: Como foi para ti começar a trabalhar com física?

Walberto Chuvas: Tem duas coisas que todo mundo tem que saber um pouco na vida: Filosofia e Física. A filosofia te dá uma postura diante da vida, vai te dizer como é que tu te relacionas com o mundo, com as pessoas, como é que tu tratas a vida… E a física te dá a postura, porque tu, através dela, aprendes as noções de equilíbrio de força, de tempo, de velocidade… Então uma te dá uma postura, a outra te dá a postura (risos). Não é à toa que a origem da Física está na Filosofia. O que eram os filósofos na sociedade dos gregos? Eles eram os caras que observavam a vida, o que acontecia no mundo, essa era a função deles. E o que é a Física? É a observação dos fenômenos da natureza. Tanto que o Instituto de Física se originou assim, era o Instituto de Física e Filosofia.

Continuando, começou no Ano Mundial da Física, lá em 2005, um ciclo de palestras no Instituto de Física, na Livraria Cultura. Eu cheguei um ano depois, já tinham feito duas ou três palestras, e o diretor do IF me chamou, sugerindo darmos continuidade. A UFRGS TV já gravava essas palestras. Bom, aí eu fui lá e propus para a Livraria Cultura que toda terceira quinta-feira de cada mês nós levaríamos um palestrante professor do IF e uma equipe de TV para fazer as gravações. Eu registrei como uma ação de extensão, tinha sempre dois bolsistas: um estudante de jornalismo da FABICO trabalhava junto à equipe da UFRGS TV. Na época, o diretor era o Paulo Cabral, depois assumiu o novo diretor, o Fernando Favaretto – maravilhosos, aliás, maravilhosa equipe, competentíssima!

Eu tive vários bolsistas da FABICO e sempre acompanhado por um do Instituto de Física, porque quem tinha os instrumentos de jornalismo não tinha os conhecimentos da Física para fazer a edição dos programas de TV do Ciclo de Palestras do Instituto de Física na Livraria Cultura. Aí, depois, fomos também lá para a FNAC, quando falei com a gerente do Auditório da FNAC, Jaqueline Schmidt, e disse a ela que nós podíamos trazer umas palestras para a livraria. Aí eu pensei no nome do evento e submeti à direção do IF, e ficou: "Conversas ao Pé do Físico". Acontecia nas últimas quartas-feiras de cada mês, num formato diferenciado do projeto na Livraria Cultura, pois, além do palestrante do IF, sempre havia uma atração cultural, como músicos, poetas, escritores,

fotógrafos escolhidos pelo palestrante, que faziam um dueto.

Um detalhe que eu acho muito importante destacar é que, desde aquela época, como eram palestras gratuitas, lotava, haviam pessoas sentadas no chão… No auditório da FNAC e da Cultura, às vezes faltava lugar. Teve várias vezes em que eu tive que deixar pessoas na rua, pois não cabia mais gente lá. Como os eventos eram em duas livrarias diferentes, o nome do programa de TV, o Ciclo de Palestras, passou a ser denominado "Simplifísica", ideia do Fernando Favaretto.

Revista da Extensão: Como as pessoas se interessam por física e ciência em geral, certo? Mesmo que, às vezes, seja uma coisa intangível, abstrata, em termos de conhecimento. E, quando há alguém que simplifica, "simplifísica" (risos), acaba acontecendo, não é?

Walberto Chuvas: A vida é um caminho para o conhecimento. Não há outro sentido para ela, isso é Nietzsche. Porque, pelo conhecimento, você não paga impostos, ninguém rouba ele de você, ninguém tira de você. Pelo contrário, o conhecimento melhora sua qualidade de vida e seu relacionamento com as pessoas, sua interação com o mundo.

Pedíamos, nos eventos, ou um quilo de alimento não perecível, ou roupas e brinquedos. E todo mês levávamos para duas creches muito pobres no interior de Viamão. Nós chegamos a levar 20 quilos de arroz, dez quilos de farinha, dez quilos de massa... As pessoas traziam muito. Na minha sala, eu tinha um canto de doações de professores, pessoas que doavam roupa, brinquedos. Nós lotávamos a van do Instituto de Física e levávamos para Viamão. Ainda havia essa parte, não é? Essa interação com a sociedade que, na verdade, é quem sustenta isso aqui.

Depois, surgiu outra ideia: criamos um projeto que se chamava Escolas Parceiras, que levávamos palestras com docentes do IF e a exposição *Em Casa, no Universo*, para escolas de Ensino Médio. Foi um projeto de extensão. Apresentamos em vários SEURS (Seminários de Extensão Universitária da Região Sul) e outros eventos acadêmicos de extensão pelo Brasil. Juntávamos uma escola pública e uma escola privada próxima, e levávamos uma atividade, uma palestra ou uma exposição.

Mas, voltando ao Ciclo de Palestras, havia um público muito cativo na Livraria Cultura, principalmente. Eram pessoas aposentadas e, claro, muitos jovens. E outra coisa: sabe o que aconteceu, por causa do Portas Abertas somada a essas atividades de divulgação científica? As densidades no vestibular para Física e Astronomia se tornaram maiores do que vários cursos na UFRGS.

Revista da Extensão: Deve ter ajudado a diminuir o índice de desistência também, não é? No curso de Física, ele tradicionalmente é alto.

Walberto Chuvas: Sim, porque também os alunos do Ensino Médio que pretendem cursar Astronomia acham que vão ficar olhando para as estrelas e os cometas. Não é nada disso, Física e Astronomia são puro cálculo. Outra coisa, os ensinos Básico e Médio são muito fracos, até mesmo nas escolas privadas. As pessoas têm a ilusão de que as escolas particulares são muito melhores que as públicas. Mas sabe, quem é que passa no vestibular? Quem aprende os macetes do cursinho. O cursinho não ensina você, ele ensina a passar no vestibular. E o índice de depressão dos alunos de Física é uma coisa assombrosa, em função dessa deficiência da educação formal.

Revista da Extensão: Ainda?

Walberto Chuvas: Não agora, porque dentro do Instituto de Física, graças ao trabalho da Márcia (NR: Márcia Barbosa, ex-diretora da unidade e atual reitora da UFRGS), e a todo o trabalho que fazemos para acolher os calouros. Não permitíamos o trote nas dependências do IF, eu era o cão anti-trote. A professora Tomoko Gaudioso, do Instituto de Letras, levou os calouros de Física para uma oficina de dobradura de papel. Fizemos concursos de aviõezinhos de papel, tudo com premiação, na ESEFID (NR: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS). Teve um ano que conseguimos mudas de plantas e o trabalho dos calouros foi plantar mudas ao redor do Instituto de Física. E fazíamos uma reunião na recepção, vinham os pais.

Bom, depois disso, criamos um projeto chamado Meninas na Ciência, junto com a Daniela (NR: Daniela Pavani, professora do Instituto de Física e atual pró-reitora de Extensão), os professores Carolina Brito e Alan Alves Brito e o Fernando Favaretto, que tratava sobre a pequena presença feminina nas Ciências Exatas e da Terra na época. E criamos um programa de extensão intitulado Lugar de Mulher. Sempre participei de todos os Salões de Extensão, apresentando trabalhos, avaliando outros e fazendo mediações em Tertúlias. Inclusive, você viu a matéria que eu digo que meu lugar é na extensão? Tem uma matéria que saiu no jornal, na UFRGS, que é...

Revista da Extensão: "Meu Lugar na UFRGS"?

Walberto Chuvas: Sim. E é aqui. Eu acho que é, eu digo que meu lugar é na extensão. Então, o que aconteceu? O professor João Schmidt veio para a Pró-Reitoria de Pesquisa e eu me tornei a Marianinha (Marianinha Rocha Aranha, servidora emérita da PROPESQ). A Marianinha se aposentou e ele me chamou. Então, eu fiz a gerência executiva por mais de dez anos dos Salões de Iniciação Científica-SIC e UFRGS Jovem, onde eu poderia chamar dez estudantes para trabalhar na minha equipe.

Revista da Extensão: No Salão de Iniciação Científica?-'

Walberto Chuvas: Isso, no SIC. Eram "os guris do Beto" (risos). Os meninos eram super competentes, porque essa juventude é muito bacana. E eu escolhia alunos que precisavam de bolsa. Para todos os meus bolsistas, um dos critérios que eu usava na escolha sempre foi a necessidade da bolsa, e eles eram muito competentes. E você sabe que a universidade reproduz a forma como se organiza a sociedade, certo? Em castas. E isso é horrível. Eu disse isso à Márcia Barbosa, a propósito, que agora está na hora de inverter essa lógica e dar o protagonismo na universidade para quem são de fato os protagonistas, que são os alunos. Eu vi muitos casos de professores tratando mal os alunos, técnicos tratando mal os alunos... E eu pegava meus bolsistas – cheguei a ter 20 em uma só tacada, entre todos os projetos – e dizia assim: "Aqui só uma pessoa pode tratar mal vocês: EU, quando vocês pisarem na bola, quando vocês não fizerem o que eu pedi para vocês. Mas eu nunca vou maltratar vocês, então, se alguém fizer isso, vai se ver comigo". Eu comprei muita briga, porque eu dizia: "Ninguém põe um filho no mundo, ninguém põe um filho numa universidade para ser maltratado pelos outros".

Revista da Extensão: Eu costumo dizer aos alunos e alunas que trabalham comigo que não importa o quanto trabalhamos, nenhum ambiente de trabalho pode justificar qualquer ambiente tóxico. Como se fosse necessário para fazer muitas coisas, ter de haver pressão ou assédio. Ninguém deve aceitar isso.

Walberto Chuvas: Sim, e eu dizia a eles: "Vocês estão aqui para estudar (na Física o pessoal estuda muito, vira a noite). Você tem prova, vá estudar… eu me viro." Eles não seguiam o horário, mas executavam tarefas dentro da disponibilidade de horário. A prioridade era o estudo.

Revista da Extensão: É exatamente assim. Tem que ser, é uma questão de respeito pela pessoa. Ela está em um momento diferente da vida do que o nosso. Tem faculdade, tem pressão para tirar notas, tem o que quer que seja. Somos uma universidade, você não pode simplesmente aplicar a exigência de uma empresa privada.

Walberto Chuvas: E eu já vi muitos estudantes fazendo um trabalho de técnico.

Revista da Extensão: Ah, sim. Uma responsabilidade que é nossa.

Walberto Chuvas: Sim, é um absurdo. Os meus bolsistas que estudavam jornalismo na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO executavam tarefas de jornalismo na UFRGS TV, e os bolsistas, estudantes de Física, trabalhavam com Física. Eles não faziam o meu trabalho. Eles iam às palestras para aprender e me auxiliavam na divulgação, a receber o público. Claro que eles me ajudavam também a carregar aquele monte de arroz, feijão, batatas…

Então, chegou um momento em que sentimos a necessidade da existência, no Campus do Vale, de um espaço cultural, como os que existiam no Campus Central da UFRGS, como no Museu, no Salão de Atos e no Centro Cultural...
E, então, criamos um espaço chamado Espaço Ciência e Cultura Professora Alba Theumann, onde levávamos uma exposição de arte e uma exposição de conhecimento científico, alternadamente.

Revista da Extensão: Esse me parece um dos aspectos mais interessantes da tua trajetória: conseguir trazer cultura e arte para o Instituto de Física.

Walberto Chuvas: Bom, logo depois, eu comecei a participar da curricularização da Extensão, desde a primeira reunião. Eu participei. Parece que as coisas estão escritas. Como diz a poesia, escrito nas estrelas. Eu saí da última reunião quando a Sandra de Deus (NR: pró-reitora de Extensão da UFRGS entre 2008 e 2020) disse que tinha acabado: "não vamos mais tratar mais da curricularização da extensão". Peguei um ônibus para casa, quando desci do ônibus, uma moto me atropelou e eu passei seis anos em uma cadeira de rodas.

Tem uma coisa que foi fundamental na trajetória na UFRGS, uma Ação de Extensão que permitiu todo esse meu trabalho: um curso de organização de eventos, organizado pela Márcia Barcelos, que era a chefe do Cerimonial, a jornalista Édina Rocha, e a Maria Aparecida Pires Nunes, que era RP do museu. Eu fiz esse curso, foi o que me deu subsídios para fazer todo esse trabalho. E, bem, o Portas Abertas no Instituto de Física sempre estava bombando, em virtude da formação que recebi com esse curso. Tínhamos 200 pessoas do IF trabalhando no evento, não sei quantas mil pessoas vinham, porque fazíamos um evento previamente muito bem organizado, pensando em tudo para receber bem a comunidade.

Revista da Extensão: Sempre foi a unidade com mais atividade.

Walberto Chuvas: Sim, muitas e com muita interatividade com o público. Numa dessas, fui procurado pelo vice-diretor do Instituto de Geociências, o professor Nelson Sambaqui Gruber, outro visionário, querido amigo e parceiro, e ele assim me falou: "Beto, queremos fazer o Portas Abertas do IGEO como o que acontece no Instituto de Física." E então eu dei uma assessoria, que agora também é outro sucesso.

Então, veio o acidente em 2018 e, assim mesmo, continuei trabalhando. Organizei o Portas Abertas em 2018, com a ajuda dedicada dos colegas Gabriel Perrone e Lara Elena, mesmo acamado. E, durante e a partir daí, como eu tinha um bom domínio do portal da extensão, como registros de projetos, elaboração de relatórios, como fazer, a programação das ações… Eu, mesmo afastado, continuei colaborando com vários colegas na elaboração, registro e execução de novos Projetos de Extensão do IF. Pelo fato de ficar em afastamento por um período de 720 dias, pelo Código Internacional de Doenças – CID, fui aposentado compulsoriamente.

Durante a pandemia, fui convidado pelas professoras do IF Ana Chies Santos, Cristina Furlanetto e Raquel Giulian, e registramos o Projeto de Extensão "Física nas Redes Sociais", um sucesso em número de acessos e participações do público. E agora está saindo do forno um projeto muito bonito: a exposição virtual Céus do Sul. Desde 2023, eu tenho trabalhado com a Daniela Pavani nesse projeto com uma bolsa CNPq, que finalizamos agora em novembro. Ficou primoroso! As pessoas envolvidas fizeram um belo trabalho e o conteúdo pode ser acessado no link: https://www.ufrgs.br/ceusdosul

Revista da Extensão: Beto, uma última pergunta: você vai receber o título de técnico-administrativo emérito da UFRGS. Qual a sensação a respeito disso?

Walberto Chuvas: Eu não sei. Eu não esperava nada disso. Eu nunca pensei nesse tipo de coisa. Foi iniciativa de uma querida professora do IF, Carolina Brito, parceira de muitos projetos. Minha filosofia é a seguinte: "estou a serviço do contribuinte brasileiro." Eu, por exemplo, tinha minha sala lá no Instituto de Física sempre aberta. Porque se eles, os alunos, pedissem para imprimir – um comprovante de matrícula para fazer o passe do ônibus – iam na minha sala. Havia uma fila na minha sala e eu dizia: "isso não é meu, é de vocês." Eu tinha três ou quatro computadores na minha sala, então, quando a biblioteca estava cheia, eles iam estudar lá. Eu sempre tinha três ou quatro assim, e minha porta sempre aberta. Tudo é patrimônio público, de todos, e eu estou a serviço do contribuinte brasileiro.

Eu tenho e eu tinha que fazer jus à situação de que, no momento em que um pai e uma mãe vão ao supermercado comprar um litro de leite, um quilo de "guisadinho" para levar alimento para a família, já estão pagando impostos. Mesmo aqueles que recebem o Bolsa Família pagam impostos. Porque o imposto está embutido nos alimentos, na eletricidade, na água, em tudo. Então, essa história de dizer "ah, nós pagamos impostos para dar dinheiro aos desafortunados" não é bem assim, porque todo mundo paga impostos. Então, se acontecesse: "ah, Beto, posso estudar aqui na sua sala?" Eu dizia: "isso não é meu, é de vocês."

Claro que temos que zelar pelo patrimônio público. Temos que zelar, principalmente, pela ética no serviço público, ter essa noção de que nós não somos a iniciativa privada. A iniciativa privada pode atropelar, pode fazer qualquer coisa para alcançar seus objetivos, por mais escusos que sejam. O serviço público, não. O serviço público tem que ter toda uma questão comportamental, de direitos, de deveres, porque ele é de todos, não é de um capitalista qualquer. O serviço público tem que ser regido pela ética, sobretudo.

Para finalizar, reafirmo que só alcançaremos nossos objetivos pelo trabalho coletivo e agradeço a todos os colegas servidores, estudantes da UFRGS, do Instituto de Física, das Pró-reitorias de Extensão (em especial à nobre professora Sandra de Deus) e Pesquisa, da UFRGSTV, da Caixola (Adriana Kowarick), da Gráfica da UFRGS (Joseane Ranzolin), da Assessoria de Comunicação e dos terceirizados (fundamentais em seu digno trabalho e muitas vezes invisíveis) que tornaram viável esse reconhecimento, que não é meu e sim de todos. ◂

SOS Acervos: relato de experiência extensionista no apoio ao salvamento de acervos museais e arquivísticos alagados em 2024

Andressa Barreto Secretti[1]; Gabriel Belisario Cicconi[1]; Gabriel Gaziero[2]; Gabriel Siviero Sibemberg[1]; Jheinnefer Nazário da Silveira[1]; Leticia Brandt Bauer[1]; Lucca Mota Sindeaux[1]; Tomaz Farina Escosteguy[1]
[1]Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IFCH/UFRGS
[2]Arquivo Público do Rio Grande do Sul
E-mail: leticiabbauer@gmail.com

Resumo

O artigo realiza um relato de experiência das atividades de apoio ao salvamento de acervos museais e arquivísticos alagados na cidade de Porto Alegre em 2024, que foram realizadas por estudantes extensionistas vinculados a três projetos de Extensão do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Relata o apoio às ações coordenadas pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul no que se refere aos acervos arquivísticos, bem como a colaboração nas medidas iniciais de proteção ao acervo arqueológico sob guarda do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, vinculado à Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. O artigo propõe breves comentários sobre as relações entre ameaças climáticas e preservação de acervos culturais, além de refletir sobre a experiência prática da atividade extensionista nas instituições em contexto de crise.

Palavras-chave: Acervo, museu, cultura, enchente.

Resumen

El artículo da cuenta de la experiencia de las actividades de apoyo al rescate de acervos museológicos y archivísticos inundados en la ciudad de Porto Alegre en 2024, realizadas por estudiantes vinculados a tres proyectos de extensión del Departamento de Historia del Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Informa sobre el apoyo a las acciones coordinadas por el Archivo Público del Estado de Rio Grande do Sul en relación con los acervos archivísticos, así como la colaboración en las medidas iniciales de protección del acervo arqueológico custodiado por el Museo Joaquim Felizardo de Porto Alegre, vinculado a la Secretaría Municipal de Cultura de Porto Alegre. El artículo ofrece breves comentarios sobre la relación entre las amenazas climáticas y la preservación de las colecciones culturales, además de reflexionar sobre la experiencia práctica del trabajo de extensión en instituciones en un contexto de crisis.

Palabras-llave: Colección, museo, cultura, inundación.

Introdução

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024 mobilizaram centenas de pessoas para apoio às múltiplas demandas oriundas da catástrofe climática. Nesse contexto, a Universidade fez-se presente por meio de diversos projetos e atuação de diferentes profissionais. Este artigo realiza um relato de experiência das atividades de apoio ao salvamento de acervos museais e arquivísticos alagados na cidade de Porto Alegre que foram realizadas por meio de três projetos de Extensão vinculados ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DH/ IFCH/ UFRGS), graças ao Edital de Fomento à Inserção Curricular para Enfrentamento da Calamidade Pública no RS.

O "Programa de Educação Patrimonial UFRGS - APERS" (PEP) resulta de uma parceria entre o Departamento de História e o Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS) que iniciou em 2008 e, desde então, mobiliza ensino, pesquisa e extensão por meio do desenvolvimento de atividades educativas voltadas ao público escolar a partir de acervo arquivístico do APERS. Em 2024, como desdobramento do PEP, foi criado o projeto "Arquivo para todos: acessibilidade para Educação Patrimonial em História", visando a inclusão de público com deficiência por meio de intervenções no espaço físico, material didático e capacitação de mediadores que atuam nas atividades educativas desenvolvidas no APERS. Já o projeto "Oficina de História", desenvolvido desde 2023, proporciona aos/às estudantes de História experiências práticas com o ofício do historiador, por meio de atividades em arquivos, museus, bibliotecas e escolas. O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, vinculado à Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre (MJF), é uma das instituições que integram o projeto.

Fortalecendo a parceria com as instituições que recebem estudantes extensionistas da Universidade, mobilizamos esforços para auxiliar nas atividades de salvamento de acervos atingidos pela enchente em Porto Alegre. Com as bolsas concedidas pela PROREXT, foi possível apoiar as ações coordenadas pelo APERS, bem como as medidas

iniciais de proteção ao acervo arqueológico sob guarda do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, cujo térreo foi alagado pelas águas que invadiram o bairro Cidade Baixa. As atividades foram supervisionadas pelos técnicos das instituições e pelas professoras coordenadoras dos projetos.

Acervos e crise climática

De acordo com a definição do Comitê de Conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM - CC), a conservação de acervos relaciona-se a todas as ações ou medidas que visam à salvaguarda de patrimônios culturais materiais, e a conservação preventiva, por sua vez, corresponde ao conjunto de medidas ou ações que visam evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas (ICOM, 2008). Esses pressupostos nunca deixaram de ser uma questão desafiadora no contexto brasileiro e os eventos extremos que temos enfrentado intensificaram fragilidades. O que presenciamos no cenário pós-enchentes mostrou que a gestão de riscos e a necessidade de planos de emergência para o salvamento de acervos não são uma etapa final do processo de qualificação institucional. Pelo contrário, são uma das únicas medidas que tornam possível a manutenção da existência dos documentos, independentemente dos materiais que os compõem.

É importante ressaltar que não estamos nos referindo unicamente a museus e arquivos, esses espaços que guardam acervos que são mais comumente identificados como "históricos". Também estamos nos referindo aos documentos e objetos que registram o cotidiano de repartições públicas, escolas e espaços culturais, por exemplo. Fichas funcionais, fotografias, protocolos, processos administrativos, correspondências e projetos, entre tantas outras tipologias, que foram total ou parcialmente destruídos pela água contaminada com as mais diferentes substâncias e microrganismos, ou pelo movimento dentro

Figura 1 - Extensionistas, voluntários e servidores estaduais no Centro Administrativo de Contingência durante o salvamento do acervo da Divisão de Terras Públicas da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária do Rio Grande do Sul
Fonte: Acervo pessoal de Gabriel Gaziero

de salas alagadas, para citarmos apenas alguns dos agentes de deterioração (ICC, 2009) que incidiram sobre esses acervos.

Após as enchentes ocorridas entre abril e junho de 2024 em Porto Alegre, o APERS mobilizou-se para prestar assessoramento técnico aos seguintes órgãos e entidades, os quais estavam ou poderiam estar em condição de risco: Casa Civil, DAER, FEPAM, IPE SAÚDE, IRGA, PGE, Portos RS, SEDUC, SES, SJCDH, SOP e SPGG (APERS, 2024). Todavia, essas são apenas 12 das 25 entidades que responderam ao formulário disponibilizado pelo Arquivo e preenchido pelas Secretarias e demais órgãos públicos estaduais.

É importante destacar que também responderam ao formulário o TJRS, MP, TCE, TRT4, além dos municípios de Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias do Sul, Montenegro, Cerro Branco, Rio Pardo, Esteio e Bento Gonçalves (APERS, 2024).

Entretanto, na capital do Estado do Rio Grande do Sul, assim como em diversas outras cidades de Estados brasileiros, não é só o risco de enchentes que ameaça a integridade de instituições e dos acervos históricos. A catástrofe ambiental presenciada no Estado gaúcho foi um acontecimento extremo, mas há outras ameaças aos arquivos e instituições custodiadoras de acervos, como é possível notar em reportagens sobre tal tema que antecedem, em anos, as enchentes.

Podemos ver dois exemplos disso nas matérias de Andressa Pufal para o *Jornal do Comércio*, que enfatizam a necessidade de investimento público nas instituições custodiadoras de acervos, e na de Cleber Tentardini para o *Jornal Já*, cujo texto expõe críticas sobre ideias de privatização do Jardim Botânico de Porto Alegre, assim como problemas estruturais já presentes no lugar por falta de verba destinada.

A falta de planejamento para lidar com eventos climáticos atingiu as mais diversas áreas e pode ser lida a partir das mais diferentes perspectivas. Em artigo sobre a relação entre a catástrofe climática e desigualdades sociais, a professora Fernanda Oliveira, do Departamento de História da UFRGS, ressaltou o perfil das pessoas atingidas mais gravemente pelas enchentes e a falta de planejamento do Estado, combinação que teve impacto direto na proporção dramática que as enchentes tomaram. Segundo a autora: "Essa tragédia poderia ter sido evitada, pelo menos em termos de proporções, caso os governos estadual e municipais tivessem seriamente investido em prevenção, manutenção e respostas, tendo por base o que ocorreu em setembro e novembro do ano passado, somado às pesquisas de hidrólogos e climatologistas que apontavam resultados catastróficos para a equação do El Niño e as altas temperaturas advindas das mudanças climáticas." (Oliveira, 2024, s.p.)

Fernanda Oliveira refere-se, principalmente, à população que foi vítima das catástrofes das enchentes no Rio Grande do Sul. Entretanto, tanto as pessoas quanto os arquivos e instituições responsáveis por acervos dependem das ações de um mesmo ente: o Estado. Como ressaltou o APERS, em nota técnica: "Infelizmente, as previsões são de novas catástrofes climáticas nos próximos anos. Assim, é fundamental que o Rio Grande do Sul tenha um plano de gestão de riscos aplicável a seus acervos arquivísticos, evitando tanto perdas informacionais quanto novos processos onerosos de salvamento e recuperação." (APERS, 2024, s.p.)

Foi nesse cenário que a atuação das extensões universitárias se fez presente. Além das nossas ações, mencionamos projetos como "Salvaguarda e Preservação de Patrimônios

Documentais: Cooperação Sépia e Instituições Culturais", vinculado ao grupo Sépia - Preservação, Memórias, Acervos (UFRGS/CNPq) e coordenado pela professora Vanessa Aquino (Museologia UFRGS); pelo grupo de pesquisa GADH - Gestão de Acervos e Direitos Humanos, liderado pelos professores Jeniffer Cuty e Henri Schrekker (UFRGS, CNPq); pelos projetos de extensão "Gestão de Riscos – Salvamento dos Acervos da Cidade de Muçum" e "Gestão Inovadora de Acervos da UFRGS – 2024", coordenados pela professora Jeniffer Cuty (Museologia UFRGS), além do projeto "História e Memória do Trabalho nas minas do carvão", coordenado pela professora Clarice Speranza (História UFRGS) e pela historiadora Liana Ribeiro (Museu do Carvão).

As atividades que descreveremos em seguida se inserem no âmbito da preservação da memória e da história dos habitantes, trabalhadores e cidadãos do Rio Grande do Sul. Através dessas ações, juntamente com outras iniciativas, não apenas pudemos contribuir com a preservação de fragmentos do passado que constituem a memória coletiva e individual de inúmeras pessoas, mas também poderemos futuramente analisar e atribuir significado à experiência das enchentes de maio.

A atuação do APERS no apoio às instituições do Estado

O Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul é o órgão gestor do Sistema de Arquivos do Estado e, como tal, é responsável pela proposição de normativas de gestão documental estadual, bem como por zelar pela preservação do patrimônio documental produzido no âmbito do Poder Executivo Estadual. A instituição, que faz a salvaguarda de mais de 21 milhões de documentos permanentes, não foi diretamente atingida pela enchente, embora a água que tomou o Centro Histórico de Porto Alegre tenha chegado a menos de 100 metros de seus portões. O mesmo não pode ser dito de outros acervos documentais do Estado, especialmente os intermediários e correntes, mas também permanentes ainda não recolhidos ao APERS. Majoritariamente armazenados em subsolos ou andares térreos, em prédios anexos ou garagens, os arquivos das Secretarias de Estado, das Fundações e Empresas Públicas, das Delegacias de Polícia, localizados nas áreas centrais da cidade, foram atingidos de forma massiva.

Para os arquivos tratados neste artigo, dá-se destaque à inundação dos bairros Menino Deus e Cidade Baixa a partir do dia 6 de maio de 2024, após o desligamento emergencial da energia que alimentava as casas de bombas ao longo da Orla do Guaíba, permitindo que a água extravasasse por bueiros e bocas de lobo e tomasse uma área repleta de prédios públicos, além de deslocar milhares de pessoas de suas casas. No que concerne às instituições estaduais, em levantamento realizado pelo APERS em junho de 2024, foram alagadas as dependências de 25 secretarias ou entidades estaduais, com um total de 31 arquivos atingidos parcial ou totalmente. A estimativa de volume de documentos atingidos supera as 100.000 caixas de arquivo (APERS, 2024).

Os arquivos estaduais objeto da ação emergencial aqui descrita foram alagados no dia 6 de maio, quando a água atingiu o prédio da Companhia Estadual de Silos e Armazéns (CESA), localizada na Avenida Praia de Belas, e o Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF), situado na Avenida Borges de Medeiros. No primeiro, em um prédio anexo aos fundos, estavam as 35 mapotecas, contendo cerca de 11 mil mapas da colonização do Estado e 530 livros de títulos de terras, sob custódia da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária, Divisão de Terras Públicas. No segundo, no subsolo, estavam 5.000 caixas de arquivo contendo processos administrativos da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Divisão de Protocolo.

O APERS atuou (e segue atuando) em várias frentes para lidar com o volume de documentação atingida durante a crise. Enquanto os arquivos permaneciam inacessíveis, organizou levantamento das instituições atingidas, campanha de doações, cadastro e qualificação de voluntários e elaborou documentos contendo orientações gerais para acervos atingidos pela enchente. Assim que a água baixou, passou a atuar diretamente nos acervos conforme o acesso a eles era liberado: o primeiro destes, privilegiado por essa condição, uma vez que contou com atenção total do APERS em meados de maio, foi o acervo de Terras Públicas. Para esse, foi organizada uma ação de secagem de documentos que angariou servidores públicos, bolsistas de extensão da UFRGS e cerca de 50 voluntários, dentre eles conservadores-restauradores, historiadores, museólogos, bibliotecários, geógrafos e estudantes de graduação.

Acervo da Divisão de Terras Públicas da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária do Rio Grande do Sul

O acervo da Divisão de Terras Públicas da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária do RS (DTP / SHRF) é composto por cerca de 11 mil documentos cartográficos, como mapas, plantas e planos. Esse acervo documenta a colonização do Estado do Rio Grande do Sul e conta com mapas que remontam ao século XIX, abrangendo todas as regiões do Estado. Trata-se, assim, de uma documentação valorosa e de bastante potencial historiográfico. No dia-a-dia da Secretaria de Estado, esses mapas são utilizados para a consulta dos servidores da Divisão de Terras Públicas, especialmente em questões relativas a terras devolutas e a usucapião.

Os documentos foram transportados para o Centro Administrativo de Contingência (CAC), local que serviu como sede do governo do Estado, onde se centralizou o planejamento de gestão de crise durante o período da enchente. A atividade extensionista consistiu na retirada cuidadosa dos documentos das mapotecas, pois os documentos tendiam a estar aderidos uns aos outros. Em seguida, eram pendurados individualmente em um varal para secar. Uma vez realizada a secagem, os mapas eram reacondicionados nas mapotecas higienizadas para a retirada da lama. Esse processo todo demorava dias, dependendo muito das condições climáticas e da quantidade de pessoas envolvidas no trabalho, pois, além dos bolsistas de extensão, a ação contava com voluntários.

Todo esse processo foi, de certa maneira, uma corrida contra o tempo, pois, caso os mapas secassem dentro da mapoteca, eles ficariam aderidos e a separação se tornaria quase impossível. Felizmente, a ação de retirada dos mapas e de secagem permitiu a recuperação de boa parte do acervo. No entanto, muitos mapas ficaram com marcas das sujeiras presentes na água da enchente, além dos ataques de diversos microrganismos; os casos mais graves foram os de mapas nos quais a tinta foi diluída pela água, implicando perda das informações do documento.

Acervo da Divisão de Protocolo da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão

A atividade extensionista orientada pelo APERS também partiu em auxílio ao Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF). Inaugurado em 1987, o CAFF é um Centro Administrativo que concentra em si os principais serviços que o Estado presta aos cidadãos. Segundo o portal da instituição, lá está reunido o maior número de Secretarias do Estado, totalizando 13 delas em seus 21 andares de estrutura, além de um anexo onde funciona a Secretaria Estadual de Educação e a Casa da OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre).

Dada a quantidade de andares e Secretarias do CAFF, bem como seu extenso espaço para funcionamento, não é surpreendente que a quantidade de documentos gerados pelos serviços prestados seja condizente. Uma quantidade numerosa de documentos e processos foram alocados no subsolo do CAFF. Durante as enchentes, o local foi inundado e permaneceu debaixo d'água por dias até que fosse possível realizar drenagem e remoção da documentação.

O acervo da Divisão de Protocolo da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, assim como o da Divisão de Terras Públicas, foi transportado para o CAC, onde a equipe de bolsistas extensionistas, professoras responsáveis pela ação e demais servidores envolvidos trabalharam para o salvamento emergencial da documentação atingida. Dada a quantidade de processos, primeiramente eles eram alocados numa área disponibilizada para isso, para depois serem analisados e realocados. A análise inicial foi realizada unicamente por arquivistas do CAFF, que averiguaram o conteúdo dos processos e documentos para decidir seu encaminhamento. Os conteúdos dos processos eram dos mais diversos, como muitos assuntos relacionados ao cotidiano das repartições públicas. Contudo, também havia assuntos de extrema importância.

Figura 2 - Mapas do acervo da Divisão de Terras Públicas da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária do Rio Grande do Sul colocados para secagem

Fonte: Gabriel Gaziero

Os documentos eram, então, remanejados para outro setor do espaço, onde nossa equipe os manuseou com delicadeza dada a fragilidade em que eles se encontravam.

Acervo Arqueológico do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Ao longo de julho de 2024, segundo mês de atuação nos acervos afetados pelas enchentes, a ação de extensão ocorreu no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, fundado em 13 de março de 1979. O Museu localiza-se na rua João Alfredo, 582, no bairro Cidade Baixa e está instalado no Solar Lopo Gonçalves, construído entre 1845 e 1853 para ser a residência de verão da família do comerciante português Lopo Gonçalves Bastos. O Solar é patrimônio cultural tombado pela prefeitura municipal de Porto Alegre desde 21 de dezembro de 1979.

Em 1993, o Museu de Porto Alegre passou a se chamar Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo em homenagem a Joaquim Felizardo, historiador, criador da Secretaria Municipal da Cultura e professor de História na educação básica e universitária, que foi politicamente reprimido durante a ditadura militar no Brasil. De acordo com Fernanda Bordin Tocchetto:

> "Mais recentemente, a Instituição passou a construir e a adotar uma abordagem mais inovadora e atual de museus de cidade, de modo que ela não seja entendida como voltada exclusivamente ao passado, servindo apenas como repositória da história de Porto Alegre, mas voltada ao seu presente, à sua diversidade e aos desafios e conflitos relacionados aos diferentes grupos sociais." (2020, p. 422)

A partir do site da Prefeitura de Porto Alegre, é possível acompanhar os serviços oferecidos, nos quais se encontram: visitas com mediação inclusiva com recursos de acessibilidade; visitas de escolas e grupos de ensino básico e superior; disponibilização de material pedagógico organizado em "Caixas de Memória" para professores; pesquisas no Acervo Arqueológico, no Acervo Fotográfico e no Acervo Tridimensional; realização de atividades e eventos no pátio; e visitação ao jardim aberta ao público.

Seu acervo é dividido em três setores. O Acervo Fotográfico corresponde à Fototeca Sioma Breitman, constituída por cerca de 9 mil imagens da cidade de Porto Alegre dos séculos XIX e XX, além de 400 cartões postais do início do século XX, e pelo Acervo Fotográfico Permanente da Coordenação de Comunicação Social. O Acervo Tridimensional é composto por mais de 1.300 objetos datados dos séculos XIX e XX, como, por exemplo, objetos de uso pessoal, objetos de decoração, instrumentos musicais, móveis e indumentária.

O Acervo Arqueológico, foco das ações de apoio realizadas, possui mais de 250 mil itens, entre os quais se encontram material cerâmico, lítico, ósseo, vítreo, metálico, couro, louça, além de remanescentes humanos. Tais materiais são oriundos de áreas de ocupação indígena anteriores à colonização europeia, assim como de sítios do período entre os séculos XVIII e XX.

A enchente chegou a uma altura de 90 centímetros no andar térreo do Museu, onde o material arqueológico é guardado. O espaço é organizado em cerca de 50 estantes com 6 prateleiras cada, onde são colocadas caixas de polietileno que totalizam aproximadamente mil unidades com o material, além de arquivos deslizantes. A água atingiu as duas prateleiras mais baixas de todas as estantes. Com a utilização de EPI adequados e, principalmente, botas e galochas devido à lama ainda presente no andar térreo, a principal ação realizada foi a retirada das caixas que não foram atingidas e o seu transporte para o andar superior, onde foram montadas estantes provisórias, buscando sempre manter a organização por sítios.

Além disso, houve casos de prateleiras parcialmente atingidas, em que a água não entrou nas caixas e o material se manteve nas condições adequadas. Nessas ocasiões, o recomendado foi realizar a transferência para caixas limpas e devidamente secas, o que possibilitou um contato ainda mais próximo com os fragmentos históricos e com o cuidado que deve haver ao manuseá-los. As caixas sujas e então vazias passaram por limpeza, secagem ao ar livre e desinfecção para poderem ser reutilizadas na transferência.

Ainda há muito a ser feito no que concerne ao

tratamento do acervo arqueológico afetado, principalmente devido ao volume de trabalho e ao nível de cuidado e detalhe que ele requer, mas também existe muita satisfação ao observar que a ação extensionista pôde prestar auxílio ao Museu em um momento inicial. Recentemente, o Museu contratou equipe especializada para tratamento do acervo atingido.

Figura 3 - Finalização dos trabalhos de apoio ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Fonte: Acervo pessoal de Luciana Brito

Considerações finais: sociedade, formação e experiência extensionista

As ações de extensão têm um histórico de mais ou menos um século no Brasil, mas apenas na última década passaram a fazer parte integrante dos currículos de graduação (Fontenele, 2024). Ao longo da maior parte desse período, a extensão foi vista sob uma perspectiva extensionista que pressupõe uma transmissão vertical e unilateral do saber. Atualmente, porém, uma outra concepção vem orientando essa discussão. Partindo da perspectiva dialógica e comunicativa, é possível entender a extensão como "um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade" (Forproex, 2012, p. 15) e não poderia ser diferente, dado que o saber não se constitui fora do espaço e do tempo, tampouco os acadêmicos estão alheios à sociedade.

A separação entre universidade e sociedade só pode fazer sentido enquanto recurso analítico, e não se pode pensar a extensão sem levar em conta um todo integrado e dinâmico em constante movimento. Segue-se daí que a comunidade à qual se direciona o projeto de extensão não pode ser presumida; ela deve ser ativamente conformada pela prática extensionista e, ao mesmo tempo, deve orientá-la, uma vez que os proponentes, sejam docentes, discentes ou outros, são seres sociais que circulam para além do ambiente acadêmico. Não são raras as vezes em que se percebe a disjunção entre uma proposta e as necessidades e demandas do conjunto dos indivíduos reais quando não são ouvidas todas as partes envolvidas no projeto.

Embora a curricularização da Extensão só tenha entrado em vigor oficialmente na UFRGS em 2021, ela já era considerada um dos pilares que representam a formação acadêmica da Universidade, sendo componente essencial de projetos solidificados e duradouros, como o PEP UFRGS - APERS mencionado previamente. A UFRGS tem como base o Tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, ou seja, carrega em sua essência estes aspectos como prioritários na formação estudantil. Com a Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, regimentada pela Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, para a diplomação do aluno, é necessário que 10% da carga horária de seu curso seja executada em atividades de Extensão, sejam esses Programas, Projetos ou Cursos, integrando a matriz curricular do curso. Embora esta quantidade de horas não pareça um número exorbitante comparado ao total, e de fato não é, ainda assim acaba se acumulando com outros requisitos e critérios que incidem sobre a graduação do aluno.

Apesar de a Extensão ser considerada um dos pilares da UFRGS, por muito tempo esteve em menor evidência em relação à pesquisa e ao ensino. Felizmente, a tendência recente é um aumento nas atividades relacionadas à Extensão, com disciplinas ofertadas na graduação, aumento nas bolsas sendo disponibilizadas e vários projetos de extensão tendo participação intensa de alunos da graduação.

Ao participar de ações de Extensão como esta, foi possível notar o valor e a importância da atuação extensionista na formação acadêmica. Além de contribuição relevante no apoio às ações de salvamento realizadas pelo APERS e pelo MJF, foram vivenciadas oportunidades de aprendizado no que se refere à gestão documental em contexto de crise, bem como ao contato com acervos de alta relevância para a história do Estado do RS. Ao mesmo tempo, essas ações possibilitaram contato direto com aquilo que no futuro poderá ser parte de nossa prática profissional como historiadores/as. Mais que isso, possibilitam o encontro com diferentes profissionais e instituições e tornam viável a atuação nesses locais. Seja manuseando mapas da Divisão de Terras Públicas e participando de seu processo de salvamento, seja remanejando e transportando objetos históricos de nossa cidade no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, podemos afirmar que toda a experiência adquirida durante estas etapas foi rica, tanto para a formação acadêmica e profissional quanto para a experiência extensionista. ◂

Referências Bibliográficas

APERS. Nota técnica sobre salvamento e recuperação de documentos atingidos pelas enchentes de 2024. Porto Alegre: SPGG, 25 jun. 2024. Disponível em: https://www.apers.rs.gov.br/upload/arquivos/202407/08141514-nota-tecnica-salvamento-recuperacao-documentos-atingidos-enchentes.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FONTENELE, Iolanda Carvalho. A curricularização da extensão no Brasil. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 27, e97067, 2024.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012.

ICOM-CC. Terminologia para a conservação do patrimônio cultural tangível. In: *Boletim Eletrônico ABRACOR*, n. 1, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://antoniomirabile.com/images/competence/56bf5dfd06e968.57668508-areservatecnicatambememuseu.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

ICC. Agentes de deterioro. Disponível em: https://www.cncr.gob.cl/noticias/agentes-de-deterioro-instituto-canadiense-de-conservacion-icc. Acesso em: 27 out. 2024.

OLIVEIRA, Fernanda. Enchentes no RS têm muito a dizer sobre as injustiças climáticas. *UOL Notícias*, 6 maio 2024. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/presenca-historica/2024/05/06/enchentes-no-rs-tem-muito-a-dizer-sobre-as-injusticas-climaticas.htm. Acesso em: 26 out. 2024.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. A formação da coleção arqueológica do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo e as práticas de gestão implementadas. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 419-435, 2020.

Recreação e bem-estar:
a importância dos cachorródromos nos abrigos para cães resgatados das enchentes de maio de 2024

Rodrigo de Oliveira Corrêa da Cunha Herrmann[1]; Rafaella Sanfelice Normann[1]; Bruna Selau[1]; Laura Panej Simões da Luz[2]; Maria Gabriela Scoloski Fassina[1]; Sofia Turatti dos Santos[1]; Sílvia Elisandra Bitelo Nunes[1]; Marjoriane de Amaral[1]; Marcelo de Lacerda Grillo[1]; Anapaula Sommer Vinagre[1]
[1]Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ICBS/UFRGS
[2]Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Direito/UFRGS
E-mail: anapaula.vinagre@ufrgs.br

Resumo

Nas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul (RS), cerca de 12 mil animais foram resgatados e destinados a abrigos. Porém, um abrigo pode ser estressante devido ao espaço limitado, ao alto fluxo de pessoas, ao acúmulo de animais e às vocalizações excessivas. Diante disso, criamos emergencialmente um projeto multidisciplinar, em parceria com o Abrigo Casa 420, em Porto Alegre, visando a construção de um espaço recreativo interno (cachorródromo) para os animais gastarem energia e ficarem soltos para brincar e interagir com objetos elaborados para enriquecimento ambiental. Etogramas avaliaram o comportamento dos animais após a implementação do espaço (n=22). Observou-se que o espaço foi explorado em todos os quadrantes pelos animais e que todos os brinquedos foram utilizados, demonstrando interesse por objetos que os estimulam de forma cognitiva e sensorial. Por meio de formulários (n=21), todos os voluntários concordaram que o cachorródromo promoveu uma melhora no bem-estar dos animais confinados, revelando-se uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade de vida dos animais

Palavras-chave: Abrigo, animal, enchente, qualidade de vida.

Resumen

En las inundaciones de mayo de 2024 en el estado de Rio Grande do Sul (RS), aproximadamente 12,000 animales fueron rescatados y enviados a refugios. Sin embargo, estos espacios pueden ser estresantes debido al espacio limitado, al alto flujo de personas, a la acumulación de animales y a las vocalizaciones excesivas. Por ello, creamos de manera emergente un proyecto multidisciplinario en colaboración con el Refugio Casa 420, en Porto Alegre, para construir un espacio recreativo interno donde los animales puedan gastar energía, estar sueltos e interactuar con objetos diseñados para el enriquecimiento ambiental. Etogramas evaluaron el comportamiento de los animales tras la implementación del espacio (n=22). Se observó que este fue explorado en todos los cuadrantes, y que todos los objetos de enriquecimiento fueron utilizados, mostrando interés por aquellos que los estimulan cognitiva y sensorialmente. A través de formularios (n=21), todos los voluntarios coincidieron en que el espacio recreativo mejoró el bienestar de los animales, revelándose como una estrategia eficaz para mejorar su calidad de vida.

Palabras clave: Refugio, animal, inundación, calidad vida.

Introdução

Eventos climáticos extremos, como chuvas intensas, podem causar enchentes que agravam as desigualdades sociais e econômicas, afetando mais severamente áreas com infraestrutura precária e populações vulneráveis. Essas ocorrências destacam fragilidades sociais e demandam políticas públicas que promovam resiliência e justiça social (Flores *et al.*, 2024). As chuvas que causaram inundações em 476 municípios do Rio Grande do Sul (RS) durante o mês de maio de 2024 trouxeram consequências ambientais, sociais e culturais ainda imensuráveis. Nesse período, 476 municípios foram afetados, 30.442 pessoas ficaram desabrigadas, 2.392.686 foram afetadas direta ou indiretamente, e 12.543 animais de diversas espécies foram resgatados (Defesa Civil, 2024).

Indivíduos que enfrentam a experiência devastadora de uma catástrofe climática muitas vezes lidam não apenas com ferimentos físicos, mas também com uma série de impactos emocionais e psicológicos. Pessoas expostas a traumas podem desenvolver transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), depressão, ansiedade e outras condições de saúde mental, muitas vezes sem diagnóstico. Esses transtornos afetam a qualidade de vida, exigindo suporte psicológico especializado e intervenções adequadas para lidar com os desafios emocionais (Flores *et al.*, 2024).

Quando se trata de animais, não se sabe ao certo quais são as consequências psicológicas desse tipo de acontecimento. Entretanto, está bem estabelecido na literatura que os cães, assim como outros animais, são seres sencientes, ou seja, são capazes de se perceberem como indivíduos e de manifestar sentimentos como tristeza, dor, melancolia e medo (Flores *et al.*, 2024).

Para acolher os animais resgatados da enchente, de forma emergencial, as comunidades e as prefeituras mobilizaram-se para criar abrigos

com baias individualizadas improvisadas. Apesar do esforço dos voluntários, o ambiente de um abrigo é extremamente estressante tanto para os animais quanto para os voluntários, devido ao fluxo intenso de pessoas e animais e ao excesso de vocalização dos animais.

Figura 1 - Animais acomodados presos em baias improvisadas

Fonte: Autores

Pesquisas mostram que a permanência prolongada de cães em abrigos pode prejudicar seu bem-estar físico e psicológico. A falta de espaço, de interações sociais e a exposição contínua ao estresse contribuem para a queda na qualidade de vida, levando a comportamentos compulsivos e ansiedade, dificultando sua adaptação futura em lares temporários ou definitivos (Arena *et al.*, 2019). Dessa forma, a implementação de um protocolo de bem-estar adequado requer, de maneira fundamental, a inclusão de estratégias contínuas de vigilância e avaliação. Esses elementos são essenciais para garantir que as condições de vida estejam de acordo com os padrões desejados e que qualquer necessidade de ajuste ou intervenção seja rapidamente identificada. A vigilância regular permite monitorar de forma ativa o ambiente e a saúde dos indivíduos, enquanto a avaliação constante possibilita uma análise detalhada dos resultados obtidos, contribuindo para melhorias contínuas e para a adaptação dos procedimentos às necessidades específicas de cada situação.

O estresse é uma resposta natural do organismo frente a situações que, em sua maioria, são percebidas de forma subjetiva e negativa, desencadeando uma série de reações fisiológicas destinadas a ajudar o indivíduo a enfrentar um desafio. Essa resposta envolve a liberação de hormônios como a adrenalina e o cortisol, que preparam o corpo para lidar com ameaças ou pressões. O estresse crônico, quando prolongado, pode ter efeitos prejudiciais à saúde, causando alterações metabólicas, desequilíbrios hormonais, ganho de peso e problemas digestivos. Além disso, enfraquece o sistema imunológico, reduzindo a capacidade de defesa do corpo contra infecções e doenças, aumentando a vulnerabilidade a patologias (Piqueras *et al.*, 2000).

Entre as mais comuns, destaca-se o aumento do risco de doenças cardiovasculares, como hipertensão, infartos e insuficiência cardíaca, devido ao impacto prolongado do estresse sobre o sistema circulatório. Além disso, há uma maior predisposição ao surgimento do diabetes tipo 2, já que o desequilíbrio hormonal, especialmente envolvendo o cortisol, pode interferir na regulação dos níveis de glicose no sangue. No âmbito cognitivo, é comum observar uma aceleração do processo de perda de memória e outras funções mentais, o que pode levar a quadros de declínio cognitivo precoce. Paralelamente, condições de ordem psicológica, como a depressão, tornam-se mais prevalentes, afetando profundamente a qualidade de vida e o bem-estar emocional, uma vez que o indivíduo pode desenvolver sentimentos persistentes de tristeza, desânimo e perda de interesse nas atividades cotidianas.

Um dos aspectos mais preocupantes relacionados à permanência prolongada dos animais em abrigos é o surgimento de uma série de patologias físicas que podem prejudicar gravemente sua saúde e bem-estar geral. As condições oferecidas por esses ambientes nem sempre são ideais, e isso acaba impactando negativamente os animais, tanto em termos nutricionais quanto na qualidade do espaço em que vivem. Diversos estudos demonstram que, em razão de uma dieta frequentemente inadequada e da exposição contínua a um ambiente carregado de estresse, há uma conexão direta com a deterioração do escore de condição corporal (ECC) dos animais. O ECC é um indicador da saúde nutricional que avalia a gordura e massa muscular dos animais. Desvios indicam obesidade ou desnutrição, ambos prejudiciais, pois causam problemas metabólicos, baixa imunidade e maior vulnerabilidade a doenças. A falta de nutrientes essenciais e o estresse do confinamento enfraquecem a saúde e comprometem a recuperação dos animais (Arena *et al.*, 2019).

Além das dificuldades relacionadas à alimentação e ao estresse, a convivência prolongada em abrigos também está associada a uma maior ocorrência de problemas dermatológicos. A alta incidência de patologias cutâneas, como dermatites, infecções bacterianas, fúngicas e alergias, é um reflexo da inadequação do material utilizado nos abrigos e da falta de atenção à higiene dos espaços. Em muitos casos, superfícies ásperas ou inadequadas para o contato direto com a pele dos animais causam atrito constante, gerando feridas, irritações e áreas de inflamação. Se essas lesões não recebem o devido tratamento, podem evoluir rapidamente para infecções mais sérias, necessitando de cuidados veterinários especializados. Além disso, o ambiente dos abrigos, quando mal higienizado, se torna um terreno fértil para a proliferação de organismos patogênicos, como fungos, parasitas e bactérias, que se espalham com facilidade, resultando em surtos de doenças contagiosas e aumentando ainda mais o sofrimento dos animais já debilitados (Arena *et al.*, 2019).

Diante desse cenário, é evidente a necessidade de se repensar as práticas de manejo e cuidado nos abrigos, de forma a proporcionar um ambiente mais favorável à recuperação e à saúde dos animais. Isso implica oferecer uma alimentação mais balanceada e rica em nutrientes, capaz de atender às exigências de cada espécie e fase de vida dos animais, bem como garantir um espaço físico que seja limpo, seguro e enriquecido com estímulos que reduzam o estresse. Investir em materiais apropriados para as áreas de descanso e na manutenção rigorosa da higiene dos abrigos pode prevenir o surgimento de muitas doenças cutâneas e melhorar a qualidade de vida dos animais. Assim, a combinação de uma dieta nutritiva e um ambiente adequadamente estruturado pode minimizar significativamente a incidência de patologias, proporcionando aos animais em situação de abrigo um maior bem-estar e uma melhor chance de encontrar um novo lar de forma saudável e equilibrada (Arena *et al.*, 2019).

Para amenizar o estresse que frequentemente acomete animais mantidos em condições de confinamento, uma das abordagens mais eficazes e amplamente reconhecidas é a implementação do enriquecimento ambiental. Essa estratégia consiste em um planejamento cuidadoso e bem estruturado que visa promover uma série de modificações significativas no espaço em que os animais vivem. A ideia central do enriquecimento ambiental é utilizar recursos e técnicas acessíveis que estimulem a manifestação de comportamentos naturais, permitindo que os animais expressem suas habilidades instintivas e se engajem em atividades que são essenciais para seu bem-estar (Boere, 2001).

O enriquecimento ambiental envolve a introdução de estruturas para escalar, objetos para roer e espaços que incentivem a exploração. Também inclui estímulos sensoriais, como diferentes texturas, aromas e sons, promovendo a curiosidade e interação dos animais. Esse enriquecimento facilita atividades físicas essenciais, como correr, saltar e brincar, além de manter os animais mentalmente alertas por meio de estímulos sensoriais (Boere, 2001).

Outro aspecto importante do enriquecimento ambiental é a promoção de atividades cognitivas, que envolvem o uso de habilidades de resolução de problemas. Isso pode ser feito por meio da introdução de desafios, como brinquedos que liberam comida apenas quando manipulados de certas maneiras, ou mesmo a criação de jogos que exijam raciocínio e criatividade. Essas atividades cognitivas são fundamentais para evitar o tédio e a apatia, que são comuns em animais confinados, e ajudam a aliviar os efeitos do estresse ao manter os animais engajados e mentalmente ativos (Boere, 2001).

Em suma, o enriquecimento ambiental é uma ferramenta crucial que, quando bem implementada, proporciona um ambiente mais rico e estimulante para os animais. Isso não apenas contribui para a melhoria de sua qualidade de vida, mas também ajuda a prevenir o desenvolvimento de comportamentos indesejados que podem surgir em resposta ao estresse crônico. Por meio dessas intervenções, os animais conseguem experimentar um maior bem-estar, ao mesmo tempo em que mantêm sua saúde física e mental, resultando em um ambiente mais harmonioso e equilibrado até que possam ser adotados ou reintegrados em um novo lar.

Espaços recreativos para cães, conhecidos como "cachorródromos", são usados em áreas públicas e privadas para promover exercícios, interação social e contato com a natureza. Estudos mostram que a interação entre cães e humanos reduz o estresse e melhora o bem-estar dos animais, especialmente em abrigos. Uma pesquisa específica revelou que apenas 30 minutos de interação humana reduziram significativamente os níveis de cortisol, um hormônio associado ao estresse, e que uma interação de 15 minutos no segundo dia teve efeitos semelhantes. Isso indica que interações curtas podem ter um impacto positivo e duradouro na saúde emocional dos cães (Willen *et a*l., 2017).

Os efeitos da interação social não se limitam apenas à redução dos níveis de cortisol. Os pesquisadores também observaram mudanças significativas no comportamento dos cães. Sinais de excitação, como vocalizações excessivas, ofego e tentativas de fuga, que frequentemente indicam um estado elevado de estresse ou ansiedade, foram significativamente reduzidos após as sessões de interação. Isso indica que a presença humana e o engajamento social ajudam a acalmar os animais, tornando-os mais relaxados e confortáveis em seu ambiente (Willen *et al*., 2017).

Por outro lado, o comportamento de abanar o rabo, que é um sinal claro de alegria e contentamento entre os cães, aumentou de forma significativa durante e após essas interações. Essa mudança de comportamento é um forte indicativo de que os cães se sentiram mais felizes e seguros quando tiveram a oportunidade de se conectar com os humanos. Tais resultados ressaltam a importância de promover momentos de socialização e interação nos abrigos, uma vez que essas práticas não apenas melhoram a saúde mental dos cães, mas também contribuem para a criação de um ambiente mais positivo e acolhedor, facilitando a adaptação e a eventual adoção dos animais (Willen *et al*., 2017).

Em resumo, essas descobertas sublinham a relevância do contato humano para o bem-estar dos cães em abrigos, destacando a necessidade de incluir práticas de interação social como parte integrante dos cuidados prestados a esses animais em situação vulnerável.

A falta de interação social é um fator que pode contribuir para uma série de problemas comportamentais, resultando em consequências negativas tanto para o bem-estar dos animais quanto para a dinâmica do ambiente em que vivem. Quando os cães não têm a oportunidade de se relacionar e interagir com pessoas e com outros cães, eles podem começar a desenvolver comportamentos indesejados, como ansiedade, agressividade e até mesmo apatia (Arena *et al*., 2019).

A privação social pode gerar uma série de desafios comportamentais que afetam a maneira como os animais se comportam em diferentes situações. Por exemplo, cães que não têm contato com outros cães podem se tornar temerosos ou hostis quando se deparam com outros animais, uma vez que não estão familiarizados com as interações sociais caninas normais. Esse medo pode levar a reações exageradas, como latidos excessivos ou tentativas de fuga, dificultando não apenas o convívio com outros cães, mas também o seu bem-estar geral (Arena *et al*., 2019).

Portanto, é fundamental reconhecer a importância do contato social para a saúde mental e emocional dos animais. Em suma, a interação social não apenas enriquece a vida dos cães, mas também desempenha um papel crucial em sua adaptação e na manutenção de seu bem-estar psicológico e emocional. Por isso, espaços para socialização são essenciais para melhorar a qualidade de vida dos animais domésticos.

Diante desse contexto e cientes da importância do papel da universidade na sociedade, foi criada uma ação de extensão em caráter emergencial, visando melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos animais abrigados no 'Abrigo Casa 420', localizado na Avenida Cristiano Fischer, 420, em Porto Alegre (RS). Para isso, a equipe executora priorizou a transdisciplinaridade, aproveitando as principais habilidades de cada integrante. Dessa forma, a equipe de extensão foi composta por professores e alunos dos cursos de Biologia, Biomedicina, Direito e Medicina Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O principal objetivo desse projeto de extensão foi realizar a construção de um espaço recreativo para permitir que os animais ficassem soltos, interagissem com outros cães, pessoas e possíveis tutores, além de receberem estímulos de enriquecimento ambiental.

A construção e a execução

Figura 2 - Galpão do Abrigo Casa 420 antes da construção do espaço recreativo

Fonte: Autores

Figura 3 - Espaço recreativo pronto

Fonte: Autores

Após a aprovação da ação de extensão intitulada “Recreação no Abrigo Canino Casa 420” pela COMEX do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), em caráter emergencial (UFRGS 54493), o projeto passou a ser divulgado nos perfis do Instagram: @fisiovetufrgs e @lamec_ufrgs, com o objetivo de apresentar o trabalho e atrair novos extensionistas da UFRGS e voluntários da comunidade. Após a captação de voluntários, foi elaborada uma apresentação para fornecer à equipe uma base de conhecimento e referências sobre os direitos dos animais, cuidados com os animais, enriquecimento ambiental e formas de avaliação para verificar se o enriquecimento aplicado foi, de fato, eficaz.

O abrigo Casa 420 dispunha de um ambiente amplo, que foi disponibilizado para o espaço recreativo (cachorródromo), construído com materiais reutilizados provenientes de doações, pois a ação foi concebida principalmente como um projeto ecológico e sem custos adicionais.

Dessa forma, foram utilizados pallets para estruturar as paredes do espaço e tábuas de madeira para garantir a estabilidade. Para limitar a visão dos animais para as baias e o exterior do espaço, foram usadas folhas de EVA para cobrir os vãos entre as madeiras dos pallets. No chão, foi utilizada lona ou piso de borracha para facilitar a limpeza em caso de urina ou fezes dos animais. Também foram usados estímulos auditivos com música, com o objetivo de manter os animais calmos e ajudá-los a dormir tranquilamente enquanto estavam nas baias. Estudos sobre musicoterapia voltada para o bem-estar animal mostram que os efeitos variam conforme o tipo de música utilizada. De modo geral, a exposição à música clássica tende a exercer um efeito calmante sobre cães em ambientes estressantes (Lindig *et al.*, 2020).

Após a construção do espaço, foi realizada uma análise comportamental, por meio de etogramas, para examinar a interação de cada animal, individualmente, dentro desse novo espaço. Para essa análise, o espaço foi dividido em quatro quadrantes, cada um com diferentes objetos para interação cognitiva, alimentar, olfativa ou social (bolinhas, monitores, garrafa PET furada com ração e orégano, casco de gado escondido com amendoim, casco de gado escondido com sachê). Os animais permaneciam no cachorródromo por 10 minutos, e, durante os tempos 0, 5 e 10 minutos, era anotado o quadrante e o tipo de interação que o animal demonstrava interesse.

Além disso, foi elaborado um formulário (Google Forms) para que os voluntários externos à UFRGS avaliassem a atuação dos extensionistas, a eficácia do projeto e o envolvimento dos participantes. O formulário foi enviado ao grupo geral dos voluntários do abrigo pelo WhatsApp (122 membros); porém, apenas 21 pessoas responderam ao questionário. O formulário continha sete afirmações que os participantes deveriam ler e responder se concordavam, concordavam parcialmente, eram neutros (nem concordavam nem discordavam), discordavam ou discordavam totalmente. Ao final do formulário, havia um espaço para que os participantes colocassem suas opiniões (críticas, sugestões, observações) sobre a ação.

Resultados

Quando esse projeto foi proposto como ação de extensão à COMEX do ICBS, estava prevista a participação de 7 extensionistas. Após a divulgação nas redes sociais, a equipe conseguiu captar novos membros, ficando composta por 3 professores do Departamento de Fisiologia (ICBS), 4 alunos de Programas de Pós-Graduação (PPGs) do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS): Bioquímica, Fisiologia e Neurociências e 9 alunas de cursos de graduação (Biologia, Biomedicina, Direito e Medicina Veterinária), caracterizando uma equipe multidisciplinar de 16 integrantes. O trabalho também chamou a atenção de professores de escolas de ensino médio, resultando na visita de 1 professora e 15 alunos voluntários do Colégio São Judas Tadeu de Porto Alegre. Isso demonstra que o uso das redes sociais é realmente eficaz na divulgação científica e na captação de pessoas para trabalhos sociais importantes.

No início do projeto, os animais estavam extremamente estressados, acomodados em baias improvisadas e pequenas para a maioria deles. A construção do cachorródromo possibilitou a sua utilização como espaço para brincadeiras com os animais. Em virtude do número de voluntários externos à UFRGS ter diminuído progressivamente com o passar dos dias, as atividades dos extensionistas foram adaptadas, passando a atuar não apenas nas atividades no espaço recreativo, mas também na manutenção básica do abrigo. Assim, o grupo passou a se dividir entre alimentar, fornecer água, limpar as baias e levar os cães para passear três vezes ao dia. A participação dos extensionistas nessas atividades de manutenção auxiliou o abrigo a permanecer aberto por um maior período.

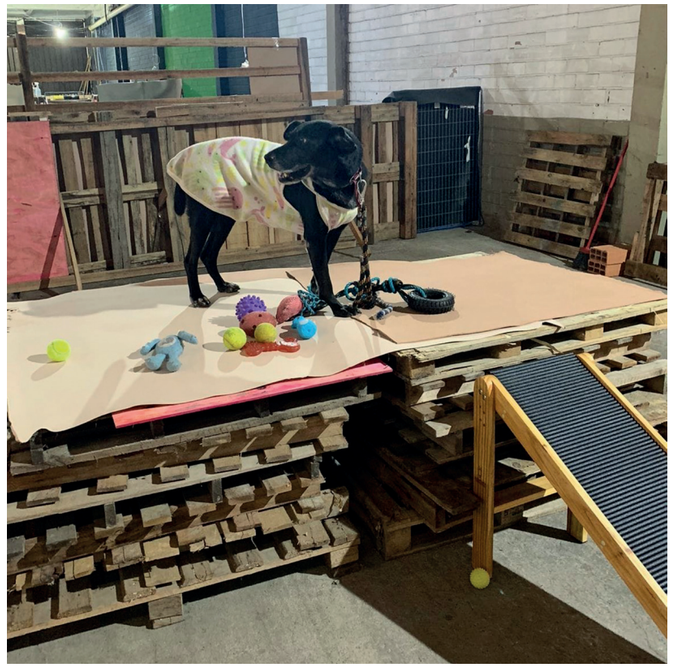


Figura 4 - Cão brincando no cachorródromo
Fonte: Autores

Para a análise comportamental dos animais por meio de etogramas, foram utilizados todos os animais saudáveis presentes no abrigo no dia do teste (n=22), dos quais 63,6% eram machos e 36,4% fêmeas. Entre eles, 54,5% eram inteiros (não castrados), 31,8% estavam indefinidos e 13,6% eram castrados. No primeiro momento (0 min), 50% permaneceram no quadrante 1, 36,4% no quadrante 2 e 13,6% no quadrante 4; 36,4% exploraram o ambiente, 22,7% preferiram interagir com a garrafa de ração e orégano, 9,1% interagiram com bolinhas, 9,1% com os monitores, 9,1% com o casco de gado com amendoim, 9,1% urinaram e 4,5% pediram para sair. No tempo de 5 min, 36,4% permaneceram no quadrante 2, 27,3% no quadrante 4, 18,2% no quadrante 3 e 18,2% no quadrante 1; 40,9% interagiram com a garrafa de ração e orégano, 18,2% com o casco de gado com amendoim, 13,6% com o casco de gado com sachê, 13,6% interagiram com os monitores, 9,1% brincaram com bolinhas, 9,1% exploraram o ambiente e 4,5% pediram para sair. No tempo de 10 min, 45,5% utilizaram o quadrante 2, 27,3% o quadrante 1, 13,6% o quadrante 3 e 13,6% o quadrante 4; 31,8% interagiram com o casco de gado e amendoim, 27,7% com os monitores, 22,7% com a garrafa PET de ração e orégano, 18,2% pediram para sair, 4,5% exploraram o ambiente e 4,5% interagiram com bolinhas. O número de vezes que os animais utilizaram cada enriquecimento

ambiental está na Figura 5.

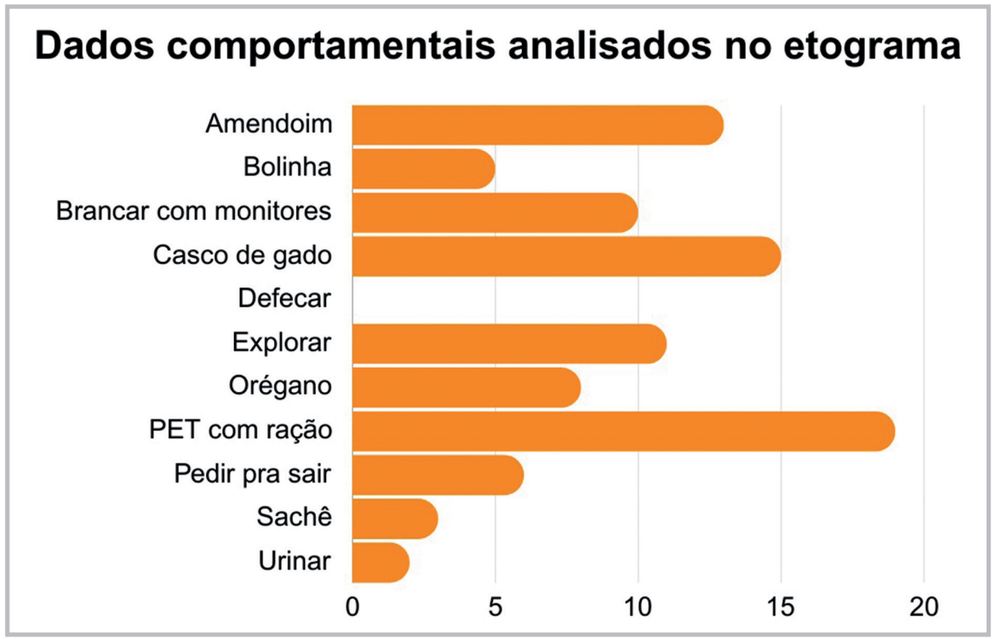


Figura 5 - Número de interações dos animais com cada tipo de objeto de enriquecimento ambiental durante a análise de 10 minutos

Fonte: Autores

O formulário para avaliação da ação de extensão revelou que 100% dos participantes concordaram que a construção do cachorródromo promoveu a melhoria do bem-estar dos animais e que a criação de espaços recreativos pode ser uma ferramenta eficaz para reduzir o estresse de animais confinados. Dentre os participantes, 95,2% concordaram que o espaço se tornou eficaz para reduzir o estresse dos animais em dias de chuva e que os animais demonstram interesse em brincar nele. Apenas uma pessoa (4,8%) concordou parcialmente com essas afirmações. Similarmente, 95,2% dos participantes concordaram que a ação promovida pelo projeto de extensão melhorou a condição de vida dos animais, enquanto 4,8% foram neutros em relação a essa afirmação. Quanto ao engajamento dos alunos e professores da UFRGS no projeto, 95,2% concordaram que a equipe da UFRGS demonstrou engajamento, sendo que apenas uma pessoa discordou totalmente. No espaço disponível para inserir opiniões sobre o projeto, foram recebidos muitos elogios.

Finalmente, os extensionistas também ajudaram a organizar uma feira de adoção com a temática junina, transportaram os cães para locais onde eles receberam banho e foram fotografados para ajudar na divulgação. Como resultado dessa feira, 4 cães foram adotados, sendo 3 por extensionistas.

Considerações finais

Diante da situação de calamidade pública que afetou o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul não poderia ficar isenta, e a possibilidade de criar um projeto de extensão emergencial permitiu que a comunidade acadêmica

Figura 6 - Cão após o banho para divulgação da feira de adoção

Fonte: Thainá Lopes Machado

utilizasse sua experiência universitária em prol da sociedade. Os integrantes dessa ação de extensão auxiliaram na manutenção, de forma voluntária, das atividades do abrigo Casa 420 e na construção de um espaço recreativo e interativo para os cães abrigados nesse local. O Abrigo Casa 420, em seus três meses de funcionamento, manteve cerca de 320 animais, sendo que apenas sete não tiveram adotantes ou tutores reconhecidos no momento do encerramento.

A construção do espaço recreativo foi fundamental para a redução do estresse dos animais, que demonstraram grande interesse em brincar, correr e interagir com os monitores livremente. A utilização do espaço para a interação entre possíveis adotantes e animais superou as expectativas, permitindo que as pessoas passassem um tempo com os animais e identificassem o melhor perfil para a família, considerando o espaço físico disponível na casa da pessoa, a compatibilidade com a energia do animal, a questão da agressividade com outros animais e as necessidades de carinho e atenção. Essa interação prévia do possível tutor com o animal proporciona um maior sucesso na adoção.

Além disso, durante o período da ação, foi possível organizar feiras de adoção em espaços públicos e privados, onde a prefeitura disponibilizou locais para abrigar os animais e aguardar possíveis adoções. Também foi realizada uma feira de adoção no próprio abrigo com a temática "Festa Junina" no dia 29 de junho. Nesse evento, os animais receberam banho, foram caracterizados com roupas temáticas e tiraram fotos em um estúdio que fez parceria com o Abrigo Casa 420. O projeto também chamou a atenção da creche Petlovers, que ministrou um workshop sobre adestramento para os voluntários, e a plataforma

Petlove, que ofereceu 2 meses gratuitos de plano de saúde para todos os animais adotados. Para ativar o plano de saúde, os animais precisariam ser microchipados gratuitamente. Isso não só ofereceu uma segurança ao tutor, mas também permitiu acompanhar se o animal não retornou a viver na rua.

O uso dos perfis no Instagram @lamec_ufrgs e @fisiovetufrgs, além do perfil do abrigo @abrigocasa420, gerou uma resposta maior do que o esperado, com muitos alunos demonstrando interesse e começando a acompanhar as atividades no abrigo. Além disso, por meio da divulgação, os alunos do Colégio São Judas Tadeu escolheram o Abrigo Casa 420 para passar uma tarde ajudando no cuidado dos animais, na limpeza e nos passeios. Isso possibilitou uma troca importante entre voluntários externos, alunos do ensino médio, de graduação, pós-graduação e professores, evidenciando um trabalho conjunto da sociedade e da UFRGS.

Os resultados do etograma demonstraram que a construção de um espaço recreativo para os animais, juntamente com estímulos de enriquecimento ambiental, é essencial para a manutenção da saúde e alívio do estresse dos animais. Além disso, o ambiente se tornou mais agradável para os voluntários devido à possibilidade de brincar com os animais em um espaço fechado e à diminuição da vocalização dos cães pelo menor estresse. Segundo os próprios voluntários, esse tipo de projeto foi fundamental para a criação de espaços de acolhimento para cães resgatados das enchentes no Rio Grande do Sul e serviu como inspiração para outros locais que abrigam animais confinados. Finalmente, a experiência de participar como voluntário nesse tipo de ação revelou-se extremamente enriquecedora para os alunos envolvidos no projeto (vale destacar que 3 cães do abrigo foram adotados por membros do projeto) e demonstrou o papel social da universidade e a importância dessas ações na comunidade.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio recebido pelas coordenadoras do Abrigo Casa 420, Nathalie Barona Santos Leal e Daniele Geovani Medeiros Duhart (Médica Veterinária); às demais médicas veterinárias Audrei de Oliveira Souza e Graciela Giurni; à equipe da creche Petlovers; aos alunos e à professora Caroline Nectoux Culau, do Colégio São Judas Tadeu; e aos demais voluntários. ◄

Referências Bibliográficas

ARENA, L. *et al. Application of a welfare assessment tool (Shelter Quality Protocol) in 64 Italian long-term dogs' shelters: welfare hazard analysis. Animal Welfare,* v. 28, n. 3, p. 353-363, 2019. DOI: 10.7120/09627286.28.3.353.

BOERE, V. *Environmental enrichment for neotropical primates in captivity. Ciência Rural*, v. 31, n. 3, p. 543-551, 2001.

DARE, P.; STRASSER, R. *Ruff Morning? The use of environmental enrichment during an acute stressor in kenneled shelter dogs.* Animals (Basel), 8 abr. 2023, v. 13, n. 9, p. 1506. DOI: 10.3390/ani13091506.

DEFESA CIVIL. Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 5/6, 9h. *Governo do Estado do Rio Grande do Sul*, 2024. Disponível em: https://www.estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-5-6-9h. Acesso em: 19 nov. 2024.

FLORES, A. B. *et al.* Health disparities in the aftermath of flood events: a review of physical and mental health outcomes with methodological considerations in the USA. *Current Environmental Health Reports*, 2024.

LINDIG, A. M.; MCGREEVY, P. D.; CREAN, A. J. *Musical dogs: A review of the influence of auditory enrichment on canine health and behavior. Animals (Basel)*, 13 jan. 2020, v. 10, n. 1, p. 127. DOI: 10.3390/ani10010127.

PIQUERAS, L. *et al. Angiotensin II induces leukocyte–endothelial cell interactions in vivo via AT1 and AT2 receptor–mediated P-selectin upregulation. Circulation,* 24 out. 2000, v. 102, n. 17, p. 2118-2123.

WILLEN, R. M. *et al. Factors determining the effects of human interaction on the cortisol levels of shelter dogs. Applied Animal Behaviour Science*, v. 186, p. 41-48, 2017.

MovimentAÇÃO: espaços e tempos de acolhidas, movimento e experiências no abrigo da ESEFID/UFRGS

Adriane Vieira; Clézio Gonçalves; Elisandro Schultz Wittizorecki; Guy Ginciene; Lisandra Oliveira e Silva; Roséli Belmonte Machado
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ESEFID/UFRGS
E-mail: robelmont@yahoo.com.br

Resumo

O Este texto registra parte do processo de implantação, das aprendizagens e dos desdobramentos da ação de extensão denominada "MovimentAÇÃO", que ocorreu entre os meses de maio e junho de 2024 na ESEFID/UFRGS, realizada fundamentalmente por estudantes e docentes dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança, com a colaboração de parcerias externas. Tal ação ocorreu com o intuito de propor e desenvolver atividades esportivas, recreativas e artísticas para crianças, jovens, adultos e idosos abrigados no ginásio dessa unidade acadêmica em função da tragédia socioclimática vivida no Estado do Rio Grande do Sul no início de maio de 2024. Nosso eixo de trabalho esteve sustentado na premissa de considerar o movimento como meio e forma de acolhida das pessoas que passaram a habitar o abrigo, o que nos fez construir uma experiência subjetiva e singular, que aqui procuramos expor e analisar.

Palavras-chave: movimento; educação; direitos; enchentes; Rio Grande do Sul.

Resumen

Este texto registra parte del proceso de implementación, aprendizaje y desarrollo de la acción de extensión denominada "MovimentAÇÃO", que tuvo lugar entre los meses de mayo y junio de 2024 en ESEFID/UFRGS, realizada fundamentalmente por alumnos y profesores de los cursos de Educación Física, Fisioterapia y Danza, con la colaboración de asociaciones externas. Esta acción se llevó a cabo con el objetivo de proponer y desarrollar actividades deportivas, recreativas, artísticas para niños, jóvenes y adultos que se encontraban resguardados en el gimnasio de esta unidad académica debido a la tragedia socioclimática vivida en el Estado de Rio Grande do Sul a principios de mayo de 2024. Nuestro trabajo partió de la premisa de considerar el movimiento como medio y forma de acogida de las personas que llegaron a habitar el refugio, lo que nos hizo construir una experiencia subjetiva y singular que aquí buscamos exponer y analizar.

Palabras-clave: movimiento; educación; derechos; inundaciones; Rio Grande do Sul.

Vontades

Esta escrita fala sobre a suspensão do espaço e do tempo, sobre movimento, sobre acolhida e sobre experiência. A repetição do vocábulo “sobre” não é desconexa, mas proposital. Seu uso, que se relaciona a uma ideia de subordinação entre os vocábulos e assinala uma situação de superioridade em relação, marca as sequências do que foi sendo vivido, sentido e verbalizado.

No dia 4 de maio de 2024, o espaço de Formação Acadêmica da unidade da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi suspenso para tornar-se espaço de acolhida, de possibilidade de vida, de (re)existência, de abrigo para pessoas atingidas diretamente pela tragédia socioclimática vivida no Estado do Rio Grande do Sul. No ginásio, dedicado às práticas esportivas típicas desse fenômeno, instaurou-se o silêncio para que mais de 600 pessoas tivessem um refúgio para dormir. No lugar das salas de aula, roupas e materiais de suporte às pessoas em situação de abrigo. No lugar das refeições dos estudantes no Restaurante Universitário, alimentação para quem necessitasse. No espaço de circulação dessas pessoas, a oportunidade de viver e sentir o outro, de estar com a diferença.

Ao ritmo do espaço, os tempos da vida também foram suspensos. Famílias que passaram a habitar o abrigo começaram a sentir outras noções de dias, horas e tempos. Junto a elas, o imenso grupo de voluntários que chega a esse espaço suspenso se propõe a colocar seu tempo a serviço do outro. Um tempo para acolher alguém, para ajudar, para apoiar. Nesse meio, estudantes dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança encontram uma possibilidade de auxiliar a partir dos conhecimentos que estavam construindo em seus cursos e que se propõem a estar junto pelo movimento. O movimento é o meio e a forma para a acolhida. Acolher crianças, jovens, mulheres, idosos, a multiplicidade. Suspender seus tempos hodiernos para estar no coletivo.

A proposta de acolher pelo movimento, iniciativa dos estudantes, logo se torna "MovimentAÇÃO": uma ação de extensão que envolve docentes, estudantes, voluntários externos e professores de outras instituições. Vidas que se dispõem a viver uma nova/outra experiência. Para Jorge Larrosa (2002), a experiência tem relação com “isso que me passa”, o que me afeta. Podemos dizer: aquilo que me constitui, que me subjetiva, que me torna outro. Nessa esteira, o que trazemos nesta escrita - na composição de Larrosa (2002, p. 4): “não é nada mais que pensar a experiência e desde a experiência, e apontar para algumas das possibilidades de um pensamento da educação a partir da experiência”.

A ação de extensão

Imagem 1 - MovimentAÇÃO, constituído por estudantes e docentes

Fonte: arquivo pessoal

O MovimentAÇÃO é um projeto de extensão que iniciou logo após a ESEFID/UFRGS tornar-se um abrigo para as vidas afetadas pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Dois estudantes, um do curso de Educação Física e uma do curso de Fisioterapia, apresentaram a proposta de realizar atividades diversas com as pessoas em situação de abrigo. Assim, vale destacar o protagonismo dos estudantes que, já no segundo dia de constituição do abrigo, perceberam a necessidade de que algo precisava ser feito para que o MovimentAÇÃO se tornasse uma forma de acolhimento, de convívio, de recreação, de lazer, de relação, de trocas e de aprendizagens. Em seguida, docentes dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança, que já possuíam atividades de extensão voltadas a levar práticas corporais relacionadas à cultura corporal de movimento e à promoção da saúde junto à comunidade, passaram a atuar no apoio em parceria com esses estudantes. A partir disso, as atividades que começavam a se organizar junto às pessoas do abrigo foram registradas na UFRGS como uma nova ação de extensão, denominada “MovimentAÇÃO”, reunindo as atividades iniciadas por estudantes com a supervisão e apoio de docentes da ESEFID.

Estudantes realizaram atividades diversas durante oito semanas, inicialmente todos os dias da semana, duas vezes por dia, e, na sequência, de segunda a sexta-feira, de manhã e de tarde. À medida que as atividades foram se organizando, ficou estabelecida a seguinte rotina: (1) atividades recreativas, ginásticas, lutas, dança e lazer para crianças e jovens, que aconteciam de segunda a sexta-feira em dois turnos, das 10h às 11h e das 14h30 às 15h30; (2) atividades de alongamento, dança, yoga e relaxamento para mulheres adultas e idosas, que aconteciam nas segundas e quartas das 10h às 11h e nas terças e quintas das 15h às 16h; (3) atividades esportivas para jovens e adultos, que aconteciam de segunda a sexta-feira das 16h às 17h.

O MovimentAÇÃO mobilizou o envolvimento/colaboração de mais de 30 estudantes, e nove docentes compuseram o apoio aos coordenadores discentes e demais estudantes vinculados ao projeto. A ação também esteve à frente da organização de atividades de cunho artístico, cultural e esportivo para as pessoas em situação de abrigo. Estiveram presentes no abrigo da ESEFID sessões de cinema, teatro, arte circense, música, bordado, dentre outras atividades que preenchiam outros horários na semana e nos finais de semana com parceiros externos à ESEFID. Compreendemos que propiciar esse tipo de atividade era um componente aliado à diminuição do sofrimento vivido, à aproximação de quem já era vinculado à ESEFID e de quem estava ali de passagem, construindo momentos diversificados de partilha e de lazer.

Importa destacar que, aliadas a essas atividades diárias, foram realizadas sessões de estudo, reuniões de planejamento, formação e avaliação em formato online. O grupo de coordenação, formado pelos docentes e estudantes-coordenadores, se reunia uma vez por semana, na segunda-feira, das 20h às 21h30min, para refletir e avaliar as

Imagem 2 - Dia da Família na ESEFID, promovido pelo MovimentAÇÃO para as pessoas abrigadas
Fonte: arquivo pessoal

ações e acontecimentos da semana anterior e organizar as ações da nova semana. Diante dos diálogos, das reflexões e das aprendizagens que se davam nesses encontros, foram organizadas duas reuniões formativas, intituladas "Acolhimento de crianças e adolescentes", uma demanda indicada pelos próprios estudantes para compreenderem os desafios que estavam vivendo nas práticas do MovimentAÇÃO. Nessas reuniões formativas, abertas a todos os participantes do MovimentAÇÃO, foram convidadas pessoas externas ao projeto para compartilhar suas experiências de acolhimento em outros tempos/espaços da cidade de Porto Alegre. Ademais, sempre antes e depois de cada atividade realizada junto às pessoas em situação de abrigo, tínhamos momentos de trocas e conversas.

Percurso teórico-metodológico

Trata-se de uma escrita que emerge no âmbito de uma pesquisa qualitativa, sendo constituída pela narrativa/experiência de estudantes e docentes que estiveram imersos na ação de extensão supracitada. Destaca-se que, embora estejamos todos imersos nesta experiência (docentes e estudantes), resolvemos consubstanciar nossas impressões a partir de provocações aos estudantes que realizaram as ações do MovimentAÇÃO. A partir disso, o grupo de autores/docentes desta escrita realizou três questões aos estudantes: O que te levou a participar dessa ação junto às pessoas em situação de abrigo? Quais os principais desafios e aprendizagens vividos nesse processo? Como descreveria e narraria esta experiência?

Essas perguntas foram formuladas via Google Forms e encaminhadas aos mesmos, sendo de livre escolha suas participações. Recebemos as respostas de oito estudantes, as quais estão compondo nossa análise a partir do conceito de experiência:

> A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. E "algo que não sou eu" [...]. "Que não sou eu" significa que é "outra coisa que eu", outra coisa do que aquilo que eu digo, do que aquilo que eu sei, do que aquilo que eu sinto, do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero. Chamaremos a isso de "princípio de alteridade". Ou, também, de "princípio de exterioridade". "Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar." (Larrosa, 2011, p. 6) [grifo do autor].

Reflexões coletivas

A partir das respostas e considerações dos estudantes, chegamos a três focos que apresentamos neste momento:

1. Razões para estar na ação

A nossa primeira indagação girou em torno da vontade de saber sobre as motivações, desejos e escolhas dos estudantes para estarem nesse espaço de abrigo. Recolhemos diferentes manifestações que ecoavam em um sentido muito próximo: o compromisso e a implicação com a/o outra/o, haja vista a magnitude da desterritorialização e fragilização que testemunhamos milhares de pessoas enfrentarem. As seguintes declarações ilustram parte desse sentimento:

> "A necessidade de ajudar a parcela da população mais desassistida pelo poder público, pelas empresas e pela sociedade como um todo no momento mais inesperado e catastrófico que o RS já viu." (Hélio)

> "Meu entendimento de que, como ser humano e aluna da ESEFID, tinha o dever de fazer algo para ajudar a comunidade que estava precisando. Com toda a tragédia acontecendo, era impossível ficar em casa de braços cruzados. Quando fiquei sabendo do projeto Movimenta, então, no meu campus e proporcionando atividades físicas e recreativas para crianças e adultos, senti que era a oportunidade perfeita para eu usar os meus conhecimentos em prol do bem." (Amanda Santos)

> "O que me levou a participar do Movimenta foi a vontade de fazer a diferença na vida dessas pessoas e ajudá-las a acreditar em dias melhores." (Júlia Abreu)

> "A vontade de ajudar aqueles que precisam." (Lucas)

> "Acredito que pela vontade de ajudar as pessoas que estão passando por um momento tão difícil, principalmente as crianças abrigadas." (Mariah)

> "Eu estava muito a fim de ajudar em abrigos, já estava indo em outros abrigos. Quando o Henrique surgiu com a ideia do projeto, eu aproveitei e fiquei com vontade logo de começar e ajudar as crianças que passavam por este momento tão delicado. Logo após vir no primeiro dia, tinha certeza que iria continuar vindo até o fim do projeto." (João Guilherme)

> "Me sentir útil em meio ao caos que o RS enfrentou, levando um pouco de atividades que visem o bem-estar daquelas pessoas." (Luisa)

Embora o início dessa ação tenha ocorrido de modo muito artesanal e emergencial, o grupo participante também foi reconhecendo um processo que permitiu desacomodação, avanços e aprendizagens em nossos saberes-fazeres que, do mesmo modo, contribuíram para um engajamento e sequência no trabalho que realizamos, como podemos acompanhar nas seguintes manifestações:

> "Assim que aconteceu todo o evento das enchentes, senti que necessitava ajudar de alguma forma as pessoas afetadas. Vi por mensagem que estavam organizando atividades para as crianças do abrigo na ESEFID e compareci no primeiro dia para participar. Assim que participei desse dia, vi a diferença que podíamos fazer com os abrigados e continuei indo dia após dia, e assim fomos aprimorando cada dia mais as formas de abordagem e acolhimento deles!" (Giovana)

> "Após convite do colega Hélio, integrei o grupo uma semana depois do início do projeto, no dia 12 de maio, domingo de Dia das Mães, denominado Dia da Família por nós, voluntários. O que me fez participar dessa ação junto às pessoas abrigadas, além do convite, foi a vontade de ajudar. Sentia uma sensação de impotência por não poder ajudar em outras frentes e decidi auxiliar naquilo em que poderia ser útil: na ministração de atividades esportivas e na recreação." (Eduardo)

2. Desafios e aprendizagens no processo vivido

Com o desenvolvimento e andamento das atividades, percebemos o ineditismo e as possibilidades de aprendizagem que estávamos vivendo, mas também os desafios enfrentados no caminho. Quando provocados a falar sobre isso, os estudantes narraram:

> "Um grande desafio é a imprevisibilidade. Nunca sabemos quem aparecerá na nossa atividade e com qual disposição. Mas, como professora, esse também é um aprendizado que eu tiro: saber improvisar e lidar com a situação do momento. Além disso, ampliei minha capacidade de escuta e de trabalho em equipe." (Amanda)

> "Dentre os principais desafios, posso dizer que a adaptação das pessoas lá dentro foi, de certa maneira, complicada. Era tudo novo pra eles, então o processo de adaptação e o processo de adquirir a confiança deles foram as coisas mais desafiadoras. As maiores aprendizagens

que eu tive foram que ninguém nunca está sozinho e que, às vezes, um simples abraço faz toda a diferença na vida de alguém. Quando enfrentamos grandes desafios, conseguimos desenvolver uma compreensão mais profunda das lutas dos outros e cultivar a empatia genuína. Aprendi que a flexibilidade é muito importante, porque tivemos que nos adaptar todos os dias às circunstâncias, que estavam em constante mudança, e precisávamos de soluções criativas todos os dias. Aprendi que a aceitação também é fundamental, que não dá pra mudar tudo, mas podemos aceitar e ajudar da melhor maneira possível. Ser mais persistente também se tornou um aprendizado; entendi que não dá pra desistir no primeiro obstáculo ou no primeiro não, porque lá na frente o objetivo vai ser alcançado. A principal aprendizagem que eu considero que reforcei estando no projeto é a gratidão! Diante de todas as dificuldades que presenciamos, vi e reforcei o quanto é importante valorizar as coisas na vida e que é necessário ser grato todos os dias." (Júlia Abreu)

"Os principais desafios foram conseguir lidar com diversas pessoas ao mesmo tempo durante as atividades e saber quais atividades passar. De aprendizagens, foram: entender como lidar com diferentes tipos de pessoas e situações; organizar de maneira coletiva as atividades." (Lucas)

"O maior desafio foi a diferença cultural, pois a realidade deles é bem diferente da minha. Durante o último mês e meio, pude entender o porquê elas agem como agem, muitas vezes pela própria autoproteção. Aprendi muito com isso; percebi que são pessoas em vulnerabilidade e que, muitas vezes, acabam utilizando a agressividade para se proteger, e o que mais precisam é de atenção e carinho." (Mariah)

"Um dos principais desafios que eu achei foi começar a quebrar a barreira de defesa das crianças. Muitas eram introvertidas e, no início, estavam evitando um pouco ir nas atividades que nós fazíamos. Então, buscar furar essa defesa delas e trazê-las para as atividades foi um dos principais desafios que senti que tive durante esse período. As aprendizagens que eu tive foram, principalmente, no método de passar as atividades, de como lidar com situações de discussões entre as crianças, tentar apaziguar brigas e conflitos entre eles e também a entoação e o modo de agir ao passar as aulas para as crianças e tentar fazer com que todas elas participassem das aulas. Essa experiência que tive durante esse período, tenho certeza de que irei levar durante todo meu período acadêmico e após ele também." (João Guilherme)

"Como estou no 1º semestre, ainda não tinha experiência com aulas para crianças e adultos, então senti dificuldade nas primeiras semanas. Nas semanas que seguiram, consegui aprender muito tanto com as crianças quanto com os colegas e professores que nos acompanharam." (Giovana)

"Outro desafio que enfrentamos foi com a forma que teríamos que agir com as crianças perante a situação, pois como foi um cenário novo para todos, não sabíamos a forma ideal de acolher as crianças e adultos. O primeiro desafio, na minha análise, foi analisar quem eram as crianças e em qual contexto se encontravam. Eram crianças dos bairros Vila Farrapos, Humaitá, Sarandi e Arquipélago. [...] Algumas aprendizagens foram: acolher, improvisar, escutar, incentivar, entender o fator momento e cultural, respeitar a situação, trabalhar em equipe, lidar com conflitos, entre outras." (Eduardo)

"Pensar fora da caixa e ter jogo de cintura para as intercorrências do dia a dia. Entender que nem sempre ocorrerá tudo como o planejado. Lidar com e, por vezes, liderar colegas para que as atividades ocorressem da melhor forma." (Luisa)

Construir narrativas acerca de aprendizagens é algo desafiador. Como conseguimos saber, ao certo, aquilo que aprendemos e de onde veio essa aprendizagem? Algumas das aprendizagens não estão na ordem do racional ou da consciência. Algumas, talvez, só façam sentido mais à frente, após um processo de acomodação, reflexão e diálogo sobre a experiência vivida. Outras, talvez, tenhamos dificuldade de reconhecer. Muita coisa se transmite em situações como essas. Dentre aquelas que os(as) estudantes conseguiram nomear, estava a "imprevisibilidade".

"Aprender a ser rápido nas mudanças de propostas de atividades em função das variações de humor, da faixa etária da maioria dos participantes de cada turno: as variações de humor; a atratividade e o consequente engajamento nas atividades sempre foram muito variáveis." (Helio)

"Um grande desafio é a imprevisibilidade. Nunca sabemos quem aparecerá na nossa atividade e com qual disposição. Mas, como professora, esse também é um aprendizado que eu tiro: saber improvisar e lidar com a situação do momento." (Amanda).

"Aprendi que a flexibilidade é muito importante, porque tivemos que nos adaptar todos os dias às circunstâncias, que estavam em constante mudança, e precisávamos de soluções criativas todos os dias." (Júlia)

"[...] adaptamos e improvisamos muitas atividades, pois em alguns dias algumas crianças e pré-adolescentes não queriam participar e muitos iam embora." (Eduardo)

Esse entendimento parece bem sintetizado na fala de uma das estudantes: "Pensar fora da caixa e ter jogo de cintura para as intercorrências do dia a dia. Entender que nem sempre ocorrerá tudo como o planejado" (Luisa). É possível pensar que esse termo e suas variações tenham sido tão citados pelo fato de esses estudantes estarem no início dos cursos de graduação. Ou, ainda, pela intenção que moveu esses estudantes até o projeto, ou seja, a ânsia por ajudar os outros mediante a situação vivida em todo o Estado. Podemos pensar que possam ter sido esses dois elementos juntos. O fato é que esses estudantes parecem ter se deparado, ao longo da experiência, com a incerteza e com o imponderável do controle ao lidar com o outro, sobretudo em uma experiência similar à educativa.

3. Sobre os sentidos dessa experiência

Uma das provocações feitas aos estudantes apresentava, na pergunta, o termo experiência. Embora esse termo direcione a uma leitura do senso comum, também nos mostra as possibilidades de compreender aquilo que os constituiu, que os atravessou. Importa destacar que foi planejada a possibilidade de transformar o trabalho desenvolvido em experiência. Cotidianamente, após cada atuação junto às pessoas em situação de abrigo, foram propiciadas rodas de conversa em que, para além de avaliar a ação realizada, era possível refletir sobre o modo como se percebeu, se viu e sobre como reconheceu e compreendeu o outro naquele momento, e, ainda, como se podia fazer diferente na próxima ação. Portanto, tratou-se de, desde a experiência, pensar sobre ela e educar pela experiência. Uma experiência individual, embora constituída no coletivo. Na fala dos estudantes:

"Fantástica, criativa, inusitada, amorosa, sincera, valiosa, fundamental: não posso mais pensar na ESEFID e na minha formação como eu pensava antes da enchente." (Hélio Sassen)

"Descrevo como sendo como muito aprendizado. Sinto que me ajudou a evoluir como profissional da dança e como professora, mas também como ser humano." (Amanda)

"Intensa, única e especial." (Júlia Abreu)

"Uma oportunidade de entender a situação pela qual passaram essas pessoas e tentar ajudá-las da melhor maneira, além de servir para o crescimento pessoal, dando uma breve iniciação ao que seria o ato de Recrear/Lecionar." (Lucas)

"Muito gratificante, diversas aprendizagens e vivências que não havia tido antes. Me sinto muito realizada por poder proporcionar momentos de lazer e recreação mesmo em um momento tão difícil para estas pessoas." (Mariah).

"A experiência de estar fazendo o bem para as crianças neste momento tão difícil e complicado para elas é fenomenal. Sinto que, de alguma forma, poder ajudar elas me fez um bem para mim. Me envolver de forma direta com elas me trouxe uma paz interior imensa. Para mim, essa foi uma experiência única, que jamais conseguirei ter novamente. E o contato com outros voluntários, professores e outras pessoas foi excelente também, pois pessoas que não teriam contato antes acabei formando uma amizade, além de ter criado um afeto muito grande por crianças que estavam abrigadas. Sei que vou sentir muita falta delas depois, caso não consiga ter mais contato com elas." (João Guilherme).

"Foi maravilhosa e transformadora! Tive muitos aprendizados com a interação que tivemos nesses meses, tanto com as crianças e adultos quanto com os professores e colegas. Tive contato com pessoas maravilhosas que indiretamente me ensinaram muitas coisas que levarei para a vida. Sou muito grata por todas as conquistas e desafios que enfrentamos ao longo desses dias, que com certeza nos ensinaram muito." (Giovana).

"Foi uma experiência sensacional. Pudemos proporcionar vivências incríveis tanto para nós quanto para eles. Tivemos aulas de vários esportes, como ginástica, vôlei, futebol,

handebol, rugby, basquete e até modalidades paralímpicas, como o Goalball. Na recreação, nossa criatividade foi imensa, e foi muito importante adaptar atividades já conhecidas para a dinâmica da aula, como no jogo de pique-bandeira, onde trocamos a bandeira por uma bola, o que fez fluir muito mais o jogo. Por fim, juntamente com as atividades, a festa junina, sem sombra de dúvidas, vai ficar marcada na memória de muitos, tanto com eles nos ajudando a montar a estrutura quanto participando das atividades com brindes ao final e com eles fantasiados e pintados. Certamente foi um dia muito especial, cheio de risadas." (Eduardo).

"Única e gratificante." (Luisa).

Cada estudante construiu o seu saber da experiência. Um saber singular, pois, como nos lembra Larrosa (2001, p. 27): "o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência."

Considerações finais

A partir do exposto neste texto, destacamos que vivemos e experienciamos uma suspensão de espaço e de tempo, aliado a uma vontade de acolhida vivida em conjunto. Assim, o que nos tornamos a partir dessa experiência é da ordem do subjetivo e do individual. Todavia, enquanto docentes que acompanharam essa ação, vimos um deslocamento dos sentidos que cada estudante se colocava e que, de certa forma, reverbera no outro.

Para finalizar, ressaltamos que todos que atuaram no MovimentAÇÃO e que, nesses dois meses, dedicaram seu tempo, sua energia e seus afetos não foram formados ou preparados para lidar com as situações que experienciaram a cada dia, em seus respectivos campos de formação. Entretanto, a partir de um fenômeno de auto-organização, de diálogo e do agir na urgência, cada pessoa foi construindo sua prática (no coletivo) e sua forma de fazer o possível no momento histórico em pauta. ◂

Imagem 3 - Arraiá ESEFID, promovido pelo MovimentAÇÃO para as pessoas abrigadas

Fonte: arquivo pessoal

Referências Bibliográficas

LARROSA, Jorge. *Experiência e alteridade em Educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, jan./fev./mar./abr. 2002, n. 19. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt.

Recuperação de eletroeletrônicos afetados pela enchente de maio de 2024

Giulia N. Colombo; Lucas S. Morais; Raphael M. Brum; Paulo F. Butzen
Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ENG/UFRGS
E-mail: paulo.butzen@ufrgs.br

Resumo

Em maio de 2024, uma grande enchente impactou o Rio Grande do Sul, afetando milhares de famílias e danificando residências e eletroeletrônicos essenciais. Nesse contexto, o projeto de extensão Ressignificando Eletrônicos propôs uma ação que teve como objetivo recuperar equipamentos eletroeletrônicos danificados pelas cheias, oferecendo suporte técnico às famílias e promovendo a sustentabilidade por meio da redução de resíduos eletrônicos. A metodologia incluiu mobilização de voluntários, criação de conteúdos educativos, atendimento domiciliar e em uma sede no Campus Centro da UFRGS, além de parcerias para doações de materiais. Com mais de 150 equipamentos recuperados em atendimentos domiciliares e na sede, o projeto gerou benefícios sociais e ambientais, ao mesmo tempo em que proporcionou uma formação prática e ética para os estudantes envolvidos. Este artigo detalha o desenvolvimento, a execução e os impactos do projeto, evidenciando a relevância da extensão universitária em cenários de crise.

Palavras-chave: crise climática, sustentabilidade, resíduos eletrônicos.

Resumen
En mayo de 2024, una gran inundación impactó en el estado de Río Grande del Sur, afectando a miles de familias y dañando residencias y equipos electrónicos esenciales. En este contexto, el proyecto de extensión Ressignificando Eletrônicos propuso una acción con el objetivo de recuperar equipos electrónicos dañados por las inundaciones, ofreciendo soporte técnico a las familias y promoviendo la sostenibilidad mediante la reducción de residuos electrónicos. La metodología incluyó la movilización de voluntarios, la creación de contenidos educativos, la realización de visitas domiciliarias y la atención en una sede ubicada en el Campus Centro de la UFRGS, además de asociaciones para la donación de materiales. Con más de 150 equipos recuperados a través de visitas domiciliarias y en la sede, el proyecto generó beneficios sociales y ambientales, al mismo tiempo que proporcionó una formación práctica y ética para los estudiantes involucrados. Este artículo detalla el desarrollo, la ejecución y los impactos del proyecto, destacando la relevancia de la extensión universitaria en escenarios de crisis.

Palabras clave: crisis climática, sostenibilidad, residuos electrónicos.

Introdução

Em maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul foi devastado por uma das maiores catástrofes climáticas de sua história. Chuvas intensas e ininterruptas resultaram em enchentes que atingiram diversas cidades, causando perdas incalculáveis. Comunidades inteiras foram deslocadas, infraestruturas urbanas foram comprometidas e milhares de famílias sofreram com a destruição de suas casas e pertences. Esse evento extremo trouxe à tona os impactos do desequilíbrio climático, ressaltando a necessidade urgente de estratégias para lidar com desastres naturais e suas consequências.

Entre os danos causados pelas enchentes, a destruição de eletrodomésticos e equipamentos eletrônicos tornou-se uma realidade comum para muitos dos atingidos. Geladeiras, televisores, computadores, entre outros, foram submersos pela água, comprometendo seu funcionamento. Esses itens, que fazem parte do dia a dia de famílias e pequenas empresas, também representam um alto investimento financeiro, o que torna sua perda especialmente significativa em contextos de vulnerabilidade social e econômica.

Embora muitos dos eletroeletrônicos afetados pareçam inutilizáveis à primeira vista, nem todos precisam ser descartados. Em muitos casos, componentes internos ainda podem estar em boas condições e podem ser recuperados por meio de técnicas apropriadas de reparo e reutilização. Além disso, a recuperação desses aparelhos oferece uma solução ambientalmente responsável, ao evitar o aumento de resíduos eletrônicos que acabam em aterros, contribuindo para o prolongamento da vida útil dos equipamentos e gerando um impacto positivo tanto para as famílias atingidas quanto para o meio ambiente.

Inseridos no contexto da catástrofe climática do Estado, os alunos da Escola de Engenharia da UFRGS visualizaram a oportunidade de prestar assistência às vítimas, muitas delas sendo alunos da própria universidade, com o conhecimento técnico que é intrínseco às engenharias. Essa iniciativa estudantil foi apoiada pelos professores e, juntos, foi possível criar uma estratégia para levar conhecimentos e ações concretas às comunidades afetadas. Foram elaborados conteúdos como os cuidados necessários com fiações elétricas, a limpeza correta dos aparelhos e, até mesmo, orientações sobre a prevenção de doenças presentes na água contaminada.
A evolução para ações concretas veio da grande vontade dos voluntários de amparar os atingidos. Ela consistiu em atendimentos domiciliares focados em Porto Alegre e, posteriormente, em alguns atendimentos na sede criada para essa finalidade.

O objetivo dessa ação é oferecer apoio técnico para a recuperação de eletroeletrônicos danificados pelas enchentes de maio de 2024, que impactaram famílias em todo o Estado do Rio Grande do Sul. A iniciativa, concentrada em Porto Alegre e na região metropolitana, visa minimizar as perdas financeiras e os impactos no cotidiano das pessoas afetadas, fornecendo suporte para a avaliação, recuperação e reutilização de equipamentos que ainda possuem componentes funcionais. Com isso, busca-se não apenas aliviar as dificuldades enfrentadas pelas vítimas, mas também promover uma abordagem sustentável para o reaproveitamento de recursos, contribuindo para a redução de resíduos eletrônicos no ambiente e fortalecendo o compromisso dos futuros engenheiros com a responsabilidade social e ambiental.

Ressignificando eletrônicos

O projeto de extensão "Ressignificando Eletrônicos" nasceu de uma visão ampliada dos objetivos de dois outros projetos já consolidados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RIBAS et al., 2022): o Centro de Recondicionamento de Computadores - CRC Zenit UFRGS (CRC, 2024) e o Reconecta UFRGS (SIMÕES *et al.*, 2023). Ambos os projetos atuavam na recuperação de computadores que, inicialmente, seriam descartados, promovendo a revalorização desses dispositivos por meio de reparos e, assim, contribuindo para a redução do lixo eletrônico gerado pela sociedade. A partir da experiência acumulada nesses projetos e com o intuito de explorar as capacidades de alunos de outros cursos da universidade, idealizou-se o Ressignificando Eletrônicos, com a proposta de expandir a atuação para outros tipos de eletroeletrônicos.

Com a mesma motivação sustentável, o Ressignificando Eletrônicos se propôs a explorar novas possibilidades de reuso, abrangendo uma variedade maior de equipamentos eletroeletrônicos, além de computadores. O projeto foca tanto na recuperação de aparelhos que ainda possuem condições de uso quanto na ressignificação de componentes funcionais daqueles que não têm mais viabilidade de reparo completo. Dessa forma, equipamentos que antes seriam descartados são reaproveitados de forma parcial ou total, reduzindo o impacto ambiental do descarte. A abordagem inovadora do projeto fortalece não apenas a reutilização consciente, mas também o desenvolvimento de uma cultura de sustentabilidade entre alunos e profissionais envolvidos, permitindo o aprendizado prático em um contexto de grande relevância social.

Com o aumento do nível das águas nas áreas afetadas em Porto Alegre e na região Metropolitana, e o consequente impacto nos equipamentos eletroeletrônicos das residências, os alunos vinculados ao projeto se mobilizaram rapidamente para adaptar a atuação à situação emergencial. Nos primeiros dias da enchente, estudantes buscaram a coordenação do projeto para verificar a possibilidade de incluir uma ação emergencial para a recuperação de equipamentos afetados. Esse movimento encontrou respaldo imediato na Escola de Engenharia da UFRGS, que organizou uma rede de apoio técnico-administrativo com o suporte de professores, técnicos e gestores de diferentes departamentos.

Essa rede institucional foi essencial para viabilizar a iniciativa como uma ação formal de extensão, integrando-a ao projeto Ressignificando Eletrônicos. Com o suporte técnico e os recursos disponíveis, os voluntários realizaram atendimentos domiciliares em Porto Alegre e, posteriormente, abriram um ponto de apoio em um dos espaços da universidade. Essas atividades incluíram desde a avaliação técnica dos aparelhos danificados até orientações de segurança e manuseio de equipamentos pós-enchente.

Metodologia

Em um primeiro momento, os alunos demonstraram interesse em estruturar uma força-tarefa

estudantil pelo aplicativo de mensagens WhatsApp no grupo da Engenharia Elétrica da UFRGS. O movimento foi ganhando forma a partir do momento em que as lideranças entraram em contato com os diretores da Escola de Engenharia, com o coordenador da Comissão de Graduação da Engenharia Elétrica e com o chefe do Departamento de Engenharia Elétrica. O apoio foi imediato.

Após definido o apoio institucional, veio a parte principal: o apoio dos discentes. O projeto e sua ideia foram amplamente divulgados via redes sociais dos estudantes da Escola de Engenharia, grupos de WhatsApp e diversos meios de comunicação utilizados atualmente. Para atrair o interesse dos discentes, criou-se um formulário no qual eles respondiam de acordo com suas características e conhecimentos. Por exemplo, conhecimentos em eletrônica, logística e artes visuais.

Quando obtidas as respostas, pôde-se ter uma dimensão do que poderia ser feito pelo Ressignificando Eletrônicos: quantas pessoas poderiam integrar cada equipe, quantos atendimentos poderiam ser realizados diariamente, e quão profundo era o conhecimento do grupo. A partir desse momento, criou-se uma base de voluntários ativos para o projeto.

Para alinhar tudo com eles, foram realizadas reuniões online nas quais surgiram diversas ideias de possíveis empresas parceiras, potenciais doadores, meios de atuação e maneiras de potencializar ao máximo a ajuda oferecida pelo projeto. Nessas reuniões, foi definido que o projeto atuaria em quatro frentes diferentes: produção de conteúdos para redes sociais, instalações elétricas, atendimento *in loco* e atendimento em uma sede. Além disso, pensou-se em maneiras de obter insumos e materiais necessários para que o projeto de fato acontecesse.

A frente de instalações elétricas foi estudada e desenvolvida por voluntários que já tinham, pelo menos, o diploma de curso técnico. Materiais foram desenvolvidos, bem como estratégias de atuação na área. Porém, após conversas com diversos membros do corpo docente da Escola de Engenharia, decidiu-se pela descontinuidade dessa frente de ação, visto que é uma área perigosa para pessoas não devidamente capacitadas.

O desenvolvimento de materiais didáticos foi o primeiro passo do projeto, visto que poderia servir de auxílio a todos que foram afetados. Com isso em mente, criou-se, então, um documento que serviu como base para todo o projeto. No documento havia todo o passo a passo de como trabalhar e operar para que o conserto dos principais eletroeletrônicos pudesse acontecer. Esse documento acabou não sendo divulgado porque pessoas consideradas leigas na área poderiam se ferir ao tentar manusear tais equipamentos. Contudo, os voluntários atuantes no projeto puderam utilizar o manual criado.

Os próximos passos (atendimento *in loco* e na sede) eram dependentes de materiais que o projeto ainda não tinha. Para a obtenção desses materiais, era necessária a mobilização para conseguir doações. Para isso, foram realizadas reuniões com fundações de apoio à UFRGS, e a FAURGS (Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) se prontificou a operacionalizar um canal de doações através de um número PIX para aquisição de materiais de reposição quando estes fossem necessários.

Com a constante atuação do projeto em suporte aos atingidos pelas cheias do Guaíba, diversas pessoas físicas, empresas e conselhos regionais realizaram doações. As doações incluíam dinheiro, insumos (capacitores, resistores, álcool isopropílico, etc.), ferramentas necessárias para a realização das atividades e, até mesmo, objetos organizacionais. Com as doações recebidas, foi decidido que todos teriam kits para levar nos atendimentos domiciliares. Os kits eram compostos por chaves de precisão, pincéis, alicates, limpa-contatos e álcool isopropílico.

Após a compra dos kits para o atendimento domiciliar, restava aguardar a chegada dos mesmos. Contudo, como se poderia "perder a janela" de oportunidade, decidiu-se que o atendimento começaria antes mesmo da chegada das ferramentas. Para isso, contou-se com o apoio dos voluntários, que levaram o que tinham em casa para ajudar nos atendimentos (ferramentas, pincéis, etc.).

Com quase tudo definido, para o início efetivo do atendimento *in loco*, viu-se ser necessária a criação e divisão de equipes de campo. As equipes foram divididas por bairros, e os voluntários foram alocados em equipes que teriam atendimento próximo de suas residências. Além disso, foi crucial a designação de um responsável por cada equipe. Os coordenadores foram escolhidos (em sua grande maioria professores) com base em seus conhecimentos para poder auxiliar os voluntários que tivessem dúvidas na realização de alguma tarefa. Também eram responsáveis pelos materiais que o Ressignificando Eletrônicos deixava em posse das equipes.

A dinâmica do atendimento domiciliar funcionou da seguinte maneira: divulgou-se, via redes sociais e imprensa, o acesso ao formulário para solicitação de atendimento domiciliar. A partir das respostas e dados obtidos via formulário, os coordenadores entravam em contato com os solicitantes para fazer uma visita e, assim, realizar o atendimento *in loco* aos atingidos, como proposto pelo projeto.

Passada a segunda fase do projeto, iniciou-se a próxima etapa: atendimento na sede. Aqui, o foco principal era o emprego de conhecimento técnico para a manutenção gratuita dos aparelhos, incluindo as peças necessárias para a funcionalidade total dos equipamentos. Por muito tempo, foi discutido onde seria o local ideal para o Ressignificando Eletrônicos se instalar. Houve diversas conversas com órgãos públicos e iniciativas privadas, mas o que ficou decidido foi que o Ressignificando Eletrônicos teria uma sala no Campus Centro da UFRGS.

O local foi escolhido por ser de fácil acesso, permitindo carregar e descarregar eletrodomésticos pesados, além de ser bem localizado e próximo às aulas dos voluntários, facilitando a continuidade do projeto mesmo com o retorno das atividades acadêmicas.

Resultados

No contexto da geração de conteúdo confiável, o projeto atuou principalmente através das redes sociais. Contudo, com os atendimentos funcionando e as redes sociais apresentando resultados em engajamento e conteúdo, algumas emissoras entraram em contato, e o projeto teve a oportunidade de ampliar sua abrangência no SBT (Figura 1), na Band, na RBS TV, e em jornais como o *Jornal do Comércio*, o *Diário Gaúcho* e o *Jornal da Engenharia*.

Figura 1 - Gravação do Programa MasBah do SBT
Fonte: Autores

Os resultados foram mais expressivos no atendimento domiciliar, onde foram realizados 67 atendimentos com mais de 150 equipamentos recuperados, conforme consta na Tabela 1. Com o retorno das atividades acadêmicas, a assiduidade

	Região Metropolitana	Cidade Baixa Centro Histórico Menino Deus	Farrapos Humaitá	Floresta São Geraldo	Lami Ponta Grossa	Canoas	Atendimentos sem cadastro	TOTAL
Requisições	57	49	50	36	15	90	-	297
Atendimentos	5	23	2	8	9	5	15	67
Equipamentos recuperados	26	34	6	29	29	16	16	156

Tabela 1 - Análise do atendimento domiciliar por bairro/região

	Dados
Equipamentos recebidos	28
Equipamentos descartados	3
Equipamentos recuperados	16
Equipamentos em recuperação	9

Tabela 2 - Análise dos atendimentos na sede UFRGS

dos voluntários foi diminuindo, o que dificultava as idas a campo. Questões como transporte, conciliação com as provas e as aulas foram muito relevantes nesse retorno. Esse fato pode ser relacionado à maior atuação da equipe dos bairros Cidade Baixa e Menino Deus, cuja abrangência territorial é a mais próxima do principal campus da Escola de Engenharia, facilitando a participação durante as aulas. Com o retorno das aulas, o atendimento na sede teve seu início (Figura 2). O quantitativo numérico dos equipamentos recuperados na sede está apresentado na Tabela 2.

Figura 2 - Primeiro atendimento na sede UFRGS
Fonte: Autores

Contudo, a grande carga horária acadêmica dos voluntários, a dificuldade imposta pelo transporte dos equipamentos e o maior tempo decorrido após o evento climático também contribuíram para os números limitados de atendimentos ocorridos na sede. Outro fator importante para esse quantitativo era a necessidade de elevado conhecimento técnico para o conserto de equipamentos específicos, agregado à constante necessidade de compra de peças muito específicas para o conserto dos mesmos.

Em nossos formulários, recebemos requisições de muitas cidades afetadas da região metropolitana e de outras localidades, como Alto Feliz, Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Eldorado do Sul, Esteio, Gravataí, Guaíba, Porto Alegre, São Jerônimo, São Leopoldo, São Sebastião do Caí e Sapucaia do Sul. Nossos atendimentos, por falta de transporte e voluntários, restringiram-se somente a Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo e São Sebastião do Caí (Figuras 3 e 4).

Tendo em vista a recuperação dos equipamentos, não foram feitas documentações extensas sobre a assertividade do atendimento domiciliar, no qual era empregada somente a limpeza dos equipamentos. No entanto, a partir de testes feitos *in loco* e comunicações posteriores com os atingidos, percebeu-se a grande taxa de sucesso que geladeiras, fogões e fornos elétricos apresentam

Figura 3 - Atendimento em São Leopoldo - RS
Fonte: Autores

em sua recuperação. Após o estudo do funcionamento dos principais eletroeletrônicos atendidos, nota-se o grande impacto da complexidade dos equipamentos em seu conserto; geladeira, fogões e fornos são relativamente simples quando comparados com um micro-ondas ou até mesmo uma máquina de lavar. Dos componentes analisados, tanto no atendimento domiciliar quanto na sede, há uma taxa alta de mau funcionamento em aparelhos que utilizam bobinas ou grandes malhas de metais. Transformadores, magnetrons, motores de indução e relés são exemplos disso. Embora alguns tenham um custo relativamente baixo como o relé, que tem o custo médio de 15 reais, outros podem chegar a inviabilizar financeiramente a recuperação de um equipamento, como um transformador, que pode chegar a custar 200 reais. É importante ressaltar também os problemas relacionados às placas eletrônicas desses aparelhos. Muitos componentes têm seus terminais corroídos, o que afeta a placa por completo.

Impactos na formação de estudantes e na sociedade

O Ressignificando Eletrônicos impactou tanto na formação dos estudantes envolvidos quanto na sociedade. Para os alunos, a participação

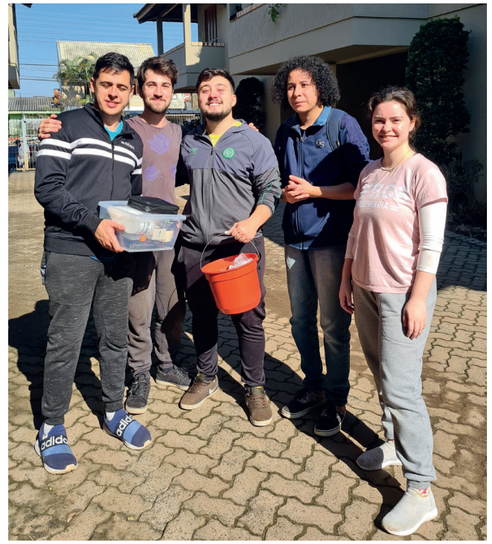


Figura 4 - Equipe dos bairros Lami e Ponta Grossa, de Porto Alegre - RS
Fonte: Autores

no projeto ofereceu uma experiência prática única, integrando conhecimentos teóricos com aplicações reais. Eles desenvolveram habilidades técnicas, como diagnóstico e reparo de eletroeletrônicos, e competências interpessoais, como trabalho em equipe, empatia e comunicação com diferentes públicos. Além disso, o envolvimento em ações de extensão reforça o compromisso ético e social dos futuros engenheiros, proporcionando uma visão ampliada de sua responsabilidade com a sustentabilidade e o bem-estar coletivo.

Na sociedade, o impacto é igualmente relevante. Ao recuperar equipamentos danificados, o projeto reduz a geração de lixo eletrônico, contribuindo para um meio ambiente mais sustentável. Famílias afetadas pelas cheias receberam apoio técnico que minimizou suas perdas materiais, melhorando sua qualidade de vida em momentos de dificuldade (Figura 5). Assim, o projeto demonstrou o potencial transformador da extensão universitária, unindo conhecimento acadêmico a ações concretas em benefício da comunidade.

Figura 5 - Voluntários com casal beneficiado pela ação
Fonte: Autores

Considerações finais

O projeto Ressignificando Eletrônicos evidenciou o protagonismo dos estudantes da Escola de Engenharia da UFRGS em responder de forma ágil e inovadora às demandas sociais geradas pelas enchentes de maio de 2024. Desde a concepção das ações até sua execução, os alunos demonstraram um compromisso exemplar com a comunidade, mobilizando recursos, conhecimentos e redes de apoio para atender às necessidades urgentes das famílias afetadas. Essa postura ativa e colaborativa reforça o papel transformador que a universidade pode desempenhar em situações de crise.

Além dos aspectos técnicos e operacionais, o projeto proporcionou uma formação sócio-cidadã de grande relevância. Ao se envolverem diretamente com as comunidades atingidas, os alunos desenvolveram competências como empatia, responsabilidade social e trabalho em equipe, transcendendo a formação acadêmico-profissional tradicional. Essas vivências enriqueceram a percepção dos estudantes sobre o impacto de sua atuação como futuros engenheiros, não apenas na resolução de problemas técnicos, mas também na construção de uma sociedade mais solidária e sustentável.

Por fim, o Ressignificando Eletrônicos reafirma o potencial das ações de extensão universitária como ferramentas poderosas para a formação integral dos estudantes e para a transformação social. A experiência vivenciada nesta ação destaca a importância de iniciativas que conectam universidade e sociedade, promovendo o conhecimento aplicado com impacto concreto na vida das pessoas.

Agradecimentos

Esta ação de extensão só aconteceu graças ao apoio de diversos atores. Neste sentido, expressamos um agradecimento especial à Direção da Escola de Engenharia pelo apoio institucional e pela criação de uma rede técnico-administrativa essencial à execução das ações. Agradecemos também aos professores e técnicos que, com dedicação, orientaram os voluntários, e aos estudantes que abraçaram a causa com empenho exemplar. Por fim, agradecemos à FAURGS e aos doadores, empresas, conselhos regionais e pessoas físicas, cuja generosidade viabilizou recursos indispensáveis à melhor execução da ação. ◂

Referências Bibliográficas

CRC Zenit UFRGS – *Centro de Recondicionamento de Computadores, Parque Científico e Tecnológico Zenit - UFRGS*. http://www.ufrgs.br/zenit/crc. Acesso em 10/11/2024.

RIBAS, R. P. LUBASZEWSKI, . M. S.; FERNANDES, E. Álvaro .; KREMER, G. R. . *Projetos de recondicionamento de computadores usados para estudantes e escolas*. Revista da Extensão da UFRGS, Porto Alegre, p. 22–27, 2022.

SIMÕES MORAES, J.; *et al.*. *Projeto Reconecta UFRGS: Computadores recondicionados para inclusão digital na universidade*. Revista da Extensão da UFRGS, Porto Alegre, n. 26, p. 59–60, 2023.

Raízes Vivas: Registro e Promoção da Cultura Popular Paraibana através da Extensão Universitária

André Luiz Piva de Carvalho; Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho; Gutemberg Cardoso da Silva; Simone Elizabete Padilha dos Santos
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
E-mail: gutorp@outlook.com

Resumo

O presente trabalho trata-se de um relato de uma ação extensionista da Universidade Federal da Paraíba, destinada a realizar um abrangente inventário da literatura do cordel paraibano, tendo como objetos de registro os autores paraibanos, ou aqueles que residem em nosso Estado, sua biografia, trajeto artístico e suas criações. O projeto de extensão relatado tem como objetivo realizar um amplo e abrangente inventário sobre o mundo do cordel paraibano, que registre a vida e as obras dos agentes desse segmento artístico-cultural popular. A metodologia está pautada na produção de verbetes.
O trabalho inventariante se caracteriza como pesquisa participante, metodologia de estreita identidade

com ações extensionistas, em que objetivamos contribuir para proporcionar maior visibilidade às artes e culturas regionais. Foram realizadas pesquisas de gabinete (bibliográfica e documental), com coleta de dados em fontes secundárias: pesquisas bibliográficas e na mídia, incluindo sites na *Internet*; registros e documentos de órgãos públicos, e registrando no site "Paraíba Criativa". Os resultados dos trabalhos inventariantes deram destaque para as narrativas do invisível, aquelas expressões da arte e cultura do Estado da Paraíba desconhecidas.

Palavras-chave: inventário, cultura popular, Paraíba.

Resumen

Este trabajo es un relato de una acción extensionista de la Universidad Federal de Paraíba, destinada a realizar un amplio inventario de la literatura del cordel paraibano, teniendo como objetos de registro a los autores paraibanos o aquellos que residen en nuestro estado, su biografía, trayectoria artística y sus creaciones. El proyecto de extensión relatado tiene como objetivo realizar un inventario amplio y exhaustivo sobre el universo del cordel paraibano, registrando la vida y obra de los agentes de este segmento artístico-cultural popular. La metodología está basada en la producción de entradas de diccionario, caracterizándose el trabajo inventariante como investigación participativa, metodología que tiene una estrecha relación con las acciones extensionistas, con la que pretendemos contribuir para dar mayor visibilidad a las artes y culturas regionales. Se realizaron investigaciones de gabinete (bibliográficas y documentales), con la recopilación de datos en fuentes secundarias: investigaciones bibliográficas y en los medios de comunicación, incluyendo sitios WEB; registros y documentos de organismos públicos, y registrando en el sitio *Paraíba Criativa*. Los resultados de los trabajos de inventario destacaron las narrativas de lo invisible, esas expresiones de arte y cultura del Estado de Paraíba que son desconocidas.

Palabras clave: inventario, cultura popular, Paraíba.

Introdução

O presente trabalho trata-se de um relato de uma ação extensionista da Universidade Federal da Paraíba, destinada a realizar um abrangente inventário da literatura do Cordel Paraibano, tendo como objetos de registro os autores paraibanos, ou aqueles que residem em nosso estado, sua biografia, trajetória artística e suas criações. No caso, trata-se da proposta para o quarto ano consecutivo de execução do projeto, que teve sua primeira edição em 2019, sempre com o alcance de bons resultados.

Acredita-se ser relevante informar que esta ação extensionista, em sua última edição, o Programa de Bolsas de Extensão - Probex 2021-2022, classificou-se em sexto lugar no Encontro de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (ENEX), muito próximo, portanto, de conseguir o prêmio "*Elo Cidadão*", que contemplou cinco projetos. Esta nossa ação extensionista se caracteriza como um inventário com identificação, mapeamento, diagnóstico, catalogação, classificação e interpretação das peças e expressões culturais dos cordelistas que nasceram ou residem no Estado da Paraíba, sendo que cada um deles que for identificado terá um texto específico, em formato de verbete e com publicação no blog do projeto, acessível com um link, na condição de uma seção do site do projeto de extensão parceiro "Paraíba Criativa", pois o referido portal é o maior do país nos quesitos inventariação de uma cultura regional, na identificação, mapeamento e registro das artes e culturas de uma unidade federativa do país, um canal de comunicação

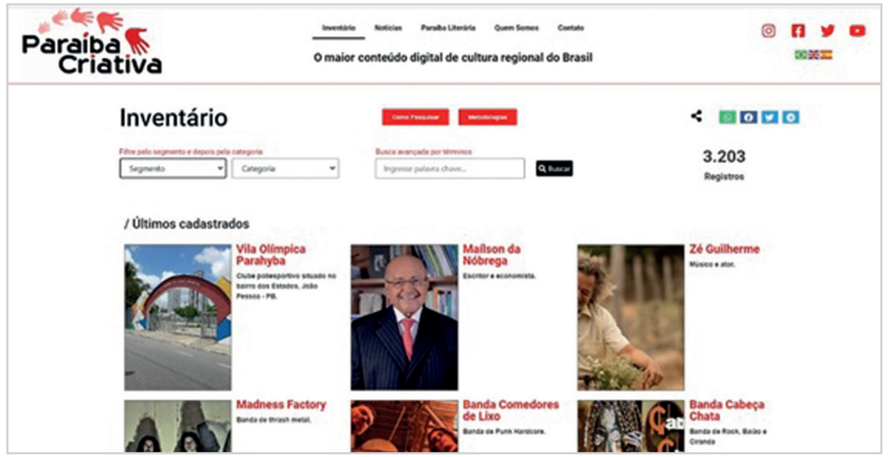


Figura 1 – Página do Inventário da Cultura Popular
Fonte: Site Paraíba Criativa, 2024

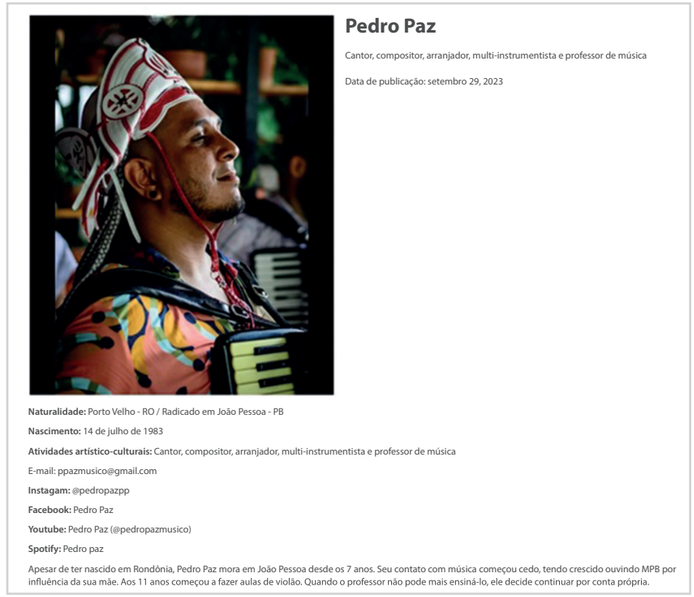
via *WEB* que já contabiliza 1.339.000 (um milhão, trezentos e trinta e nove mil) visualizações.

Logo, os objetos inventariados sobre a literatura de cordel da Paraíba terão ampla projeção, mediante a grande visibilidade e abrangência do referido site. Além disso, o conhecimento técnico da equipe do "Paraíba Criativa" na operacionalização de seu portal eletrônico é uma valiosa contribuição às nossas atividades. Na nova edição do projeto (Probex / UFPB / 2022 - 2023), utilizou-se amplamente as redes sociais, com nossas páginas no Instagram e Facebook, as quais, além de servirem para divulgar as ações, foram mecanismos para induzir visitas aos conteúdos inventariantes.

Sabe-se, em virtude de pesquisas prévias e experiências nas edições anteriores do projeto, haver muito a inventariar no que diz respeito à literatura de cordel do Estado da Paraíba, dada a grande produção dos autores regionais, considerando-se, ainda, que a cada dia surgem novos cordelistas com suas inéditas produções, pois a Paraíba é terra de pronunciados traços culturais memoriais, mas também lugar de talentos pulsantes e inquietos, criativos e sedutores, em constante renovação, especialmente no campo da arte cordelista.

O projeto de extensão objetiva realizar um amplo e abrangente inventário sobre o mundo do cordel paraibano, que registre a vida e as obras dos agentes desse segmento artístico-cultural popular. De modo específico, disponibilizar o inventário da literatura de cordel da Paraíba para consulta pública e gratuita, e possibilitar a integralização do currículo escolar dos estudantes que farão parte da equipe executora do projeto, em relação aos conteúdos flexíveis, de acordo com as diretrizes dos projetos pedagógicos de seus respectivos cursos, considerando que todos eles imputam grande relevância às ações extensionistas.

Por isso, a proposta do projeto de extensão foi motivada pela certeza de que a identificação e o registro do cordel paraibano serão extremamente oportunos e de grande utilidade para práticas destinadas a valorizar e fomentar a cultura regional, um trabalho que não pode parar, pois não há limites para se identificar e registrar a cultura de um povo, especialmente



Pedro Paz

Cantor, compositor, arranjador, multi-instrumentista e professor de música

Data de publicação: setembro 29, 2023

Naturalidade: Porto Velho - RO / Radicado em João Pessoa - PB

Nascimento: 14 de julho de 1983

Atividades artístico-culturais: Cantor, compositor, arranjador, multi-instrumentista e professor de música

E-mail: ppazmusico@gmail.com

Instagam: @pedropazpp

Facebook: Pedro Paz

Youtube: Pedro Paz (@pedropazmusico)

Spotify: Pedro paz

Apesar de ter nascido em Rondônia, Pedro Paz mora em João Pessoa desde os 7 anos. Seu contato com música começou cedo, tendo crescido ouvindo MPB por influência da sua mãe. Aos 11 anos começou a fazer aulas de violão. Quando o professor não pode mais ensiná-lo, ele decide continuar por conta própria.

Figura 2 – Verbete do Pedro Paz
Fonte: Site Paraíba Criativa, 2024

dos paraibanos, em particular pelo fato de sua produção em literatura de cordel ser muito diversificada, criativa e prolífica.

O material (verbetes) produzido sobre o cordel paraibano é robusto, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, de modo a identificar e registrar com a devida valorização essa arte popular que tanto representa e ensina sobre a história, memória, tradições e costumes de nossa gente.

Destacam-se os bons resultados de nossos trabalhos inventariantes, em trabalhos de extensão anteriores, relativos às descobertas sobre a cultura paraibana, com destaque para as narrativas do invisível, aquelas expressões da arte e cultura do Estado desconhecidas, o que instiga e fortalece a paixão pelo trabalho realizado.

Desenvolvimento

A literatura de cordel teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que, pela tradição, eram feitos oralmente pelos trovadores. A tradição desse tipo de publicação vem da Europa. No século XVIII, esse tipo de literatura já era comum, e os portugueses a chamavam de literatura de cego, pois, em 1789, Dom João V criou uma lei que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação.

No início, a literatura de cordel também tinha peças de teatro, como as que Gil Vicente escrevia. Esta literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização. Entretanto, o consumo do cordel no Brasil remonta ao século XVIII, quando a literatura de cordel chegou ao nosso país.

Durante o início da colonização, os portugueses a trouxeram e, aos poucos, ela começou a se tornar popular. Há quem afirme que os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá e, em seguida, pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Inicialmente, quase todos os autores da literatura de cordel brasileira eram cantadores. Estes improvisavam os versos na hora em que estavam cantando, viajavam pelas fazendas, vilarejos e pequenas cidades do sertão.

Para os escritores desse gênero, é possível ser o repórter dos acontecimentos, representante do povo, narrar as histórias de Lampião, de João Grilo, falar sobre histórias de amor. Nos dias atuais, a região brasileira onde temos o foco da literatura de cordel é o Nordeste. Os folhetos ainda são vendidos em lonas ou malas estendidas nas feiras populares, e ainda podemos encontrá-los pendurados em cordões.

Muitos escritores foram influenciados pela literatura de cordel, e entre eles temos: João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa. Entre as características mais peculiares da literatura de cordel, se destacam as ilustrações feitas por xilogravuras, a pronunciada essência cultural ao relatar tradições regionais, além de contribuir para a continuidade do folclore brasileiro. Tratam-se de publicações impressas de baixo custo e, por isso, atingem um grande público, fato que leva ao costume da leitura por públicos genéricos. Quando os textos são considerados romances, há recursos narrativos relevantes, como: descrição de personagens, monólogos, súplicas, preces por parte do protagonista. Nos argumentos das histórias sempre se faz presente, como ponto central, uma problemática que deve ser resolvida com a inteligência e astúcia do personagem protagonista.

Na Paraíba, de acordo com as afirmações de Slater (1984), há uma relevante produção de cordel, em aspectos quantitativos e qualitativos, quase sempre editada em forma de folheto e voltada, de maneira simples e objetiva, para a vida cotidiana de diversos grupos sociais. Sendo os cordéis impressos a partir de experiências individuais e coletivas, e versando tanto sobre histórias tradicionais como acontecimentos recentes, podem ser analisados pelos historiadores não como lugar de uma cultura cristalizada e inferior, mas como constituintes da história, como lugar de operação, enquanto criação, enquanto poética: o cordel como lugar de produção de sentido e de rearticulação de temporalidades.

Com o advento das tecnologias e as mudanças na forma de comunicação, o cordel passou a estar presente além das feiras e, entre outros lugares, ganhou espaço também na WEB. "Devido a essa evolução tecnológica, atualmente, já encontramos o cordel eletrônico, por meio da Internet. Com isso, a literatura de cordel tem conquistado um grande espaço nos mais diversos âmbitos, o que lhe concedeu uma vasta visibilidade na mídia e, por conseguinte, reconhecimento nacional e internacional." (SILVA, 2010, p. 8).

Assim, a rede WEB amplia a divulgação do cordel, já que leva esse tipo de literatura a um maior público, diferenciado, com interesses específicos em tal segmento literário-cultural, algo relevante em termos de visibilidade e abrangente recepção comunicacional.

Para Sousa (2007, apud ASSIS, TENÓRIO E CALLEGARO, 2012, p. 7), o cibercordel é formado por uma "sinergia entre as formas de narrar o cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço." Inserido no meio eletrônico através de sites de associações de cordel, blogs e redes sociais como Facebook, ou até adaptado a outras como Twitter e Instagram, o cordel se mantém vivo culturalmente.

Com novas maneiras de escrever e interagir, os cordelistas conseguem cativar leitores que antes não tinham acesso a esse tipo de literatura e ainda ajudam na formação de novos autores. O ciberespaço se torna importante para a literatura de cordel, não só nas novas formas de produção, como também na reprodução e na preservação da cultura popular, trazendo o poeta para mais perto da sociedade. Em virtude do imediatismo

informacional, rápido, volátil e fugaz, provocado pelo registro no ciberespaço, é cada vez maior a necessidade de criar condições que protejam e recuperem informações oriundas da produção literária do cordel. Seja qual for o ambiente, presencial ou virtual, o texto do poeta popular precisa estar próximo, ao alcance de todos, fazendo com que o criador e a obra estejam sempre presentes no imaginário e no cotidiano popular e acadêmico (GAUDÊNCIO; ALBUQUERQUE, 2017, p. 131).

Podemos assim perceber que a literatura de cordel deve ser divulgada e mantida, e que a Internet é um lugar de disseminação de costumes, tradições e experiências, tanto que o nosso inventário fica à disposição do público, em formato de verbetes que correspondem a conteúdos enciclopédicos digitais.

Metodologia

O passo inicial do Projeto é o treinamento dos estudantes bolsistas e voluntários, para que eles dominem as práticas do inventário, elaboração de verbetes e inserção de conteúdos no blog do Projeto. O inventário do Projeto e seus complementos são realizados por todos os estudantes da equipe, sob a orientação dos docentes. A elaboração de um inventário com identificação, mapeamento, diagnóstico, catalogação, classificação e interpretação das peças e expressões culturais dos cordelistas que nasceram ou residem no Estado da Paraíba deve ser direcionada de modo a não ser algo frio e asséptico, sob pena de se conseguir apenas dados quantitativos e descritivos, sem captar o espírito, emoções, perfis criativos e detalhes mais significativos do agente cultural, condição que impede a elaboração dos textos enciclopédicos, verbetes, atraentes.

Assim, a diretriz é a elaboração de verbetes com linguagem cativante, que empolgue, emocione e seduza. Indicamos, portanto, que o trabalho inventariante se caracteriza como pesquisa participante, metodologia de estreita identidade com ações extensionistas, recomendada, particularmente, para nosso Programa, pois objetivamos contribuir para proporcionar maior visibilidade às artes e culturas brejeiras.

Entre as variáveis de concepções e direcionamentos da pesquisa participante, Tripp (2005, p. 446) apresenta seus procedimentos metodológicos mais pragmáticos, nos quais a investigação se preocupa com os resultados de seu próprio trabalho, planeja melhoras na prática, toma iniciativas para efetivar o aperfeiçoamento planejado e monitora os efeitos das ações modificadoras.

No que tange às ações executivas do inventário, realizamos as pesquisas de gabinete (bibliográficas e documentais), com coleta de dados em fontes secundárias: pesquisas bibliográficas e na mídia, incluindo sites na Internet, registros e documentos de prefeituras, secretarias estaduais e municipais de cultura e turismo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP e associações de cordelistas, conforme suas informações e registros presentes na Internet.

Também são realizados contatos diretos com cordelistas, via celular e WhatsApp. É uma estratégia recorrente em nossas pesquisas, que apresentam ótimos resultados, pois sempre resultam numa identificação de cordelistas de forma mais rápida e dinâmica, bem como os diversos nomes que fazem parte dos grupos.

Portanto, os procedimentos metodológicos referentes às pesquisas inventariantes se encontram devidamente adaptados ao trabalho *online*, doméstico, no formato mais reconhecido na linguagem coloquial, como *home office*, e foram aprimorados em virtude das ações remotas realizadas nas edições de 2020 e 2021-22. Com o fim do isolamento social, na ação 2022-23, voltamos às pesquisas de campo, procedimento que foi adotado no primeiro ano de execução do projeto, 2019, período em que se realizavam encontros pessoais com cordelistas, para entrevistas e registros fotográficos, inclusive, e em maior monta, em visitas às feiras livres e eventos culturais.

Por outro lado, as redes sociais, como páginas do Projeto no Instagram e no Facebook, são utilizadas para divulgar, dar mais amplitude e visibilidade às nossas ações inventariantes, utilizando tais instrumentos digitais *online* para induzir o público a visitar o site com as publicações dos verbetes sobre os múltiplos poetas cordelistas paraibanos.

Considerações

A experiência inventariante por parte da equipe é considerável, já que é composta por um grupo de docentes e, ainda, alguns estudantes remanescentes, que contribuem com o Programa de Extensão “Paraíba Criativa: a cultura paraibana no mundo da economia criativa”, aprovado e classificado com recursos do Proext/MEC, nos anos de 2012 a 2016, além de ser Projeto do Probex UFPB desde 2017 e até o presente.

As experiências docentes e extensionistas apontam para o fato de quase todo o inventário cultural demandar muito trabalho já que, quase sempre, a investigação sobre um novo bem material, assim como de expressão imaterial, leva ao conhecimento de outros produtos passíveis de serem identificados, pois a pesquisa de produto ou expressão, conforme os procedimentos metodológicos que utilizamos, descritos em tópico deste trabalho, geralmente indica a existência de outros bens análogos, comprovando-se, assim, descobertas em progressão geométrica.

No caso, exemplificamos com uma experiência que se repete no cotidiano de nossas ações: é muito comum entrarmos em contato, via telefone, com cordelistas, que, ao saber do motivo de nossa chamada, informações sobre seu trabalho, é muito comum ouvirmos colocações do tipo: “Tenho muitos amigos que também são cordelistas, e faço parte da Associação de Cordel do Alto Sertão Paraibano.” Logo, nossa afirmação de que um inventário substancial do mundo artístico e cultural de um povo é, realmente, infindável, particularmente no segmento do cordel.

O projeto objetiva proporcionar a oferta aos professores do Projeto da indispensável atualização de conhecimentos, com vivências práticas, ações com real perfil de capacitação docente, e aos estudantes da equipe bolsista e voluntários relevantes vivências no campo da extensão, em relações com o ensino e a pesquisa, e no alinhamento da teoria à prática, em configurações inter e multidisciplinares relativas à cultura, jornalismo, turismo, artes, marketing cultural e economia criativa da cultura com base nas informações da literatura de cordel da Paraíba.

Além de complementação do currículo escolar dos estudantes da equipe executora de relativos aos conteúdos flexíveis, de acordo com as diretrizes dos projetos pedagógicos de seus respectivos cursos, considerando que todos eles imputam grande relevância às ações extensionistas, conforme o conjunto de atividades que atendem às proposituras do PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal da Paraíba, que apregoa a formação teórico-prática dos estudantes associadas à realidade de seu meio social, e de modo a integrar a Universidade com os demais setores da sociedade, para promover o desenvolvimento socioeconômico regional.

O projeto proporciona à sociedade um

robusto inventário sobre o mundo da literatura de cordel paraibano, com pesquisas que não sejam frias e assépticas, de modo a se evitar não conteúdos apenas com dados quantitativos e descritivos, sem captar o espírito, emoções, perfis criativos e detalhes mais significativos do agente cultural, sendo que nossa diretriz na área é a elaboração de verbetes com linguagem cativante, que empolgue, emocione e seduza.

Além dos resultados já descritos neste texto, ainda proporcionam alta visibilidade aos bens registrados, fato que, de acordo com a significativa produção acadêmico-científica sobre a economia da cultura, é indutor ao desenvolvimento socioeconômico dos lugares com base em suas criações artísticas culturais, o célebre reconhecimento da "cultura como recurso" (YÚDICE, 2004). Tal linha de entendimento é um outro fator que motiva o projeto proposto, em virtude de também ter como objetivo empregar nosso potencial acadêmico, adequado aos parâmetros da extensão universitária, de modo a contribuir para o reconhecimento e promoção das produções dos cordelistas paraibanos, de forma que elas sejam competitivas no mercado, explorando sua originalidade e qualidade, para alcançar resultados positivos.

Na perspectiva acadêmico-extensionista, o Projeto tem a especial virtude de dotar os membros da equipe executora, formada por docentes e estudantes, bolsistas e voluntários, da graduação e pós-graduação, dos cursos de jornalismo, turismo, artes e cinema, de uma experiência diferenciada, voltada para atender, ampla e pragmaticamente, os preceitos de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de contribuir com os interesses dos públicos-alvos, os cordelistas da terra.

A ação também se mostra relevante ao ofertar aos estudantes da equipe executora, bolsistas e voluntários, uma série de oportunidades de aprendizado prático mediante as atividades realizadas. E ao atender a um amplo público, da UFPB e da sociedade local, amplia sua proposta extensionista. ◂

Referências Bibliográficas

BASSIS, R. A.; TENÓRIO, C. M.; CALLEGARO, T. Literatura de cordel como fonte de informação. *CRB8 Digital*, v. 5, n. 1, 2012.

GAUDÊNCIO, Mário; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. *Em questão*. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 129-153, jan./abr. 2017.

SILVA, Silvio Profírio da *et al*. *Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade*. Raídos, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

SLATER, Miriam. *Family life in the seventeenth century: the Verneys of Claydon House*. Routledge, 1984.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Experiências no projeto de extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais"

Caroline Brum Machado[1]; Fabio Pinto da Silva[2]; Paulo Victor de Farias Dantas[2]; Pedro Arthur Bueno Silva[3]
[1]Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FABICO/UFRGS
[2]Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FA/UFRGS
[3]Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IF/UFRGS
E-mail: carolinebrum23@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta o Projeto de Extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais", com enfoque para as ações voltadas para a acessibilidade e a formação multidisciplinar da equipe. Para isso, propomos, inicialmente, a conceitualização das tecnologias 3D, abordando as diferentes áreas de conhecimento envolvidas no processo de virtualização de objetos físicos e materialização de modelos virtuais. Em seguida, apresentamos a legislação que ampara a reprodução tátil de obras para fins de acessibilidade, e também discorremos sobre a difusão, no ambiente acadêmico e junto a instituições culturais, do trabalho desenvolvido. Com o exposto, enfatizamos a importância da multidisciplinaridade entre o grupo de discentes e das atividades desenvolvidas, a fim de promover a integração acadêmica e social no âmbito da extensão universitária.

Palavras-chave: digitalização 3D, réplicas táteis, impressão 3D.

Resumen

Este artículo presenta el Proyecto de Extensión “El uso de tecnologías 3D en instituciones culturales”, centrándose en acciones dirigidas a la accesibilidad y la formación de equipos multidisciplinarios. Para ello, proponemos inicialmente la conceptualización de las tecnologías 3D, abordando las diferentes áreas del conocimiento involucradas en el proceso de virtualización de objetos físicos y materialización de modelos virtuales. A continuación, presentamos la legislación que apoya la reproducción táctil de obras con fines de accesibilidad, y también discutimos la difusión, en el ámbito académico y con instituciones culturales, de los trabajos desarrollados. Resaltamos la importancia de la multidisciplinariedad entre el grupo de estudiantes y las actividades desarrolladas, con el fin de promover la integración académica y social en el ámbito de la extensión universitaria.

Palabras clave: escaneo 3D, réplicas táctiles, impresión 3D.

Introdução

O Laboratório de Design e Seleção de Materiais (LDSM/UFRGS) foi fundado em 1998 e, atualmente, conta com uma equipe multidisciplinar de aproximadamente 40 membros, entre docentes e discentes de graduação, mestrado e doutorado. Desde a sua criação, o laboratório e grupo de pesquisa têm como principal objetivo o desenvolvimento de trabalhos relacionados a materiais e design, com atividades desenvolvidas nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão. É neste contexto que o LDSM investiga, há mais de 15 anos, a aplicação de tecnologias 3D como auxiliares na preservação e na difusão do patrimônio cultural, tendo como proposta promover o conhecimento, a inovação tecnológica e o desenvolvimento social.

O que vem sendo chamado de “tecnologias 3D” nesta atuação pode ser compreendido como um conjunto de técnicas, processos, métodos e recursos para virtualizar objetos físicos e/ou materializar modelos virtuais. A digitalização é uma das formas mais comuns de virtualização, incluindo-se nela técnicas de captura de dados geométricos, como a digitalização 3D, além de técnicas de visualização e manipulação de dados 3D digitais, como realidade virtual e aumentada. A materialização, por sua vez, corresponde ao caminho inverso, tomando sempre um modelo ou dado virtual como ponto de partida para a criação de artefatos físicos. Na materialização de modelos digitais, são empregados processos comumente chamados de “fabricação digital”, incluindo-se entre eles impressão 3D e usinagem (Silva *et al.*, 2021).

No projeto de extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais", pesquisamos, aplicamos e difundimos as tecnologias mencionadas em prol do patrimônio cultural. O projeto vem proporcionando a inserção regional e o contato e a colaboração com diversas instituições culturais e profissionais da área. Na cidade de Porto Alegre, já foram digitalizadas obras pertencentes aos acervos do Palácio Piratini, do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), do Museu de História Júlio de Castilhos, do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, do Prédio Centenário da Escola de Engenharia da UFRGS, além de elementos de fachada de outros prédios históricos institucionais e monumentos localizados em diversos logradouros públicos, como o Parque Marinha do Brasil, o Parque da Redenção e a Praça da Alfândega.

Um dos meios utilizados para documentar e difundir o trabalho realizado no âmbito do projeto de extensão é o Repositório 3D do LDSM (https://www.ufrgs.br/ldsm/3d/), no qual estão disponíveis modelos 3D interativos de algumas das obras e acervos contemplados pelo projeto. Algumas das demais abordagens são apresentadas no restante do presente artigo.

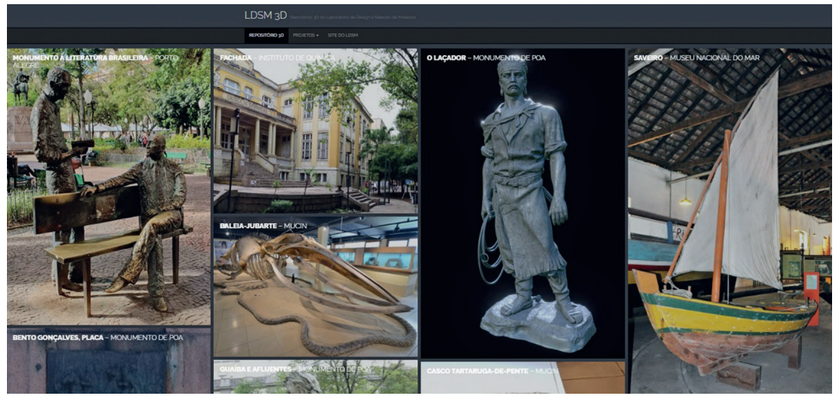


Figura 1 - Repositório digital 3D do LDSM

Fonte: site do LDSM, 2024

Abordagem multidisciplinar e colaborativa

A multidisciplinaridade se insere no projeto de extensão não somente por meio da equipe de trabalho, que se renova anualmente e que, atualmente, é composta por pós-graduandos em Design de formação diversa e bolsistas de cursos de graduação como Museologia, Artes Visuais, Engenharia Física e Engenharia de Controle e Automação. Ela se insere ainda por meio das diversas áreas de conhecimento tangenciadas pelo trabalho desenvolvido, que, além de Design, Engenharias, Museologia e História, vem incluindo, cada vez mais, noções de Direito que dão suporte à digitalização e reprodução de bens culturais.

No decorrer da atuação do LDSM junto à digitalização 3D de bens culturais, observou-se a necessidade de dar respostas a algumas dúvidas legais que emergiam tanto por parte da equipe quanto de instituições e agentes culturais com os quais se colaborava, em especial no que tange aos direitos autorais e às restrições e permissões legais para a reprodução dessas obras. Em função dessa lacuna de conhecimento, foram conduzidas pesquisas buscando fazer um levantamento de leis que regem essa questão, bem como pesquisas de jurisprudência para compreender como essas leis vêm sendo aplicadas em casos específicos.

A realização dessas pesquisas foi viabilizada pelo fato de a equipe ser integrada por uma bolsista de extensão com formação prévia em Direito.

Nesse sentido, foram identificadas duas leis brasileiras de maior relevância para a questão, sendo elas: a Lei nº 9.610/98 - Lei de Direitos Autorais (LDA) e a Lei nº 13.146/15 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI). A LDA tem como objetivo assegurar os direitos dos autores, no entanto, exclui das ofensas aos direitos autorais, em seu artigo 46, a reprodução, sem fins lucrativos, de obras literárias, artísticas ou científicas para a acessibilidade de deficientes visuais (Brasil, 1998). A LBI, por sua vez, amplia o rol daqueles que possuem direito à acessibilidade para além de deficientes visuais. Identificou-se que os processos de manutenção de dados digitais e a disponibilização de modelos 3D no repositório digital são considerados equivalentes à cópia nos termos do artigo 5º, inciso VI, da LDA (Brasil, 1998), necessitando-se, portanto, de autorização daqueles que detêm os direitos autorais da obra.

A partir das informações trazidas por essas leis, foram criados alguns procedimentos para a atuação do LDSM, visando assegurar o respeito aos direitos autorais e resguardar o laboratório e a universidade de quaisquer conflitos futuros. Assim, estabeleceu-se que, antes da condução de qualquer procedimento de digitalização 3D, será realizada uma pesquisa de contextualização de cada bem cultural, a fim de identificar autoria, propriedade e se a mesma se encontra em domínio público. Uma vez identificada a autoria e a propriedade do bem cultural, busca-se entrar em contato com os detentores desses direitos para a obtenção de autorização expressa para a digitalização e reprodução, além de estabelecer, em contrato, outras formas de colaboração. Para além das obrigações legais, essa abordagem propicia, cada vez mais, a difusão dessas tecnologias e a colaboração com diferentes agentes.

Pensando nisso, uma das ações desenvolvidas foi a realização da palestra "Tecnologias 3D e seus produtos aplicados ao patrimônio cultural: investigando as oportunidades e limitações do cenário nacional" junto à disciplina eletiva Tópicos Especiais em Museologia, Memória e Direitos Humanos, do curso de bacharelado em Museologia da UFRGS, na qual foram apresentadas possíveis aplicações das tecnologias 3D no âmbito museológico, com ênfase nas reproduções táteis e o amparo legal concedido pela LBI. Aproveitamos a oportunidade para ressaltar o tratamento dado pela LBI à oferta de reproduções táteis, uma vez que, mesmo os materiais produzidos sobre Direitos Autorais, voltados especificamente para a área cultural, como o *Manual de direito autoral para museus, arquivos e bibliotecas* (Valente e Freitas, 2017), deixam de contemplar a inovação legal trazida pela Lei nº 13.146/15, que veda a "recusa de oferta de obra intelectual em formato acessível à pessoa com deficiência, sob qualquer argumento, inclusive sob a alegação de proteção dos direitos de propriedade intelectual" (Brasil, 2015, art. 42, inciso III, § 1º).

A composição de uma equipe multidisciplinar também nos permite levar o debate sobre acessibilidade para áreas nas quais o assunto é pouco ou não debatido, contribuindo para a mitigação de barreiras atitudinais. Conforme conceitua Salasar (2019), a barreira atitudinal pode ser compreendida como ações e omissões que impedem e/ou dificultam o acesso e o uso de espaços e serviços por pessoas com deficiência. Assim, a capacitação para produção de reproduções táteis deve ser trabalhada para além das tecnologias e técnicas, englobando o porquê de realizarmos esses trabalhos.

Memorial pessoas imprescindíveis

Como exemplo tanto da multidisciplinaridade quanto dos procedimentos adotados, apresentamos uma das obras digitalizadas neste ano: o *Memorial Pessoas Imprescindíveis*, da artista Cristina Pozzobon, localizado no Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. Este monumento atua como uma denúncia das violências ocorridas durante o período ditatorial no Brasil (1964-1985). A digitalização da obra foi realizada a pedido da turma da 14ª Exposição Curricular Obrigatória do curso de Museologia da UFRGS.

O memorial homenageia Manoel Raimundo Soares, preso, torturado e assassinado por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Com 3,62 m de altura e construído em aço Corten, a escultura representa duas mãos amarradas segurando uma bandeira, em alusão à forma como o corpo de Manoel foi encontrado.

Antes de iniciarmos o processo de digitalização, além de uma pesquisa que contextualizasse a obra historicamente e na paisagem urbana, foram observadas questões de direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 - Lei de Direitos Autorais (LDA). Nesse sentido, entrou-se em contato com a artista Cristina Pozzobon, que, além de fornecer as

Figura 2 - Processo de digitalização tridimensional do Memorial Pessoas Imprescindíveis

Fonte: Autores

devidas autorizações, demonstrou interesse na tecnologia empregada. No mesmo sentido, tratando-se de obra situada em logradouro público, outras autorizações precisaram ser firmadas. No caso do Memorial Pessoas Imprescindíveis, informou-se à Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa de Porto Alegre sobre a intenção de realizar a digitalização 3D, e solicitou-se autorização para a instalação de andaime junto à obra, com informações atinentes à equipe e aos equipamentos utilizados. O contato com o poder público oportunizou, ainda, a solicitação de acompanhamento da Guarda Municipal, visando à segurança dos discentes e dos equipamentos empregados.

No que tange à realização de digitalizações 3D em espaços públicos, como neste caso, a equipe do LDSM estabeleceu diretrizes a serem seguidas, garantindo não apenas a observação de todas as autorizações necessárias, mas também funções específicas a serem desempenhadas pelos participantes e um checklist dos materiais utilizados. Com respeito aos papéis desempenhados pelos integrantes da equipe, buscou-se inspiração em equipes de produção audiovisual, definindo as funções de operador de scanner, assistente de scanner, assistente de cabos e fotógrafo, para a documentação da ação, além de auxiliares para dar suporte na montagem e até na interação com os transeuntes. Essa definição prévia de funções auxilia na mitigação de imprevistos. Da mesma forma, o checklist assegura a disponibilidade do material necessário na hora da digitalização, que compreende desde scanner 3D, notebook, baterias externas, câmera e extensão de energia elétrica até itens como marcadores visuais para facilitar a captura de dados em superfícies planas. Assim, para além das expertises tecnológicas, o projeto fomenta a colaboração interdisciplinar dos alunos, correlacionando a inovação com outras áreas do conhecimento.

A captura de dados em si foi realizada com a utilização de um scanner 3D móvel de luz estruturada (Artec EVA), que funciona a partir da projeção de padrões de luz branca sobre a superfície da peça. Esses padrões são identificados por câmeras que capturam a geometria da superfície com base na distorção desse padrão. Visto que o equipamento trabalha com

base em luz visível, e o Memorial se encontra a céu aberto, fez-se necessário realizar a captura de dados após o pôr do sol, a fim de mitigar a influência da luz do dia. A captura dos dados foi realizada em múltiplas partes e teve duração de aproximadamente 2 horas. A partir da captura dos dados brutos, o software do scanner cria uma nuvem de pontos, com medição precisa e confiável, resultando em uma malha digital que é a réplica fidedigna da geometria da peça física. Após a criação da malha, o modelo pode ser refinado. Isso envolve a remoção de pontos desnecessários, correção de falhas e, se preciso, adição de texturas, obtidas também no momento da captura, para deixar o modelo com aparência mais realista. Neste caso específico, como foram utilizados marcadores visuais para facilitar a captura de dados das superfícies lisas da obra, fez-se necessário o pós-processamento da textura, deixando o modelo virtual final de acordo com a obra.

Figura 3 - Apresentação de réplica tátil do Memorial Pessoas Imprescindíveis no 25º Salão de Extensão da UFRGS

Fonte: Pró-reitoria de extensão - PROREXT/ UFRGS, 2024

Reproduções táteis para acessibilidade

Dentre as diversas possibilidades de aplicação das tecnologias 3D na área patrimonial, uma das que ganha destaque é a (re)produção de peças táteis para acessibilidade. Isso porque a metodologia aplicada permite que a pessoa, ao tocar a réplica, tenha acesso aos detalhes de relevo da obra original, mesmo que em escala reduzida. Embora tenhamos citado outras vertentes dos trabalhos desenvolvidos, como os modelos 3D do repositório digital e a viabilidade de inserção das obras em projetos de realidade virtual e realidade aumentada, no último ano o Projeto de Extensão operou com enfoque na acessibilidade.

Com o modelo digital pronto, é possível imprimir uma réplica em diferentes escalas. No caso do Memorial Pessoas Imprescindíveis, optou-se por uma impressão em escala 1:15, com altura de 24,1 cm e peso de 288 g, o que torna a réplica de fácil manuseio e transporte. Essa impressão foi feita com a impressora 3D *Elegoo Saturn 2*, que funciona pelo processo de estereolitografia mascarada (MSLA), no qual luz ultravioleta é irradiada através de uma tela de cristal líquido (LCD) para curar e solidificar camadas de resina líquida fotossensível.
O processo de fabricação da peça também incluiu lavagem com álcool, logo após o término da impressão, para remoção de resquícios de resina líquida, e a cura sob luz ultravioleta.

Outro processo de produção possível, também empregado no Projeto de Extensão, é a impressão 3D por filamento, que consiste na deposição, camada a camada, de um material termoplástico, podendo esse material variar (PLA, ABS, PETG, TPU, Nylon, etc.) conforme a finalidade e os resultados almejados. Obras como *O Laçador*, de Antônio Caringi, e a alegoria do Rio Caí, pertencente ao chafariz *Guaíba e Afluentes*, hoje situado na Hidráulica Moinhos de Vento, tiveram suas réplicas táteis confeccionadas a partir dessa metodologia.

Essas réplicas táteis, assim como a impressora 3D que as fabricou, foram apresentadas no 24º Encontro Brasileiro de Usuários de *Dosvox*, a convite da União dos Cegos do Rio Grande do Sul (UCERGS). Postos em uma mesa para fins de interação, os objetos foram mediados para os visitantes, que puderam conhecer, além do resultado final, como funciona o processo de fabricação e qual o maquinário utilizado.

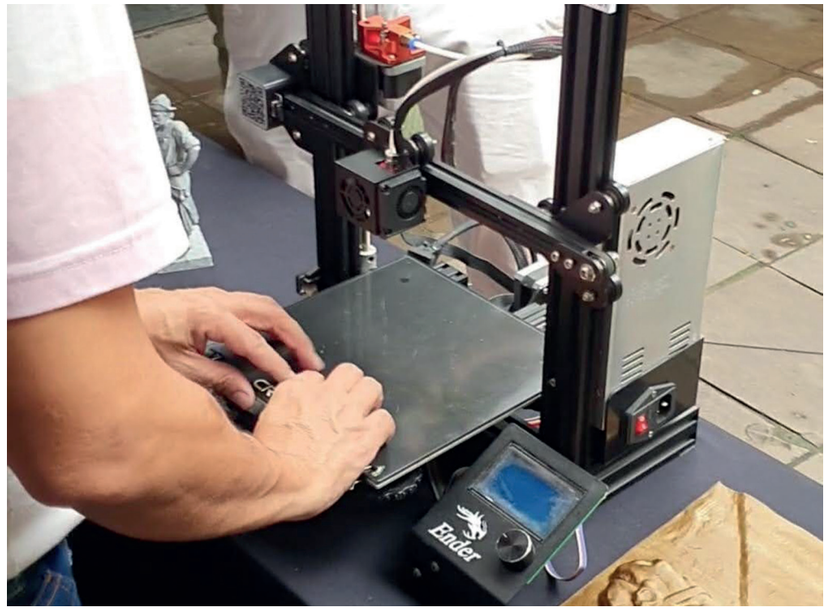


Figura 4 - Participante do 24º Encontro Brasileiro de Usuários de Dosvox conhecendo uma máquina de impressão 3D através do tato

Fonte: Autores, 2023

Para pessoas não videntes ou com baixa visão, as réplicas táteis, juntamente com recursos como a audiodescrição e o fornecimento de textos em braille, ou mediação, figuram como um meio de acesso à cultura, ao lazer e ao turismo - direitos de acesso que podemos considerar como basilares quando pensamos em instituições culturais inclusivas.
Ainda, as réplicas táteis não ficam restritas a um único público, figurando também como ferramentas para atividades educativas, não restritas ao público escolar/infantil, e para a difusão patrimonial, sobretudo se pensarmos na viabilidade de deslocamento geográfico de réplicas de peças que são fixadas em logradouros públicos e outros espaços - como no caso da alegoria do Rio Caí, citada acima.

Ante as múltiplas possibilidades que se apresentam, o setor Educativo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) possui uma réplica tátil fabricada pelo LDSM, da obra *Gaúcho*, de Vasco Prado. A réplica foi produzida como contrapartida para a autorização de digitalização da obra, que integra a tese de doutorado *A inovação através da cultura: diretrizes para difusão de tecnologias 3D na preservação e comunicação do patrimônio cultural brasileiro*, de Paulo Victor de Farias Dantas, e compõe atividades educativas acessíveis fornecidas pela instituição.

Figura 5 - Uso de réplica tátil da obra "Gaúcho", de Vasco Prado, em ação educativa do MARGS

Fonte: Autores, 2023

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos o Laboratório de Design e Seleção de Materiais (LDSM/UFRGS), detalhando a abordagem multidisciplinar que o caracteriza, conceituando as tecnologias 3D e suas especificações técnicas. Exemplificamos algumas de suas aplicações junto ao patrimônio cultural, com enfoque na acessibilidade, parte basilar dos trabalhos desenvolvidos no período de 2023/2024. Ainda, abordamos os processos correlatos e o agregamento das expertises dos membros da equipe do projeto de extensão "O uso de tecnologias 3D em instituições culturais".

Entendemos que o acolhimento da diversidade humana e a busca por soluções para acessibilidade ao patrimônio cultural são uma forma de acessibilidade atitudinal, onde a empatia e o respeito pela pluralidade humana são postos como regras primárias na execução de nossas atividades cotidianas. O papel da extensão, nesse contexto, é o de formar discentes com habilidades que transponham a profissionalização, fomentando a integração social e o diálogo de conhecimentos entre a Universidade, os agentes culturais e a comunidade em geral. ◂

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. *Brasília, DF: Diário Oficial da União*, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 1 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Brasília, DF: Diário Oficial da União*, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm?msclkid=e03ca915a93011eca55b7de3600188ab. Acesso em: 20 out. 2024.

VALENTE, Mariana Giorgetti; FREITAS, Bruna Castanheira de. *Manual de direito autoral para museus, arquivos e bibliotecas*. Rio de Janeiro: FGV, 2017. Disponível em: https://hdl.handle.net/10438/19038. Acesso em: 22 out. 2024.

SALASAR, Desirée Nobre. *Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade*. Pelotas: UFPel, 2019. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4390. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, Fabio Pinto da et al. Contribuições das tecnologias 3D à preservação do patrimônio cultural em Porto Alegre. In: OLIVEIRA, Geísa Gaiger de; NÚÑEZ, Gustavo Javier Zani (org.). *Design em pesquisa*. Porto Alegre: Marcavisual, 2021. v. 4.

Núcleo AMPARE e o compromisso ético com o debate sobre o assédio moral na universidade

Ana Carolina Brondani[1]; Candice Cresqui[1]; Eliana Ventorini[1]; Elisiane Szubert[2]; Jeniffer Cuty[3]; Mariana Valls Atz[1]; Thallys de Souza Menezes[3]

[1]Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROGESP/UFRGS

[2]Ouvidoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

[3]Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FABICO/UFRGS

E-mail: jcuty@ufrgs.br

Resumo

Aborda a criação do Núcleo AMPARE – Assédio Moral, Projeto de Acompanhamento e Reparação, vinculado ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão (PROREXT) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Destaca perspectivas teóricas, a interdisciplinaridade e as hipóteses de trabalho frente ao tema do assédio moral em instituições públicas de ensino superior. Descreve a aprovação da Resolução 275/2022 – Política contra o Assédio no âmbito da UFRGS, elaborada por integrantes do AMPARE, e as ações realizadas entre 2022 e 2024. Salienta o reconhecimento do núcleo na UFRGS e em outras instituições de ensino superior brasileiras e aponta para a necessidade do permanente debate sobre essa violência – o assédio – e outras que possam estar invisibilizadas ou naturalizadas no ambiente laboral das universidades.

Palavras-chave: assédio moral, ética, direitos humanos, instituições públicas de ensino superior.

Resumen

Aborda la creación del Centro AMPARE – Proyecto Acoso Moral, Monitoreo y Reparación, vinculado al Departamento de Educación y Desarrollo Social (DEDS) del Decano de Extensión (PROREXT) de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Destaca perspectivas teóricas, interdisciplinariedad e hipótesis de trabajo respecto de la problemática del acoso moral en las instituciones públicas de educación superior. Describe la aprobación de la Resolución 275/2022 - Política contra el Acoso en el ámbito de la UFRGS, elaborada por miembros de la AMPARE y las acciones realizadas entre 2022 y 2024. Destaca el reconocimiento del núcleo de la UFRGS y de otras instituciones de educación superior brasileñas y apunta a la necesidad de un debate permanente sobre esta violencia - el acoso - y otras que pueden resultar invisibilizadas o naturalizadas en el entorno laboral de las universidades.

Palabras clave: acoso moral, ética, derechos humanos, instituciones públicas de educación superior.

Apontamentos iniciais

No âmbito da análise dos direitos humanos em instituições públicas de ensino superior, destacam-se questões primordiais que se colocam a quem ingressa e atua na Universidade para desempenhar a função de servidor(a), docente ou técnico(a). A primeira questão, que surpreende negativamente, é verificar que as instituições criam e reproduzem hierarquias impostas, as quais se perpetuam em departamentos e unidades, potencializando as inúmeras violências cometidas nesses lugares. Quem nunca ouviu: "Foi sempre assim!"; "Estás produzindo demais, cuidado!"; "Tens que pedir apoio de determinadas pessoas, pois elas conhecem a UFRGS". Diante disso, a primeira inquietação nesse sentido é que o sujeito que produz demais – contrariando a perspectiva produtivista – pode ser alvo de violências diversas, entre elas o assédio moral em suas múltiplas formas.

Sendo assim, é preciso olhar para as violências cotidianas – aqui pensadas nas distintas formas de assédio moral, tais como boicote, difamação, exclusão, e humilhação – desnaturalizando os acordos tácitos de poder que se instalam nos setores das instituições. Esses acordos são cuidadosamente invisibilizados. É por meio de estratégias de humilhação sistemática, direcionadas aos sujeitos que "estão chegando na Universidade", muitas vezes oriundos da iniciativa privada, bem como àqueles que resistem em aderir a esses esquemas, que o assédio moral ganha forma e força. As(os) assediadoras(es) revelam-se hábeis na arte da humilhação e possuem parceiras(os) na tarefa constante de desabonar determinado sujeito, o qual pode ser visto também como bode expiatório de todos os problemas de determinado setor ou departamento.

A filósofa Marilena Chauí (2014) dedica uma obra ao estudo dos escritos de Étienne de La Boétie, autor falecido no século XVI. La Boétie, em "Discurso sobre a servidão voluntária", revela-nos um panorama que, em certa medida, pode ser considerado universal. A partir da análise dessa obra, Chauí nos mostra "como a servidão voluntária está presente por toda parte: muitos vivem sob o domínio de um que se destaca de seus pares, ergue-se acima da sociedade e a sujeita, comandando-a, enquanto os outros servem, voluntariamente" (Chauí, 2014, p. 14). Aqueles que servem voluntariamente também desejam o poder. René Girard (2010), em sua teoria das mímeses, tensiona essa noção de servidão com a perspectiva do "desejar o desejo do outro" na construção do bode expiatório. "Por que não imaginar situações em que grupos sociais desintegraram-se precisamente porque não desenvolveram um mecanismo de controle da violência endógena ocasionada pelo desejo mimético?" (Girard, 2014, p. 20).

Em outra obra central de Chauí, "Sobre a Violência" (2021), a autora nos brinda com diversos textos apresentados em conferências ou publicados de modo autônomo. Um deles se sobressai para a nossa análise, que é: "O mito da não violência brasileira". Nesse texto, Chauí retoma os conceitos de ética, política e violência na história do pensamento, para analisar o que ela denomina como o mito da não violência no Brasil, superando a ideia de uma sociedade brasileira gentil, humanizada, livre de preconceitos e de crueldades contra minorias políticas. Acrescentaríamos aqui a perspectiva da omissão – de alguns sujeitos acomodados em suas atribuições – diante da violência impetrada a outrem, de modo intencional e sistemático.

Tendo essas questões em mente e um repertório de estudos no âmbito filosófico (sobre ética, poder, memória e identidade), em 2020, a docente do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS, Jeniffer Cuty, propôs a capacitação intitulada "Assédio moral e relações de poder em instituições públicas". A proposta inicial era de um curso com a abordagem centrada no assédio moral e com referencial teórico do campo das humanidades, para que as(os) participantes produzissem, ao final, ensaios sobre a temática. A partir de reuniões com a Escola de Desenvolvimento da UFRGS (EDUFRGS) e com servidoras(es) que atuam em diversas áreas de gestão de pessoas, ética, saúde mental e acolhimento às vítimas de assédio moral (entre outras violências), a capacitação tomou outra forma e foi oferecida, em 2021, como grupo de estudos online e com a participação de mais de 50 inscritos. As experiências exitosas de projetos como Parent in Science e Meninas na Ciência foram apresentadas durante o grupo e, ao final, foi proposta às(aos) participantes a elaboração de uma minuta de resolução de prevenção e combate ao assédio moral na UFRGS.

Em novembro de 2021, um grupo de servidoras(es), reunidas(os) a partir da capacitação, decidiu criar o Núcleo AMPARE – Assédio Moral, Projeto de Acompanhamento e Reparação – bem como encaminhar a minuta da resolução, escrita pelos subgrupos da capacitação, ao Conselho Universitário (CONSUN) para aprovação. O AMPARE foi formalizado por regimento e portaria de coordenação pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. A minuta, por sua vez, tramitou por quase um ano no CONSUN e recebeu contribuições e parecer favorável da Comissão de Legislação e Regimentos dessa instância superior da UFRGS. Ela foi aprovada em novembro de 2022 como Resolução 275/2022 – Política contra o Assédio no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e já vigora, na UFRGS, desde então.

Interdisciplinaridade e a participação primordial de estudantes

O ano de 2022 foi dedicado à organização das ações do Núcleo AMPARE na UFRGS, incluindo a campanha "Pare, Repare, Ampare: precisamos falar sobre assédio", iniciada em 2023, bem como o Seminário Nacional Políticas contra o Assédio em Instituições Públicas no Brasil (Foto 1). 2022 também foi o primeiro ano do Ciclo de Debates, projeto que, em 2024, se encontra em seu terceiro ano, contando com palestras de pesquisadoras(es) de áreas distintas, como Administração, Direito e Psicologia, abordando temas como: violência/assédio moral nas relações de trabalho, justiça restaurativa, assédio capacitista e ética na administração pública.

Desde esse primeiro projeto do AMPARE, a atuação interdisciplinar e a presença discente têm sido fundamentais para a construção da

missão do Núcleo, que visa o debate sobre o assédio moral, sua desnaturalização e a consequente melhoria das condições de trabalho de servidoras(es) da UFRGS. Entende-se que a qualidade do ambiente de trabalho repercute na qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Desnaturalizar formas de violência e assumir a corresponsabilidade pelo que ocorre na Universidade tornam nossos ambientes mais produtivos, impactando positivamente a sociedade em seus diversos grupos. A proposta do AMPARE é contribuir para a construção de uma sociedade livre de assédio, mais justa e igualitária nas relações sociais, instaurando uma cultura de respeito à diversidade nas formas de trabalho.

Desde 2022, o AMPARE conta com, pelo menos, um bolsista de extensão. Passaram pelo Núcleo estudantes de Artes Visuais, Direito, Museologia e Publicidade e Propaganda. Graças ao empenho e à qualidade do trabalho gráfico (Foto 2) do bolsista de Publicidade e Propaganda, Thallys Souza, que também é membro do AMPARE, foram criadas as mídias sociais do Núcleo, por meio das quais são divulgadas as ações: o perfil no *Instagram* (@ampareufrgs), o site (www.ufrgs.br/ampare) e o canal no *YouTube* (https://www.youtube.com/@ampareufrgs8008). A estudante Maria Eduarda Lesnik também participou do Núcleo como bolsista e contribuiu para a difusão das atividades nas mídias sociais.

Foto 1 - público participante do Seminário Nacional Políticas contra o Assédio em Instituições Públicas no Brasil, realizado em 24 de maio de 2023, no Centro Cultural da UFRGS

Fonte: Thallys Souza

Foto 2 - material gráfico, que inclui cartazes, folderes e marcadores de página, desenvolvidos pelos estudantes de Publicidade e Propaganda da UFRGS, Thallys Souza e Maria Eduarda Lesnik

Fonte: Thallys Souza

Ações de maior repercussão e reconhecimento do AMPARE na UFRGS e no país

O ano de 2023 foi intenso para a equipe do AMPARE. Foi realizada uma nova edição do Ciclo de Debates, que iniciou com a participação dos relatores da Resolução 275/2022, os professores Ana Paula Motta Costa e João Cesar Netto.

o objetivo de promover o debate na Universidade, envolvendo outras instituições públicas de ensino superior. Dessa forma, todas as instituições públicas de ensino superior do país (universidades e institutos federais) foram convidadas a participar do seminário, e o retorno foi expressivo. Outra proposta do seminário foi a redação do Manifesto em Defesa dos Direitos Humanos na UFRGS e a criação de uma Rede Brasileira contra o Assédio nas Universidades Públicas.

Foto 3 - palestrantes, convidadas(os) e participantes do Seminário Nacional Políticas contra o Assédio em Instituições Públicas no Brasil, realizado em 24 de maio de 2023, no Centro Cultural da UFRGS

Fonte: Felipe Oliveira

Foram também realizadas atividades da campanha “Pare, Repare, Ampare: precisamos falar sobre assédio” pelos campi da UFRGS e o Seminário Nacional “Políticas contra o Assédio em Instituições Públicas no Brasil”. O reconhecimento do AMPARE como núcleo de extensão de grande relevância se consolidou ao longo da campanha e do seminário.

O Seminário Nacional (Foto 3) foi planejado a partir da aprovação da Resolução 275/2022, com

A campanha (Foto 4) atingiu um público de mais de 300 pessoas, incluindo servidoras(es), técnicas, docentes, estudantes e terceirizadas(os). Foram distribuídos materiais gráficos, como cartazes, folders e marcadores de página da campanha aos diretores de unidades. A equipe do AMPARE entende que a campanha e as formações por meio das palestras do ciclo promovem a desnaturalização da violência e do assédio, além de subsidiarem a identificação de mecanismos de prevenção e combate nas unidades e setores da

UFRGS. Além disso, reconhece-se que há especificidades do serviço público em instituições de ensino que precisam ser consideradas nessa busca pela compreensão da gênese dessa violência. Marcadores de diferença, como "ser mulher e pesquisadora", "mulheres e homens negros", e pessoas indígenas ou com deficiência, entre outros, podem ser potencializadores do assédio nas relações de trabalho e acadêmicas, assim como a desestabilização que a alta produtividade pode gerar em um ambiente onde os acordos já estão definidos e são cômodos para alguns sujeitos.

Foto 4 - entrega do material gráfico informativo da campanha Pare, Repare, Ampare: precisamos falar sobre assédio, realizada pelos campi da UFRGS, em 2023. Esta imagem mostra a entrega ao Diretor do Campus Litoral Norte da UFRGS, professor Felipe Comunello

Fonte: Thallys Souza

O AMPARE foi finalista, em 2023, no Concurso de Boas Práticas da Comissão de Ética Pública em 2022 e no Concurso de Boas Práticas no Âmbito do Ministério da Educação em 2023, obtendo o quarto lugar nacional neste último certame.
O Núcleo foi, ainda, selecionado para representar a UFRGS no Seminário de Extensão Universitária do Sul do País (SEURS), em 2023, juntamente com outros 14 projetos, assim como recebeu menção honrosa, em 2022, no Salão da EDUFRGS.
Em 2023, o AMPARE recebeu o prêmio no Salão EDUFRGS, juntamente com outros dois projetos.

O Núcleo é formado, atualmente, por: Adriana Emerim Borges (técnica em assuntos educacionais na Faculdade de Arquitetura), Ana Brondani (psicóloga na DPS/SUGESP), Candice Cresqui (assistente em administração na SUGESP), Eliana Ventorini (diretora do DDGP/SUGESP), Elisiane Szubert (ouvidora e coordenadora da Unidade de Integridade, Transparência e Acesso à Informação da UFRGS), Jeniffer Cuty (docente da FABICO), Mariana Atz (diretora da DPS/SUGESP), Thaís Sarmento (psicóloga na PRAE) e Thallys de Souza Menezes (estudante de Publicidade e Propaganda). Possui ainda como colaboradoras os(as) docentes: André Luis Silva (ESEFID), Daniela Pavani (Instituto de Física), Fabiene Gama (IFCH) e Raquel da Silveira (ESEFID).

O ano de 2024 reservou a aplicação de uma nova metodologia na campanha, a qual deverá ocorrer no formato de rodas de conversa, com públicos previamente definidos. A equipe está envolvida com estudos sobre justiça restaurativa e círculos de construção de paz, buscando uma aplicação adequada da metodologia e uma avaliação mais detalhada das ações. Está no horizonte do Núcleo a elaboração de publicações e a criação de um curso autoinstrucional.

Considerações finais

A primeira constatação que o coletivo AMPARE obteve foi de que o tema abordado é relevante e premente. Semanalmente, o Núcleo recebe muitas mensagens em seu e-mail institucional, buscando orientações, apoio e escuta. Há, no entanto, setores da Universidade que desempenham esse papel e é necessário que essa lista de serviços seja conhecida pela comunidade da UFRGS.
O AMPARE tem o propósito de promover o debate e a reflexão sobre o assédio moral no ambiente laboral; portanto, não se sobrepõe a serviços já oferecidos pela Universidade.

O AMPARE foi convidado a participar de atividades de outros núcleos e projetos, mesmo externos à UFRGS. A participação no SEURS, por sua vez, foi de grande relevância para o estudante Thallys Souza, que passou a compreender melhor o protagonismo discente nos projetos de extensão (a importância da proatividade, que vem acompanhada de planejamento e estudos permanentes) e a relação dialógica com os diversos grupos sociais. Há uma complexidade no trabalho do AMPARE, detectada por suas integrantes, pois o Núcleo não está restrito a uma área do conhecimento (o que poderia facilitar a definição de estratégias de diálogo, tendo em vista o ethos de cada área). Cabe um destaque ao manifesto lido pela coordenadora adjunta do AMPARE, Mariana Atz, ao final do Seminário Nacional de 2023:

Compreendemos que o assédio constitui uma violação dos direitos humanos e assola a igualdade nos ambientes de trabalho. Tão complexo quanto prevenir e evitar que o assédio ocorra é assegurar a igualdade. Igualdade, como bem aponta a filósofa Judith Butler, deve ser pensada em termos de interdependência social. Assim, assumimos que nossos atos reverberam em nossos ambientes sociais. Somos corresponsáveis pela violência e/ou discriminação dirigida a um colega de modo reiterado e, mais ainda, pela omissão diante dessa(s) violência(s). E é com essa perspectiva de interdependência social que percebemos os impactos do assédio. O assédio pode devastar a vida de uma pessoa e, também, arruinar as relações de trabalho. O assédio enfraquece a instituição onde ocorre e, especialmente no serviço público, degrada a imagem e a idoneidade de setores que são tão caros à sociedade. (Manifesto em Defesa dos Direitos Humanos, redigido por representantes das universidades presentes no Seminário Nacional Políticas contra o Assédio em Instituições Públicas, organizado e realizado pelo Núcleo AMPARE, UFRGS, em 24 de maio de 2023).

Então, se somos interdependentes, somos também corresponsáveis pelo que ocorre na Universidade. Não se aplica a noção de "eles" e "nós", pois todas(os) – servidoras(es), estudantes e terceirizadas(os) – construímos a UFRGS cotidianamente. Trabalhamos pela UFRGS e pelas nossas áreas de conhecimento. Propomos e realizamos projetos, servidoras(es) técnicas(os) e docentes, para a constante qualificação dos setores e do campo de pesquisa ao qual nos filiamos. Na esteira desse compromisso coletivo, encontramos colegas de outras universidades que compartilham da mesma percepção. Um ótimo exemplo de como o AMPARE conseguiu atingir outras universidades é a aprovação, em outubro de 2023, da Resolução CUNI/UFRR n. 91, contra o assédio, em seu sentido lato, na Universidade Federal de Roraima. Uma das docentes responsáveis por esse trabalho esteve presente no Seminário Nacional de maio de 2024 e nos relatou, com entusiasmo, que após a experiência em Porto Alegre, retornou à Boa Vista motivada a construir essa norma em sua instituição. O AMPARE tem uma caminhada longa a ser percorrida. Esse percurso depende da participação da comunidade da UFRGS e de uma mudança nas posturas de omissão diante de injustiças e violências e da promoção de um ambiente universitário mais solidário. ◄

Referências Bibliográficas

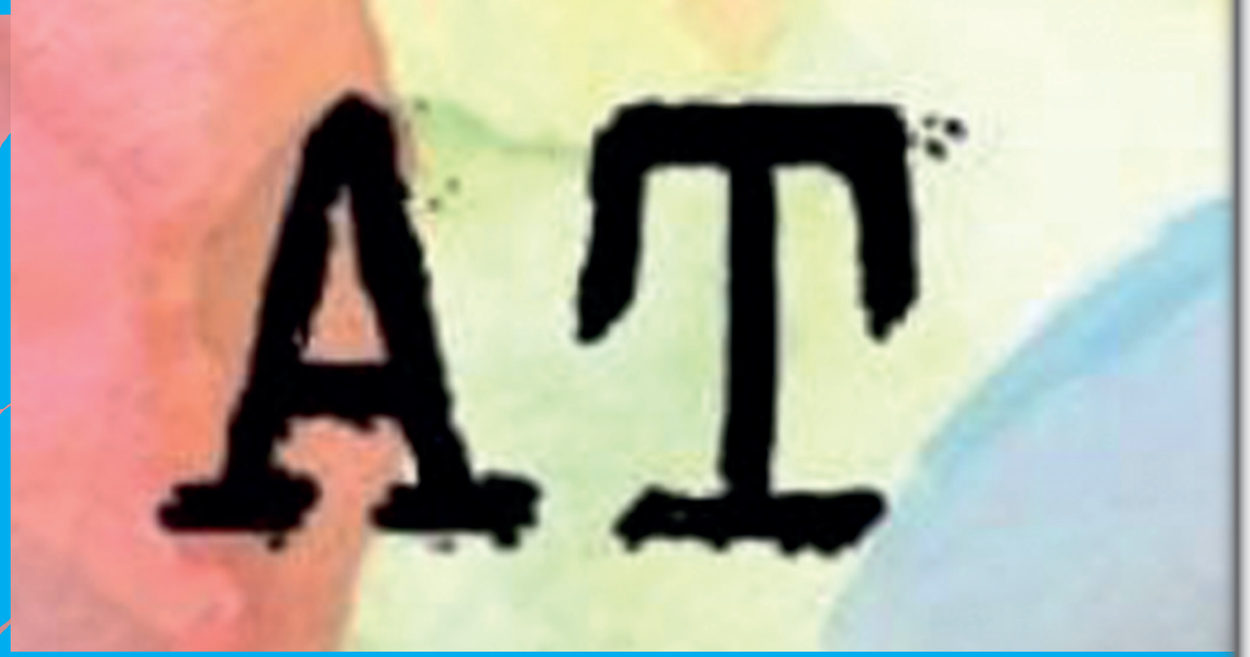
BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CHAUI, Marilena. *Contra a servidão voluntária.* Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

CHAUI, Marilena. *Sobre a violência.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GIRARD, René. *Shakespeare: teatro da inveja.* São Paulo: É Realizações, 2010.

HELOANI, Roberto; BARRETO, Margarida. *Assédio moral: gestão por humilhação.* Curitiba: Juruá, 2018.



ATnaRede: um projeto de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de desinstitucionalização da loucura

Analice Palombini; Vera L. Pasini; Mariana Morás
Instituto de Psicologia, Assistência Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IPSSCH/UFRGS
E-mail: verapasini@gmail.com

Resumo

Apresentamos o Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – ATnaRede –, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, que completa 26 anos em 2024. O Acompanhamento Terapêutico (AT) é uma modalidade clínica que acompanha o sujeito no seu cotidiano, favorecendo a circulação social e a ampliação de redes e possibilidades de vida. O programa articula ensino, extensão e pesquisa, reunindo extensionistas, estagiários e pós-graduandos que acompanham usuários do SUS e de políticas públicas intersetoriais. Ao longo dos anos, cerca de 300 estudantes de psicologia iniciaram sua prática clínica nesse contexto, beneficiando igualmente um número similar de usuários e familiares, o que contribuiu para a ampliação dos laços sociais dos acompanhados e para a redução de internações psiquiátricas. Os resultados afirmam a potência do AT como uma tecnologia clínico-política na saúde mental, além de ser uma estratégia importante para a formação profissional no campo da saúde e para a educação permanente dos trabalhadores da rede de atenção psicossocial.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico, saúde mental, rede pública, psicologia.

Resumen

Presentamos el Programa de Acompañamiento Terapéutico en la Red Pública - ATnaRed - vinculado al Instituto de Psicología de la UFRGS, que cumple 26 años en 2024. El Acompañamiento Terapéutico (AT) acompaña al sujeto en su vida cotidiana, favoreciendo la circulación social y la ampliación de redes. El programa articula enseñanza, extensión e investigación, reuniendo a extensionistas, pasantes y posgraduados que apoyan a usuarios del SUS y políticas públicas intersectoriales. Aproximadamente 300 estudiantes de psicología han iniciado su práctica clínica en este contexto, beneficiando a un número similar de usuarios y familiares, lo que ha contribuido a fortalecer los lazos sociales y reducir las internaciones psiquiátricas. Los resultados destacan la potencia del AT como una tecnología clínico-política en la salud mental y su importancia para la formación profesional en el campo de la salud y la educación permanente de los trabajadores de atención psicosocial.

Palabras clave: acompañamiento terapéutico, salud mental, red pública, psicología.

Introdução

Vinculado ao Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da UFRGS, o Projeto de Extensão Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – *AtnaRede* teve origem em 1996, junto ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) CAIS Mental Centro, da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, estabelecendo-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998, por iniciativa de Analice de Lima Palombini, coautora deste artigo, recém-ingressa como docente na universidade, após ter atuado como psicóloga junto à rede municipal de Porto Alegre, em especial nesse CAPS. Coordenado por essa professora e contando com a colaboração eventual de colegas do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia, desde 2014 o projeto pôde expandir suas atividades com o ingresso, na equipe de coordenação, de Vera Lúcia Pasini, também coautora deste artigo, então docente recente na universidade, mas com longa trajetória de atuação na saúde mental como trabalhadora do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em parceria com serviços da rede de atenção psicossocial e intersetorial de Porto Alegre, o projeto visa à construção de novos modos de encontro entre os serviços que prestam atendimento (em saúde mental e outras políticas públicas) e seus usuários, por meio da ferramenta do acompanhamento terapêutico (AT) – modalidade da clínica que se propõe a acompanhar um sujeito no seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de suas redes e possibilidades de vida.

Como espaço de articulação entre as experiências de estágio curricular, ensino, extensão e pesquisa, o projeto reúne, a cada ano, um grupo variado de extensionistas, estagiários de graduação, residentes e pós-graduandos, que realizam acompanhamento terapêutico de usuários encaminhados por diferentes serviços da rede intersetorial de atenção psicossocial (Saúde, Assistência Social, Justiça, Educação), contando com um turno semanal na universidade, onde é realizada a discussão dos casos em acompanhamento, visando a dar suporte às ações realizadas; seminários teórico-práticos; e reuniões com os serviços e gestores parceiros na realização das atividades. Nos últimos anos, cada edição do projeto conta com cerca de quinze acompanhantes terapêuticos que, no período de um ano, realizam o acompanhamento de um usuário da rede intersetorial, perfazendo, a cada ano, cerca de vinte usuários acompanhados.

O trabalho desenvolvido se propõe a uma relação de cuidado diferenciado, em especial com aquelas pessoas em situação de adoecimento psíquico grave, de forma que a loucura de que padecem possa ser compreendida como diferença e não como anormalidade. Nesse processo de busca pela alteridade, vão se produzindo outras possibilidades de apresentação, tanto para os acompanhados como

para os estudantes e profissionais em processo de formação. Em outro trabalho (Palombini, 2008, p. 23), apontamos que

> (...) a clínica da psicose, na atualidade, tem implicado uma transposição do espaço imóvel e fechado do hospital para o terreno vivo, múltiplo e cambiante da cidade, impondo à prática profissional em saúde mental o esforço de buscar pontos de articulação entre os modos de experiência social do espaço e do tempo e a constituição espaço-temporal própria à psicose.(...) a modalidade clínica do AT pode favorecer o surgimento de pontos de contato entre essas duas dimensões por se situar nesse espaço intermediário entre a referência institucional para o psicótico e o seu acesso à via e aos lugares públicos

Com essa perspectiva clínica, o projeto acolhe as demandas de AT dirigidas a processos de desinstitucionalização ou que visem impedir uma institucionalização, seja de egressos dos manicômios ainda vigentes entre nós, seja de usuários dos serviços da rede de atenção psicossocial, seja de usuários da rede intersetorial ou de pessoas em grave sofrimento psíquico, alijadas das redes de saúde. Para além da oferta de cuidado, tem como objetivo oportunizar uma formação no âmbito da Saúde Mental Coletiva, entre profissões e interdisciplinar, em que se articulem domínios de conhecimentos e práticas da atenção psicossocial vinculados às transformações sociais decorrentes dos processos de desinstitucionalização, dessegregação e inclusão, em especial no campo da reforma psiquiátrica. Propõe-se, ainda, a produzir articulação e ações conjuntas entre os espaços de formação no âmbito da graduação e da pós-graduação.

Fundamentação teórico-metodológica: A reforma psiquiátrica e a experiência da clínica em movimento

A Reforma Psiquiátrica Brasileira deu início às transformações na atenção em saúde mental no país há mais de vinte anos. Desde a primeira lei estadual, o modelo de atenção migrou progressivamente de uma atenção centrada no hospital psiquiátrico para uma rede de serviços com diferentes complexidades de atenção, voltados ao território do usuário. Essas mudanças inauguraram diferentes práticas territoriais e novos saberes em saúde (Paulon, Oliveira e Fagundes, 2018).

As ações preconizadas pelas políticas de saúde mental, em consonância com a Reforma Psiquiátrica Brasileira, colocaram em obra a criação, em municípios de todo o país, de uma série de dispositivos e serviços substitutivos ao manicômio, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a atenção em Saúde Mental da Atenção Básica, as Oficinas de Geração de Renda e os Residenciais Terapêuticos (Brasil, 2011), articulados, juntamente com outros níveis de atenção em saúde, em redes de atenção psicossocial (RAPS), e associados, intersetorialmente, com outros campos das políticas públicas (educação, assistência social, trabalho, cultura). Os resultados obtidos por esse trabalho em rede mostraram-se, desde sempre, bastante positivos, dando mostras da potência de transformação contida em uma política de reforma da saúde mental consolidada a partir do SUS. Muito haveria ainda para avançar na expansão dessa rede, no seu financiamento e na formação de trabalhadores.

Contudo, desde os anos 2010, e especialmente nos anos pós-golpe jurídico-midiático que derrubou a presidenta Dilma Rousseff, o Brasil viveu retrocessos profundos em todos os âmbitos das políticas públicas, incluindo a política de saúde mental, que, nesses anos, revigorou o manicômio e fortaleceu a lógica médico-centrada, medicamentosa, do tratamento. O retrocesso experimentado apenas torna maior ainda o desafio, que nunca foi pequeno, da formulação e aperfeiçoamento de estratégias clínico-políticas, com ênfase nas ações intersetoriais, articuladas às redes de inclusão social e de garantia dos direitos humanos. É preciso, ainda, fomentar a experimentação dessas estratégias nas formações de trabalhadores em serviço e nas formações universitárias, nos percursos de graduação das profissões da saúde e nas residências multiprofissionais, articulando ensino, gestão, atenção e controle social em saúde, na perspectiva requerida pelas políticas públicas preconizadas pelo SUS (Ceccim e Feuerwerker, 2004).

O Acompanhamento Terapêutico – entendido como uma "clínica sem muros", que se realiza no espaço urbano, entre lugares (Palombini, 2007) – tornou-se emblemático do contágio das disciplinas da saúde com o espaço e tempo da cidade, no momento em que a reforma psiquiátrica impôs o deslocamento de seus profissionais, do âmbito fechado do hospital para o espaço aberto e múltiplo da cidade. No momento atual, de reconstrução e avanço contra os retrocessos do passado recente, o Acompanhamento Terapêutico se reafirma como uma das estratégias a fazer operar um cuidado em saúde mental em liberdade.

A prática do Acompanhamento Terapêutico, inserida em espaços da cidade e no cotidiano dos serviços, vem, ao longo dos anos, beneficiando um número expressivo de usuários desses serviços e suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e reduzindo o número de internações psiquiátricas. Ao mesmo tempo, faz-se acompanhar de efeitos institucionais importantes, ao trazer para dentro do serviço um conjunto de informações novas, relativas ao contexto da vida cotidiana daquele usuário, implicando um outro olhar sobre o mesmo, exigindo da equipe reposicionar-se com respeito ao caso e na relação entre seus membros, como coletivo de trabalho. Como referem Cabral e Belloc (2008, p. 111):

> O AT é uma modalidade clínica que utiliza o espaço público da cultura como dispositivo para o ato terapêutico. O trabalhador de saúde que o aplica em sua prática circula com o usuário pelo tecido social, facilitando a emergência de um encontro. Ele torna-se, assim, testemunha do processo de transformação desencadeado, criando outros espaços possíveis para o dito "louco" na cidade. A cidade é, nesse sentido, também protagonista da cena, junto com o acompanhado e o acompanhante; da cena fazem parte todos os elementos do urbano: seus sons, movimentos, transeuntes, cores, cheiros e até alguns aspectos ou recortes que a maioria da população nem percebe, mas que estão lá, no urbano, à espera de serem visualizados.

Vale ressaltar que o controle social, por meio da IV Conferência de Saúde Mental – Intersetorial (Brasil, 2010), aprovou e legitimou a prática do acompanhamento terapêutico como estratégia de consolidação da rede e em consonância com os novos rumos desejados para a saúde mental, como explicitado em seu relatório final, no Eixo II:

Imagem 1 - Logomarca do projeto ATnaRede, produção coletiva dos participantes

Fonte: Autores, 2024

Consolidar a Rede de Atenção Psicossocial e Fortalecer os Movimentos Sociais – Sub-eixo: Práticas Clínicas no Território, item 337 (p. 68).

> Incentivar, fortalecer e ampliar o financiamento de ações no território como o Acompanhamento Terapêutico, as ações/estratégias de redução de danos e atenção domiciliar, considerando a cultura local, para viabilizar o acompanhamento do usuário de forma itinerante, atendendo às suas particularidades e necessidades específicas.

Dessa forma, o Projeto ATnaRede aproxima-se dessa premissa, possibilitando aos estudantes envolvidos a construção de novos modos de encontro entre os serviços que prestam cuidado à saúde mental e seus usuários, favorecendo sua circulação social, bem como a ampliação de seus laços e possibilidades de vida.

Imagem 2 - Encontro de integrantes do Projeto ATnaRede, imagem registrada com dispositivo automático de câmera de celular
Fonte: Autores, 2024

Resultados: alguns efeitos do percurso...

Até o momento, somados 26 anos de funcionamento, este projeto propiciou a cerca de 300 estudantes do curso de Psicologia (graduandos e pós-graduandos) a iniciação de sua prática clínica a partir da lógica dos serviços substitutivos, tendo a cidade como matéria dessa clínica. Beneficiou, assim, um número equivalente de usuários e de suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e a redução do número de internações psiquiátricas.

Desde que iniciou suas atividades, o Projeto obteve uma repercussão bastante positiva junto à rede com a qual interage. Tem atendido não somente à demanda dos serviços especializados da rede municipal, mas também, em momentos diversos, à proposta de desinstitucionalização do Hospital Psiquiátrico São Pedro (em 1999), ao Serviço Residencial Morada São Pedro, vinculado ao mesmo hospital (em 2005 e 2006), à interface com as escolas especiais da rede municipal de educação (em 2002 e 2003), ao CAPS e Ambulatório de Esquizofrenia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (em 2001 e 2004), à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (em 1999, 2000, 2001 e 2005), à rede de serviços de saúde mental do município de Novo Hamburgo (2006) e à rede intersetorial de atenção psicossocial de Porto Alegre ao longo desses anos de trabalho.

O desenvolvimento desse trabalho tem possibilitado a publicação de livros significativos sobre o tema, como também um número importante de artigos acadêmicos e capítulos de livros, participações em congressos e outros eventos, além de subsidiar pesquisas em nível de mestrado e doutorado que favorecem uma maior difusão e a multiplicação dessas experiências em outros municípios e estados do país. A experiência acumulada contribuiu – e segue contribuindo – com a implantação de projetos similares, como os Cursos Básicos de Capacitação para o Acompanhamento Terapêutico, da Escola de Saúde Pública do RS, voltados para trabalhadores do nível médio, básico e superior da rede de serviços de saúde (em 2000, 2001 e 2002, e também em 2022), a assessoria à equipe do Projeto Morada São Pedro (em 2002), e, ainda, o Projeto de Acompanhamento Terapêutico da Universidade Federal Fluminense (2005), com o qual foi estabelecida parceria, possibilitando o cotejamento da experiência que realizamos na cidade de Porto Alegre, junto a serviços da rede municipal e estadual de saúde, e a experiência levada a cabo pelo projeto da UFF, no contexto da rede pública de serviços de saúde mental em municípios do estado do Rio de Janeiro. Tal parceria resultou na realização de dois eventos conjuntos – em outubro de 2005, em Porto Alegre, e em janeiro de 2006, em Niterói –, sob o nome *Colóquio em dois movimentos. De Porto Alegre a Niterói: acompanhamento terapêutico e políticas públicas de saúde*, possibilitando o encontro e a troca de experiências entre os acompanhantes terapêuticos da UFRGS e UFF. Esses eventos inauguraram uma rede de conversações que ganhou força anos depois, reunindo grupos universitários de pesquisa e extensão com atuação em AT junto à rede de políticas públicas em municípios de diferentes estados do país.

Assim, nos anos de 2015, 2018 e 2019, foram realizados encontros de projetos de extensão vinculados a universidades – os dois primeiros em Porto Alegre, na UFRGS, e o terceiro em Florianópolis, na UFSC. Nessas oportunidades, integrantes de projetos que desenvolvem AT no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Ceará compartilharam experiências e debateram situações cotidianas vividas no exercício do AT, visando qualificar suas ações. Desses encontros, resultaram dois e-books publicados pela editora Rede Unida: *Acompanhamento Terapêutico, Universidade e Políticas Públicas: redes de conversações (2019) e Linhas do Tempo: Acompanhamento terapêutico e Rede Pública* (2022).

Imagem 3 - Alguns materiais gráficos e capas de livros produzidos no Projeto ATnaRede
Fonte: Autores, 2024

Além disso, a parceria entre projetos de diferentes universidades teve participação em dois eventos de caráter nacional no âmbito da Psicologia e da Saúde Mental. Em 2020, por ocasião do 7º Congresso Brasileiro de Saúde Mental – Virtual, organizamos um Fórum aberto de discussão sobre AT e Racialidade. Em 2023, na programação do XXII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ENABRAPSO), realizado em Niterói, Rio de Janeiro, constituímos o grupo de trabalho (GT) "Acompanhamento Terapêutico como dispositivo de análise e cuidado em redes de atenção psicossocial e intersetorial", em parceria com grupos de AT da PUC-SP e da UFU-MG.

Considerações finais

Ao longo dos anos de seu desenvolvimento, a experiência deste projeto tem comprovado a efetividade da prática do acompanhamento terapêutico como dispositivo potente de formação no curso de graduação em Psicologia da UFRGS, ao ponto de sua incorporação à grade curricular do curso e sua disseminação como prática de estágio articulada a vários serviços da rede de atenção psicossocial e intersetorial de Porto Alegre. A presente proposta apresenta, como diferencial, o fato de não estar vinculada estritamente a um serviço específico de saúde, oferecendo-se como uma espécie de "central de AT" voltada ao atendimento de demandas diversas na cidade, com ênfase nos processos de desinstitucionalização, permitindo, aos estagiários, extensionistas e demais profissionais participantes, um olhar amplo sobre a experiência da reforma psiquiátrica na cidade e a efetivação das redes de atenção psicossocial (PALOMBINI, 2006; 2007). Assim, além da formação profissional, a experiência do projeto possibilita aos extensionistas uma formação cidadã crítica aos processos de exclusão que estão presentes em nossa sociedade, na relação com os usuários de saúde mental, abrindo-se para a criação de uma sociedade mais hospitaleira à diferença.

Por fim, o Acompanhamento Terapêutico se apresentou também, em nossa experiência, como um método, um meio de pesquisa através do qual se coloca em análise a clínica, levada ao seu limite; a reforma psiquiátrica, em seus efeitos sobre os serviços e as comunidades de cada território; a intersetorialidade, em sua (des)articulação em redes territoriais de cuidado (PALOMBINI, 2022). ◂

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Sistema Único de Saúde*. Conselho Nacional de Saúde. Comissão organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. *Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010.

CABRAL, K. V.; BELLOC, M. M. O acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: duas experiências em saúde mental coletiva. In: PALOMBINI, A. de L. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 41–65, jan. 2004.

PALOMBINI, A. de L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psychê: Revista de Psicanálise*. Edição especial temática Acompanhamento Terapêutico. São Paulo: Unimarco, ano X, n. 18, p. 115-127, set. 2006.

PALOMBINI, A. de L. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007.

PALOMBINI, A. de L. Introdução. In: PALOMBINI, A. de L. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PALOMBINI, A. de L. Linhas do tempo. In: *Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública*. Organização: PALOMBINI, A. L.; PASINI, V. L.; ECKER, D. D. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

PAULON, S.; OLIVEIRA, C. S. de; FAGUNDES, S. M. S. (Orgs.). *25 anos da Lei da Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2018.

Projeto energia amiga:
livro vivências e experiências

Leticia Lais Braun Elias; Diane Meri Weiller Johann; Caroline Daiane Raduns; Taciana Paula Enderle; Fernanda da Cunha Pereira
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI
E-mail: diane.johann@unijui.edu.br

Resumo

Os livros são a mais antiga fonte de conhecimento das civilizações e possuem o papel de expor e transmitir conhecimento. Este projeto editorial visa reunir, preservar e prestigiar o trabalho realizado por alunos do ensino fundamental em suas atividades, participando das ações do projeto de extensão Energia Amiga por meio de um livro. Essas ações possuem como propósito envolver o aluno com o seu entorno, resolvendo uma problemática ambiental de sua comunidade. Com o processo realizado com base no método das "Fases do Processo Criativo" (GOMES, 2001) e com aspectos editoriais de Hendel (2003), o livro mantém a identidade visual do Projeto de Extensão enquanto se preocupa com a expressividade da temática. Como resultado, o livro foi finalizado com 40 páginas e 300 exemplares impressos, com cores vibrantes, características do Energia Amiga. Desse modo, conclui-se que o material elaborado atingiu os objetivos propostos, bem como é uma inspiração e conscientização para a sociedade, motivando-a a ter boas ações voltadas à natureza.

Palavras-chave: design, livro, página, projeto editorial.

Resumen

Los libros son la fuente de conocimiento más antigua de las civilizaciones y tienen la función de exponer y transmitir conocimientos. Este proyecto editorial tiene como objetivo reunir, preservar y honrar el trabajo realizado por los estudiantes de primaria en sus actividades al participar en las acciones del proyecto Amiga Energy Extension a través de un libro. Estas acciones pretenden involucrar al estudiante con su entorno, solucionando un problema ambiental de su comunidad. Con el proceso realizado con base en el método “Fases del Proceso Creativo” (GOMES, 2001) y con aspectos editoriales de Hendel (2003), el libro mantiene la identidad visual del Proyecto de Extensión preocupándose por la expresividad del tema. . Como resultado, el libro quedó terminado con 40 páginas y 300 ejemplares impresos, con colores vibrantes, característicos de Energia Amiga. Por lo que se concluye que el material creado logró los objetivos propuestos, además de ser una inspiración y concientización para la sociedad, motivándola a tomar buenas acciones hacia la naturaleza.

Palabras clave: diseño, libro, página, proyecto editorial.

Introdução

A realização de atividades e ações multidisciplinares é extremamente necessária e valiosa na educação brasileira. As habilidades desenvolvidas ao integrar diferentes áreas do conhecimento, bem como o pensamento crítico, o trabalho em equipe e a liderança, são aspectos essenciais no desenvolvimento do estudante. Ademais, questões relacionadas à sustentabilidade, ecologia e energia estão ganhando mais destaque nas discussões e ações (dentro e fora do âmbito acadêmico), visto que os impactos gerados pelo prévio descaso com o meio ambiente estão mais frequentes e nocivos às comunidades.

Realizar trabalhos relacionados aos temas citados é de suma importância para a conscientização de alunos do ensino médio e fundamental, bem como a propagação do conhecimento para a comunidade geral. As atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão têm justamente este intuito: informar, orientar e incentivar o uso e aprimoramento de novas habilidades enquanto cuidam do planeta. Alunos inscritos nas ações foram desafiados a reunir materiais que estavam descartados de maneira incorreta no meio ambiente em um local próximo à sua instituição escolar. Como sequência do desafio, a criatividade foi trabalhada para a idealização e produção de um mascote a partir dos objetos recolhidos, acompanhado de um relatório de toda a experiência, que finaliza a atividade proposta no ano de 2023.

A realização dos mascotes motivou não só alunos, como professores de diversas escolas no Rio Grande do Sul, nos municípios de Santa Rosa e Ijuí, mas também incentivou que escolas na Espanha e em Portugal participassem e propagassem a missão de sustentabilidade e criatividade. O empenho, esforço e a motivação das instituições escolares participantes possibilitaram que essas ações sustentáveis e engenhosas fossem eternizadas por meio de um livro físico e digital, reconhecendo o trabalho e a dedicação de cada aluno em cumprir e realizar seu melhor.

O processo metodológico utilizado para a elaboração do livro abrange os princípios do design editorial, focando nos princípios de Hendel (2003) de tipografia, formato, mancha gráfica, proporção, impressão, entre outros.

Outrossim, a criatividade foi um elemento essencial na elaboração do layout do livro, principalmente por possuir como público-alvo os estudantes do nível fundamental, necessitando assim, ser atraente e cativante para seus leitores. Para tanto, os ideais presentes nas "Fases do Processo Criativo" (GOMES, 2001) foram utilizados para o embasamento do processo de elaboração do material editorial.

Projeto de extensão “Energia amiga”

Uma das formas de se proporcionar a reflexão em um grupo de pessoas que vivem em um local, uma cidade, e que faz parte de um contexto global, é a partir das universidades e da extensão universitária. É papel da universidade estimular o hábito de duvidar, criticar, formular hipóteses e, consequentemente, promover a democracia social (Frantz, 2002). Portanto, os avanços obtidos são essenciais, não somente para a evolução da educação superior, mas também para o mercado produtivo, pois a diversidade de alunos fomenta a formação de pensamento crítico, resultando em maior inovação (Andery, 2017). A inovação a partir da universidade é fruto da união entre ensino, pesquisa e extensão, que são direcionadas para os diferentes segmentos da sociedade.
A extensão é considerada uma atividade que gera mudanças e quebras de paradigmas, democratizando e expandindo a autonomia e a cidadania, comprometendo-se com as necessidades sociais através da articulação com o ensino e a pesquisa (Frantz, 2002).

Um projeto de extensão sempre possui o intuito de resolver questões da sociedade por meio de pesquisas, trabalhos e projetos, bem como compartilhar os avanços e inovações que ocorrem na universidade, englobando aspectos sociais, culturais, tecnológicos, entre outros (UNIJUÍ, S/D). O projeto de extensão "Energia Amiga" tem a intenção de viabilizar ações comprometidas e engajadas com a responsabilidade elétrica, ambiental e social, com foco no âmbito escolar, promovendo atividades para alunos do ensino básico, fundamental e médio, fomentando relações e interações de diálogo com grande troca de experiências, conhecimentos e habilidades entre a comunidade geral e a acadêmica.

As ações propostas no ano de 2023 foram em torno do tema "Água, energia e cidades e comunidades sustentáveis". As atividades designadas para os alunos, conforme o "Guia de Atividades 2023 – Vivências e Experiências", seguem a seguinte ordem: 1) Realização de uma visita a um local que precise de melhorias, preferencialmente no bairro da escola, onde haja algum item do tema gerador, mapear o problema e realizar registros fotográficos;
2) Criar um mascote para o projeto "Energia Amiga 2023", que use material reciclado e que represente o problema encontrado na visita;
3) Elaborar um relatório sobre a visita, com detalhes do local, do problema, bem como informações e descrições sobre o mascote criado. O conteúdo do livro "Vivências e Experiências 2023" é, portanto, constituído pelos relatórios e fotografias do mascote fornecidos pelas turmas participantes, com o intuito de divulgar os resultados obtidos no projeto.

Aspectos metodológicos

A metodologia sugerida por Gomes (2001) foi utilizada no projeto. Ela possui 7 fases, sendo elas: identificação, preparação, incubação, esquentação, iluminação, elaboração e verificação.

A fase 1 do processo informado por Gomes (2001) refere-se à identificação e entendimento do problema, definindo também nesta etapa os objetivos e necessidades do projeto. Sendo assim, o problema a ser solucionado é a elaboração de um material editorial em forma de livro, primeiramente físico e, posteriormente, digital, que abrigue o conteúdo produzido e fornecido pelos estudantes por meio do projeto "Vivências e Experiências 2023".

As principais necessidades do projeto são: A) ser fiel à identidade visual do Projeto de Extensão (utilizando as cores e elementos de apoio da marca); B) elaborar *layouts* de três tipos diferentes (páginas apenas com texto, páginas apenas com imagens e páginas mistas – texto e imagens); C) criar um padrão de apresentação e identificação para que cada turma tenha seu projeto de fácil identificação no livro; D) desenvolver um padrão de formato de imagem para que todos os mascotes também sejam facilmente encontrados e diferenciados das demais imagens presentes.

De outro modo, os objetivos do livro são:
A) agrupar todos os mascotes e relatórios

fornecidos, criando uma exposição dos mesmos, bem como um meio de preservar as criações;
B) desenvolver elementos gráficos de apoio que sejam únicos e identifiquem o livro, mas que também sejam relacionados com a identidade visual do Projeto "Energia Amiga".

As restrições deste livro são poucas, e a mais relevante está relacionada ao seu tamanho, possuindo, quando fechado, 29,7 cm de largura por 21 cm de altura, correspondendo a uma folha A4 na horizontal.

A fase 2, intitulada "preparação", é formada por análises e pesquisas relacionadas ao tópico. Neste momento, foram analisados e estudados os livros de anos anteriores do Projeto "Energia Amiga", examinando sua estrutura, organização, *layout*, cores, tipografias, margens e demais itens pertinentes ou de destaque.

Na fase 3, "incubação", é um momento de descanso e afastamento do projeto, para que o inconsciente do designer possa fazer associações e insights de modo espontâneo. Além disso, no retorno do afastamento, é possível analisar o projeto, seu problema e solução sob diferentes perspectivas.

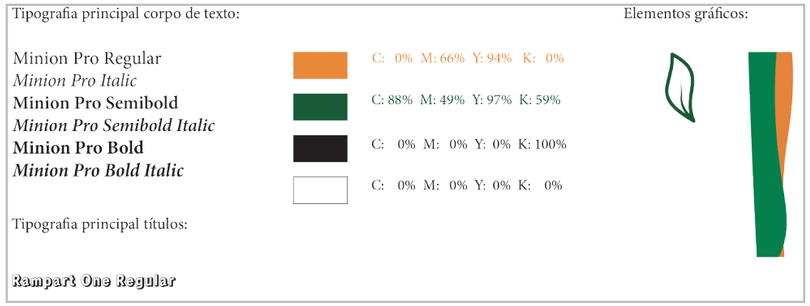


Figura 1 - Componentes de *design*
Fonte: Autoras, 2024

A fase 4 de Gomes (2001), nomeada "esquentação", tem como objetivo o desenvolvimento dos primeiros rascunhos, esquemas e esboços dos projetos de modo visual, sendo aplicados, a partir desta etapa, os ideais de Hendel (2003) para uma boa diagramação de um livro. A ferramenta criativa utilizada para esta etapa foi a do *brainstorming* (em tradução livre, chuva de ideias). Com essa ferramenta, o intuito é desenvolver o maior número de soluções possíveis para o *layout* do livro. O foco deste *brainstorming* foram os tópicos fundamentais de um livro, conforme Hendel (2003), que afirma que o começo de um trabalho editorial é com o formato do livro, neste caso previamente definido (29,7 x 21 cm). Em sequência, como mencionado pelo autor, a "alma" do livro é formada pela tipografia, assim como a margem, a mancha gráfica, os fólios e os elementos gráficos, que também são explorados.

Subsequentemente à geração de alternativas e rascunhos, realiza-se a análise e escolha das melhores soluções. No processo de Gomes (2001), a fase 5 é intitulada "iluminação". Neste momento, foi realizada a definição do melhor modelo de diagramação para a necessidade B do projeto (elaborar layouts de três tipos diferentes), definida na fase 1. Outros elementos também foram elencados como definitivos, sendo eles: tipografia do corpo de texto; tipografia de títulos e fólios; paleta de cores; elementos gráficos de apoio; margem; mancha gráfica; moldura das imagens gerais; moldura das imagens dos mascotes (necessidade "D", etapa 1), conforme pode ser observado na Figura 1.

Em seguida, a fase 6, de elaboração, é quando é necessária a verificação das alternativas, garantindo que os elementos estão alinhados entre si e que o conjunto, como um todo, possui sentido, estando coerente. Além disso, é nesta etapa que o conteúdo é adicionado ao *layout*.

A última etapa das fases do Processo Criativo de Gomes (2001), fase 7, é composta pela verificação, ocasião destinada à revisão e conferência para saber se a solução trabalhada está de acordo e abrange os objetivos e necessidades estabelecidos no início do processo. Esse processo de conferência foi realizado no fim de cada fase do processo, garantindo um resultado alinhado com as expectativas e demandas.

Resultados

A partir do processo metodológico, foi possível desenvolver um projeto editorial completo. Os resultados começam a ganhar forma após a etapa de esquentação (criação de rascunhos e esboços). Na etapa de iluminação, é possível definir a melhor solução, refinar detalhes e realizar os ajustes necessários.

A identidade visual em vigência do "Energia Amiga", além das cores verde e laranja, utiliza formas orgânicas em seu *layout*, visando manter o livro em concordância com o restante da marca do projeto. Formas orgânicas foram adicionadas na capa e na página par do livro. Ademais, com as folhas presentes no ícone criado para o "Energia Amiga" em 2023, foi elaborada uma padronagem que está aplicada na capa do livro, completando a arte da capa (acompanhada das formas orgânicas). A Figura 2 ilustra a capa e contracapa do livro "Vivências e Experiências 2023", bem como a identidade visual das vivências do "Energia Amiga".

O livro "Vivências e Experiências 2023" do Projeto de Extensão "Energia Amiga" teve duas tipografias utilizadas. A primeira está localizada nos títulos e fólios das páginas e teve como função destacar seu conteúdo e realizar uma conexão com o público-alvo, já que é uma tipografia arredondada e, consequentemente, mais amigável e acessível. Para isso, foi elencada a fonte Rampart One.

Figura 2 - Capa e contracapa
Fonte: Autoras, 2024

Em contraposição à *Rampart One*, a tipografia utilizada no corpo de texto tem o intuito de oferecer boa legibilidade e leiturabilidade. Como o foco do projeto editorial é o livro impresso, foi selecionada a tipografia serifada (modelo ideal para produções impressas, ao contrário das sem serifa, que são ideais para projetos digitais). Destarte, a tipografia utilizada no corpo de texto foi a *Minion Pro Regular*.

A paleta de cores deste livro foi embasada nas cores já utilizadas no Projeto "Energia Amiga", sendo elas o verde e o laranja, acompanhadas do preto e do branco para aumentar o contraste das informações. Elementos gráficos de apoio são elementos que estão localizados nas margens das páginas, adicionando cor e mais personalidade ao livro como um todo.

Como analisado na etapa um da metodologia de Gomes (2001), uma das necessidades do projeto era a elaboração de três modelos diferentes de layout que abrangessem o conteúdo do livro de forma íntegra (Figura 3). Para tanto, o primeiro modelo definido foi o de apenas imagens, utilizando formas orgânicas como moldura que abrigasse os registros fotográficos das atividades dos alunos.

Em sequência, o modelo de apenas texto foi elaborado, precisando conter, além do corpo de texto, títulos e subtítulos, sendo então mesclados os dois modelos de tipografia neste layout. Finalizou-se o terceiro modelo de página utilizando o formato misto, possuindo assim tanto texto quanto imagens. As ilustrações nesse modelo de layout são as dos mascotes elaborados por cada escola, sendo necessário fornecer maior destaque para essa imagem em comparação com as demais. Enquanto o texto presente neste modelo

é composto por subtítulos e corpo de texto, utilizando apenas a tipografia “Minion Pro”. Um dos únicos elementos de constância nos três layouts foram os fólios, utilizados na tipografia “Rampart One” na cor laranja e localizados na parte inferior esquerda (para as páginas pares) e inferior direita (para as páginas ímpares).

Figura 3 – Modelos de *layout* para as as páginas: a) Página contendo texto e cabeçalho, b) Página contendo somente texto, c) Página contendo texto e figuras e d) Página contendo somente figuras

Fonte: Autores, 2024

O conteúdo do livro, fruto do trabalho e dedicação das turmas de ensino fundamental participantes do Projeto "Vivências e Experiências 2023", passou por fases de elaboração e revisão. Assim, foi possível verificar e corrigir pequenos detalhes, proporcionando a quantia ideal de texto em cada página, bem como a visualização exata do arquivo por completo.

Com o conteúdo presente no livro, foi possível estabelecer a real extensão do livro, sendo finalizado com quarenta páginas, impresso e revisado pela Editora UNIJUI. Os exemplares físicos do livro foram entregues às turmas que participaram do projeto no ano de 2023 e, consequentemente, auxiliaram no desenvolvimento do material editorial, conforme exposto na Figura 4 a capa e as páginas internas do livro "Vivências e Experiências 2023". O acesso gratuito para o livro digital (*e-book*) pode ser feito por meio do link: https://www.editoraunijui.com.br/produto/2483

Figura 4 - Capa e páginas internas do modelo físico do livro “Vivências e Experiências 2023”

Fonte: Autores, 2024

A figura 5 apresenta registros fotográficos realizados durante a entrega dos livros aos estudantes. Nessas fotos, a escola contemplada foi a E. E. E. M. Emil Glitz. Com a entrega dos livros, conclui-se a fase final da metodologia de "Fases do Processo Criativo" (GOMES, 2001), garantindo que o usuário final obtenha um produto idealizado para as suas características, priorizando a criatividade no seu desenvolvimento e visando uma experiência positiva e enriquecedora.

Figura 5 - Entrega do livro aos estudantes

Fonte: Autoras, 2024

Conclusão

Ao perpassar pelas sete etapas do processo criativo de Gomes (2001), foi possível criar, apagar, redesenhar e evoluir o projeto gráfico editorial até o livro impresso, retornando para a fase de esboços ou de incubação quando necessário, visando alcançar o melhor resultado possível. Por conseguinte, conclui-se que os resultados atingidos foram extremamente positivos e satisfatórios para o "Projeto Energia Amiga", bem como para a comunidade acadêmica.

O desenvolvimento de um livro físico que reúne os resultados das atividades do projeto "Vivências e Experiências 2023" do "Projeto Energia Amiga" com as temáticas de água, energia e cidades e comunidades sustentáveis é o marco final de atividades que envolveram escolas, alunos e professores ao decorrer do ano letivo. As cores, elementos e diagramação utilizadas seguem o padrão da identidade visual e de marca do projeto de extensão, mantendo o mesmo reconhecimento visual dos anos anteriores, que funcionam de maneira satisfatória no meio físico (livros impressos) e digital (*e-book*).

Ao fim, a coletânea de projetos presente no material editorial (livro) permite que os alunos tenham a recordação das atividades multidisciplinares e de sustentabilidade, assim como o material disponível ao acesso da comunidade tenha a função, além da apreciação, da inspiração e motivação para que ações em prol do meio ambiente sejam cada vez mais frequentes e com maiores impactos na sociedade. ◄

Referências Bibliográficas

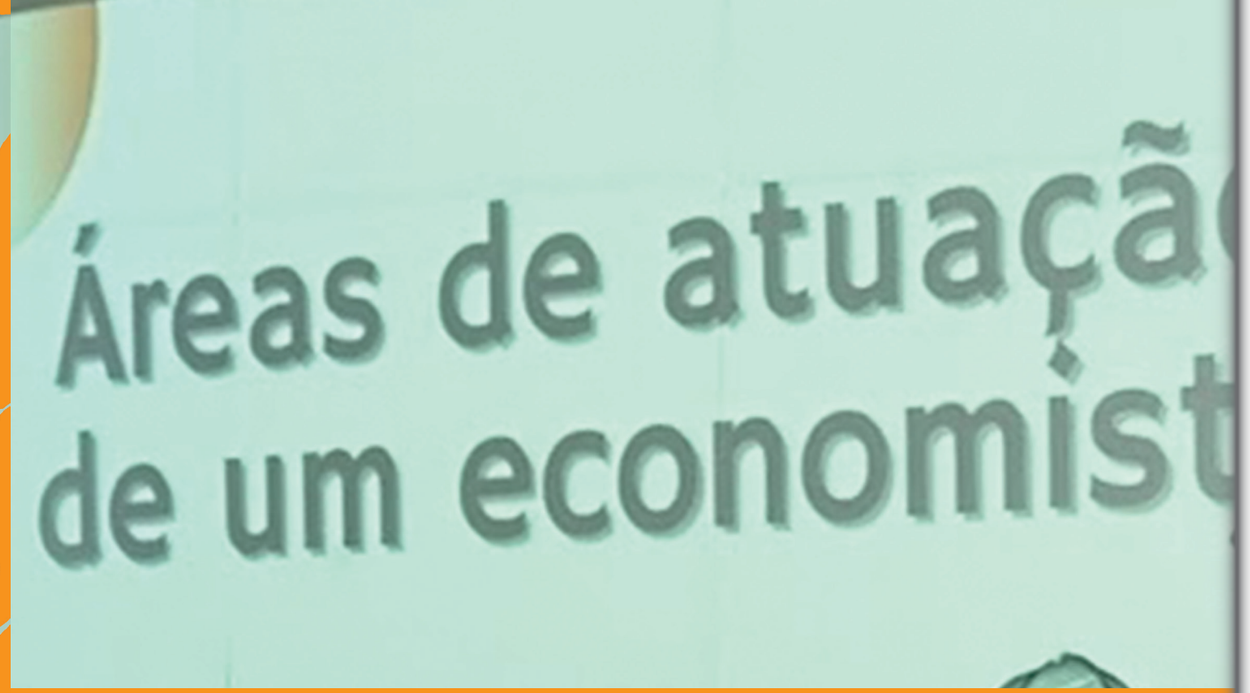
ANDERY, M. A. P. A. *Aula pública: Universidade e sociedade: o que uma deve esperar da outra?* (Part. 1). São Paulo: Opera Mundi, 2017. 17 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=21EsMNrHsK0.

FRANTZ, W.; SILVA, E. W. *As funções sociais da universidade: o papel da extensão e a questão das comunitárias*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Criatividade: projeto, desenho, produto*. Santa Maria: sCHDs, 2001.

HENDEL, R. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: https://x.gd/SPVkN. Acesso em: 8 set. 2023.

UNIJUÍ, *Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Extensão*. s/d. Disponível em: https://www.unijui.edu.br/extensao.



Curricularização da extensão:
teoria, prática e aprendizado

Matheus Dhein Dill; Julia Barreto Gomes
Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FCE/UFRGS
E-mail: matheus.dill@ufrgs.br

Resumo

A curricularização da extensão no ensino superior representa uma oportunidade para os discentes desenvolverem habilidades humanísticas por meio da interação dialógica com a sociedade. O estudo apresenta a sistemática utilizada no desenvolvimento da disciplina "Extensão e Inovação em Economia" do curso de Ciências Econômicas da UFRGS. A experiência culminou na elaboração e execução de um projeto voltado para o fomento do acesso ao ensino superior de estudantes do Ensino Médio do Centro Social Marista de Porto Alegre. Os resultados demonstram o impacto positivo da iniciativa, que beneficiou quatro turmas do Programa Jovem Aprendiz e duas turmas do Programa Trabalho Educativo por meio de palestras e conversas sobre as oportunidades e desafios em ingressar na UFRGS. Foi vivenciada a importância de utilizar aporte teórico e conceitual para a elaboração e execução do projeto, o que também possibilitou aos discentes o desenvolvimento de habilidades essenciais para a prática extensionista, como empatia, trabalho em equipe, protagonismo, empenho, redação científica, atitude e comprometimento. A curricularização da extensão demonstra ser decisiva para a formação cidadã e promoção do acesso ao ensino superior.

Palavras-chave: educação, universidade, curricularização da extensão.

Resumen

La curricularización de la extensión en la educación superior representa una oportunidad para que los estudiantes desarrollen habilidades humanísticas a través de la interacción dialógica con la sociedad. El estudio presenta la sistemática utilizada en el desarrollo de la asignatura "Extensión e Innovación en Economía" del curso de Ciencias Económicas de la UFRGS. La experiencia culminó en la elaboración y ejecución de un proyecto orientado a fomentar el acceso a la educación superior de estudiantes de Enseñanza Media del Centro Social Marista de Porto Alegre. Los resultados demuestran el impacto positivo de la iniciativa, que benefició a cuatro grupos del Programa Joven Aprendiz y dos grupos del Programa Trabajo Educativo a través de charlas y conversaciones sobre las oportunidades y desafíos de ingresar a la UFRGS. Se experimentó la importancia de utilizar el aporte teórico y conceptual para la elaboración y ejecución del proyecto, así como posibilitó a los estudiantes el desarrollo de habilidades esenciales para la práctica extensionista, tales como: empatía, trabajo en equipo, protagonismo, empeño, redacción científica, actitud y compromiso. La curricularización de la extensión demuestra ser decisiva para la formación ciudadana y la promoción del acceso a la educación superior.

Palabras clave: educación, universidad, componente curricular.

introdução

A extensão universitária desempenha um papel crucial na interação entre a academia e a sociedade. Sua importância transcende a mera função de ponte entre a universidade e a comunidade, configurando-se como um elemento fundamental na formação cidadã. Ao promover o desenvolvimento de senso crítico e o compromisso social nos discentes, a extensão universitária contribui para a construção de uma sociedade mais justa, empática e igualitária (FONTENELE, 2024).

Pesquisas apontam para as desigualdades no acesso ao ensino superior no Brasil, com ênfase na baixa representatividade de estudantes de baixa renda, especialmente em universidades públicas e em cursos de maior prestígio. As barreiras encontradas vão além das dificuldades financeiras, incluindo a falta de informação sobre o processo seletivo, o desconhecimento das políticas de assistência estudantil e a própria cultura acadêmica, que muitas vezes se mostra distante da realidade desses estudantes (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2024).

A curricularização da extensão universitária, meta do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014), visa integrar ensino, pesquisa e extensão, vinculando 10% dos créditos curriculares da graduação (BRASIL, 2018). Nesse sentido, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) aderiu ao Plano, e o curso de graduação em Ciências Econômicas, do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE), complementou sua grade curricular ofertando a disciplina "Extensão e Inovação em Economia".

Em uma das turmas dessa disciplina, foi desenvolvido o projeto intitulado "O Ingresso na UFRGS", com o intuito de estender à comunidade pertencente ao grupo de estudantes do ensino médio de renda baixa informações relacionadas ao ingresso na universidade e todos os desafios e benefícios ligados a ele. Principalmente, o objetivo do projeto foi estimular o grupo focal a buscar uma formação superior e identificar suas capacidades para isso. Para tal propósito, os discentes optaram por realizar o projeto junto ao grupo de estudantes do Centro Social Marista de Porto Alegre (CESMAR), vinculados aos programas Jovem Aprendiz e Trabalho Educativo.

O acesso ao ensino superior público no Brasil, em especial em universidades federais, constitui um desafio para estudantes, principalmente os de baixa renda. Os desafios vão além da aprovação no

vestibular, incluindo dificuldades financeiras, falta de informação sobre o processo seletivo, desconhecimento das oportunidades de auxílio estudantil e até mesmo a ausência de uma rede de apoio que os incentive a alçar voos mais altos. Portanto, há aqui um espaço para a extensão universitária, atuando com disseminação de informação e aproximação de realidades — entre a universidade e a comunidade.

A atividade de extensão visa levar o conhecimento acadêmico para fora dos muros da universidade e promover a troca de saberes com a comunidade. Para isso, assume formatos como visitas técnicas, cursos, palestras, pesquisas participativas e oficinas. No contexto do acesso ao ensino superior, a extensão pode atuar na informação, comunicação e orientação de estudantes do ensino médio, na desmistificação do ambiente universitário, no incentivo à busca por uma vaga na universidade e no apoio à permanência dos estudantes.

Dessa maneira, foram apresentadas informações claras e objetivas sobre o processo seletivo, os cursos oferecidos e as formas de ingresso na UFRGS. Também buscou-se explicar o curso de Ciências Econômicas da UFRGS, suas áreas de atuação e as oportunidades de carreira para os estudantes. A seguir, este trabalho apresenta a sistemática metodológica da referida disciplina e os resultados alcançados durante a execução do projeto elaborado pelos discentes, que buscaram fomentar a importância do ensino superior aos estudantes do CESMAR.

Metodologia

O projeto de extensão “O Ingresso na UFRGS” foi desenvolvido com o intuito de promover o acesso à informação e incentivar o ingresso de estudantes de baixa renda no ensino superior, utilizando uma metodologia que envolveu a interação entre os participantes, o diálogo, o trabalho em equipe, a pesquisa, o protagonismo, o comprometimento, a empatia e a reflexão.

Fase 1: teoria, problema e pesquisa

Inicialmente, os discentes foram apresentados aos conceitos e teorias da disciplina "Extensão e Inovação em Economia". A partir da identificação da problemática do baixo ingresso de estudantes de baixa renda na UFRGS, foi elaborado um projeto de extensão.

Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o acesso ao ensino superior para estudantes de baixa renda e as políticas públicas existentes. Analisaram-se dados socioeconômicos dos estudantes da UFRGS, com foco no curso de Ciências Econômicas, para traçar um perfil do público e identificar desafios e oportunidades.

Fase 2: seleção do público - alvo e visita técnica

O CESMAR foi escolhido como público-alvo devido ao seu trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade social e à proximidade com a UFRGS. Uma visita técnica ao CESMAR foi realizada para conhecer a instituição, ouvir os coordenadores e professores sobre os desafios enfrentados pelos alunos em ingressar no ensino superior, assim como foi apresentada a ideia inicial do projeto. A visita permitiu o contato com a realidade dos alunos e professores, utilizando-se do diálogo e da observação participante para compreender suas dificuldades, expectativas e percepções sobre o ensino superior.

Fase 3: elaboração de material didático

Com base na interação com o CESMAR, identificou-se a necessidade de desenvolver material didático com informações claras e acessíveis sobre o processo seletivo, formas de ingresso e permanência na universidade, e oportunidades no curso de Ciências Econômicas. O material incluiu uma apresentação em slides abordando temas como: vestibular, ENEM, cotas, estudo preparatório, acompanhamento dos resultados, benefícios e bolsas, escolha de curso, graduações ofertadas na UFRGS, atuação e mercado de trabalho do economista. Elaborou-se um cartaz com informações relevantes para ser fixado no CESMAR, além de disponibilizar exemplares de provas antigas do ENEM e do vestibular UFRGS.

Fase 4: execução do projeto

No dia 08/02/2024, foram realizadas palestras para quatro turmas do Programa Jovem Aprendiz e para duas turmas do Programa Trabalho Educativo do CESMAR, com duração média de duas horas. A dinâmica das palestras valorizou a interação, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, buscando estimular o interesse e a curiosidade dos alunos.

Fase 5: avaliação e reflexão

Discentes e docentes se reuniram para avaliar o impacto das palestras por meio de observação e diálogo com os alunos, buscando identificar dúvidas e dificuldades. Realizou-se uma reflexão sobre a experiência, analisando os pontos positivos e negativos do projeto e identificando oportunidades de aprimoramento para futuras iniciativas.

Resultados e discussão

A disciplina de Extensão e Inovação em Economia, ofertada como eletiva no curso de Ciências Econômicas da UFRGS, buscou transpor o limiar teórico e inserir os discentes na prática da extensão universitária, fomentando a interação com a comunidade e proporcionando uma experiência de aprendizado singular. Os resultados evidenciam o alcance dos objetivos delineados, com impactos positivos na formação acadêmica e social dos estudantes acerca da importância da extensão universitária na construção de um conhecimento comprometido com a transformação social.

Observou-se que os estudantes assumiram um papel protagonista na identificação de problemas e na elaboração do projeto de extensão, demonstrando criatividade e capacidade de aplicar o conhecimento acadêmico em cenários reais. Tal protagonismo é crucial para o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, essenciais para a formação de profissionais engajados com as demandas sociais. Nesse processo, a disciplina pode ser vista como um catalisador na difusão da informação (ROGERS, 2003), ao proporcionar o contato dos estudantes com novas ideias e práticas, estimulando a criatividade e a busca por soluções inovadoras para os desafios da comunidade.

A interação dialógica com o público-alvo, elemento central na proposta da disciplina, configurou-se como um pilar na construção da aprendizagem significativa. Os discentes, em consonância com a perspectiva de Paulo Freire (1996), tiveram uma aproximação genuína com a realidade dos estudantes do CESMAR, permitindo a compreensão de suas dificuldades, expectativas e a construção de um relacionamento de confiança. Deste modo, os discentes interagiram com os estudantes do CESMAR, vinculados aos programas Jovem Aprendiz e Trabalho Educativo, possibilitando troca de saberes e incentivando os estudantes a conhecerem a UFRGS e ingressarem no ensino superior (Figura 1).

Figura 1 - Discentes da UFRGS dialogando com estudantes do CESMAR.
Fonte: Autores

As visitas técnicas, oficinas e palestras interativas fomentaram um ambiente de aprendizagem dinâmico e participativo, estimulando o desenvolvimento de habilidades interpessoais. Essa troca de conhecimentos e experiências entre a universidade e a comunidade pode ser compreendida, sob a ótica de Rogers (2003), como um processo de comunicação e troca de experiências, que são essenciais para a difusão de informações e utilização de novas práticas, técnicas e tecnologias.

A experiência extensionista contribuiu significativamente para a formação cidadã dos estudantes, despertando a consciência crítica em relação às questões sociais, econômicas e ambientais. Os discentes demonstraram maior sensibilidade às demandas da comunidade e passaram a reconhecer as áreas de atuação das Ciências Econômicas como instrumentos de transformação social (Figura 2).

Figura 2 - Dialogando sobre as áreas de atuação do economista

Fonte: Autores

A participação dos discentes no projeto de extensão fomentou o desenvolvimento de habilidades essenciais para a atuação profissional e o exercício da cidadania, tais como: trabalho em equipe, liderança, comunicação e resolução de problemas. Ao vivenciarem os desafios da comunidade e buscarem soluções inovadoras, os estudantes atuam como agentes de mudança, promovendo a difusão de novas ideias e práticas sociais.

O projeto desenvolvido pelos graduandos impactou positivamente os estudantes do CESMAR, levando conhecimento, incentivo e apoio para a superação de desafios e para a melhoria da qualidade de vida. Desse modo, os resultados alcançados demonstram o impacto assertivo do projeto na comunidade, despertando o interesse do público-alvo pelas possibilidades de ingresso e permanência no ensino superior, em especial na UFRGS. Conforme Baggio (2014), a experiência reforça o potencial das ações extensionistas na redução das desigualdades sociais e na promoção da igualdade de oportunidades. Além disso, tais ações corroboram a importância da universidade na promoção da inclusão social e na democratização do acesso ao ensino superior.

Conforme observado na Figura 3, a interação dos discentes da UFRGS com os estudantes da CESMAR pode ser considerada um dos principais resultados

Figura 3 - Interação e troca de saberes realizada de maneira harmoniosa

Fonte: Autores

do projeto, pois reflete o comprometimento humano em ouvir e ajudar o próximo, respaldados pela atenção, carinho, confiança, zelo e empatia.

O projeto evidenciou a necessidade de ações permanentes de extensão para ampliar o acesso à informação e incentivar os estudantes a buscarem uma vaga na universidade. A continuidade de projetos dessa natureza fortalece o vínculo entre a universidade e a comunidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e engajados socialmente (Figura 4).

Figura 4 - Oportunidades e incentivos para estudar na UFRGS

Fonte: Autores

Figura 5 - Interação, descontração e aprendizado

Fonte: Autores

A despeito dos resultados positivos, identificou-se a necessidade de aprimorar a coleta de dados e ampliar o escopo do projeto para outras instituições de ensino, visando aprofundar a análise da problemática e avaliar o impacto das ações de extensão em diferentes contextos. Essa perspectiva de expansão e aprimoramento contínuo reforça o caráter dinâmico e processual da extensão universitária.

Reafirma-se a importância da curricularização da extensão nas universidades como mecanismo de incentivo à participação dos estudantes em projetos que promovam a interação com a comunidade e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A curricularização consolida a extensão como componente essencial na formação acadêmica, reconhecendo seu papel na formação integral dos estudantes e no fortalecimento do compromisso social da universidade. Nessa perspectiva, torna-se essencial promover conversas e discussões respeitosas, em que os participantes se sintam parte do processo de aprendizado, valorizados em suas individualidades e diferentes formas de compreensão (Figura 5).

A avaliação contínua do processo de ensino-aprendizagem possibilitou identificar os pontos fortes e os aspectos a serem aprimorados na disciplina. O retorno dos estudantes e da comunidade foi crucial para o aperfeiçoamento das atividades e da experiência extensionista, em linha com as proposições de autores como Freire (1996), que defendem a importância da avaliação

participativa na construção de práticas educativas mais eficazes. Esse processo de avaliação e aprimoramento contínuo é fundamental para garantir a efetividade da difusão do conhecimento e da inovação, permitindo identificar e superar as barreiras à adoção de novas ideias e práticas (ROGERS, 2003).

Ao integrar os conceitos de comunicação, participação e emancipação de Freire (1996), com a Teoria da Difusão da Inovação de Rogers (2003), a disciplina contribui para a compreensão dos processos de mudança social e para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para promover a adoção de novas ideias e práticas no âmbito da comunidade. Os resultados obtidos demonstram que a disciplina "Extensão e Inovação em Economia" atingiu seus objetivos, proporcionando aos estudantes uma experiência enriquecedora de extensão universitária, com impactos positivos na formação acadêmica, profissional e social.

Considerações finais

A interação com a comunidade e a desmistificação do ambiente universitário contribuíram para a formação dos graduandos, consolidando a extensão como espaço de construção de conhecimento para a transformação social. A metodologia participativa permitiu a aproximação com a realidade dos estudantes do CESMAR, a compreensão de suas dificuldades e a construção de um relacionamento de confiança. Os resultados demonstram o impacto positivo do projeto, despertando o interesse dos estudantes pelas possibilidades de ingresso no ensino superior.

O projeto evidenciou a necessidade de ações permanentes de extensão para ampliar o acesso à informação e incentivar os estudantes a buscarem uma vaga na universidade. A continuidade de projetos fortalece o vínculo entre a universidade e a comunidade. Apesar dos resultados positivos, identificou-se a necessidade de aprimorar a coleta de dados e ampliar o escopo do projeto. Por fim, reafirma-se a importância da curricularização da extensão nas universidades como incentivo à participação dos estudantes em projetos que promovam a interação com a comunidade, além de ser essencial na formação acadêmica.

Agradecimentos

PROREXT, Centro Social Marista (CESMAR), Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC/ZENIT/UFRGS/INF), Ministério das Comunicações (MCom), Ana Beatriz de Moura Alves, Anderson Raphael, Padilha de Oliveira, Eduarda Gabrielle Machado, Pedro Hostyn Bauermann, Vinicius Caregnato Garcia e Rafaela Souza Ouriques. ◂

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. D. B.; OLIVEIRA, J. F. Educação superior no Brasil: Políticas públicas educacionais de acesso ante as desigualdades sociais. *Revista Estudos IAT*, v. 12, n. 1, 2024.

BAGGIO, M. A. A universidade e a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 128, p. 725-742, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018: Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências*. Brasília, DF: CNE, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

FONTENELE, I. O. A curricularização da extensão no Brasil: história, concepções e desafios. *Revista Katálysis*, v. 27, e97067, 2024. ISSN 1982-0259.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROGERS, E. M. *Diffusion of innovations* (5. ed.). New York: Free Press, 2003.

Laboratório de matemática na escola: experiências enriquecedoras para crianças e bolsistas de extensão

Cristina Cavalli Bertolucci; Nathália Centeno dos Santos
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FACED/UFRGS
E-mail: tinabertolucci@gmail.com

Resumo

Neste artigo, relata-se sobre o projeto de extensão *"Matematicando no Laboratório da Escola"*, com a atuação em dois Laboratórios de Matemática de escolas públicas de Porto Alegre: Escola Estadual de Ensino Médio Anne Frank e a Escola Estadual de Educação Básica Dolores Alcaraz Caldas. Selecionamos três oficinas lúdicas para contar sobre o desenvolvimento: "Cara a Cara de Geometria", "Uno da Multiplicação" e "Pokémon da Divisão". As atividades construídas e aplicadas pelos bolsistas extensionistas têm auxiliado as crianças a se aproximarem da matemática e a vencerem alguns medos em relação à disciplina, além de aproximar os professores regentes das turmas a esse espaço. Destaca-se também a contribuição significativa para a formação inicial de licenciandos em Matemática e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: laboratório de matemática, formação de professores que ensinam matemática, lúdico.

Resumen

Este artículo reporta el proyecto de extensión “Matematicando no Laboratório da Escola”, que opera en dos Laboratorios de Matemáticas de escuelas públicas de Porto Alegre: el Liceo Estadual Ana Frank y la Escuela Estadual de Educación Básica Dolores Alcaraz Caldas. Seleccionamos tres divertidos talleres para hablar del desarrollo: Geometría Cara a Cara, Multiplicación Uno y División Pokémon. Las actividades creadas e implementadas por los becarios de extensión han ayudado a los niños a acercarse a las matemáticas y superar algunos miedos sobre la materia, además de acercar a los docentes que imparten las clases a este espacio. Se destaca también la significativa contribución a la formación inicial de estudiantes de pregrado en Matemáticas y Pedagogía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul.

Palabras clave: laboratorio de matemáticas, formación de profesores que enseñan matemáticas, juguetón.

introdução

Os laboratórios lúdicos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da matemática para as crianças, proporcionando um ambiente estimulante e divertido onde elas podem explorar, experimentar e aprender. Em relação à aprendizagem da matemática, nestes espaços as crianças têm a oportunidade de aprender de forma prática e interativa, podendo manipular objetos, experimentar diferentes situações e resolver problemas de uma maneira mais envolvente e significativa.

O desenvolvimento de habilidades matemáticas envolve habilidades cognitivas como raciocínio lógico, resolução de problemas, pensamento crítico e criatividade. Nesse sentido, os laboratórios fornecem um espaço onde essas habilidades podem ser desenvolvidas de maneira natural e gradual. O projeto de extensão "Matematicando no Laboratório da Escola" estabelece parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e duas escolas públicas em Porto Alegre, a Escola Estadual de Ensino Médio Anne Frank e a Escola Estadual de Educação Básica Dolores Alcaraz Caldas. O projeto atua no Laboratório de Matemática (LM) de cada uma das escolas, envolvendo bolsistas de extensão e iniciação científica dos programas "Ciência na Escola", "Meninas na Ciência" e "Iniciação à Popularização da Ciência".

Os bolsistas atuantes nos laboratórios são licenciandos dos cursos de Matemática e Pedagogia da UFRGS. Suas responsabilidades incluem a manutenção do espaço utilizado, a organização do cronograma de horários das oficinas desenvolvidas no local, a assistência aos professores dos anos iniciais das duas escolas, o desenvolvimento de atividades conforme as necessidades da instituição, a organização e catalogação de materiais didáticos, a elaboração de jogos e recursos educativos, e a produção de artigos relacionados às atividades realizadas nestes espaços.

Dada a grande atividade e responsabilidade dos bolsistas, entende-se que o recebimento de bolsas de extensão é fundamental para a execução do projeto e cumprimento das demandas citadas acima. Essas bolsas não apenas proporcionam apoio financeiro aos bolsistas, permitindo-lhes dedicar tempo e esforço ao projeto, mas também desempenham um papel fundamental no estímulo à pesquisa e à prática docente durante a graduação.

Neste relato, escolhemos contar sobre três oficinas realizadas no período de maio a dezembro de 2023, destacando aprendizagens obtidas, dificuldades encontradas e possibilidades para futuras aplicações.

Referencial teórico

De acordo com Lorenzato (2006, p. 6), o Laboratório de Matemática é um lugar da escola dedicado tanto aos professores quanto aos estudantes, onde são conduzidos experimentos e atividades práticas relacionadas ao ensino-aprendizagem da matemática. Em concordância, Dalcin, Bertolucci e Silva (2020, p. 28), descrevem o Laboratório de Matemática como

> um espaço em que ocorrem atividades diversificadas, com o uso de materiais didáticos e manipulativos, recursos tecnológicos, mídias digitais, instrumentos de medição, jogos, filmes, livros de literatura, romances matemáticos e paradidáticos, dentre outros recursos que favoreçam os processos de ensino e aprendizagem da Matemática, na relação com as outras áreas do conhecimento.

Sendo assim, compreende-se que no Laboratório de Matemática a aprendizagem ocorre através de vivências matemáticas, e o espaço destinado para isso representa um ambiente que facilita “[...] tanto ao aluno como ao professor, questionar, conjecturar, procurar, experimentar, analisar e concluir, enfim, aprender e principalmente aprender a aprender” (Lorenzato, 2006, p. 7).

Nessa perspectiva, Farves, Gaspar e Bastos (2020) afirmam que as atividades desenvolvidas no Laboratório de Matemática buscam promover uma aprendizagem que garanta uma construção de conceitos de forma ativa pelo estudante. Rompendo assim, com o que tradicionalmente é feito seguindo a sequência “definição → exemplo → exercícios de aplicação" (Faves, Gaspar, Bastos, 2020, p. 14).

Descrição das oficinas realizadas

1 - Cara a Cara de geometria

Em agosto de 2023, a turma do 3º ano estava sendo regida por uma estudante de Pedagogia, que realizava seu estágio. Ela relatou, para os bolsistas, que estava trabalhando com figuras geométricas planas e espaciais em sala de aula e solicitou uma oficina que abordasse esse conteúdo. Para atender a essa demanda, adaptou-se o já conhecido jogo "Cara a Cara" e confeccionou-se o "Cara a Cara de geometria", conforme ilustrado na Figura 1.

O objetivo do jogo era exercitar a descrição de características e associá-las com figuras planas e sólidos geométricos. Para isso, inicialmente, foi desenhado separadamente as figuras planas e espaciais em ambos os quadros do laboratório, incluindo todas as figuras do jogo. À medida que os bolsistas perguntavam à turma se lembravam dos nomes de cada figura, os nomes eram escritos junto aos desenhos, possibilitando que os estudantes visualizassem esses registros durante as jogadas.

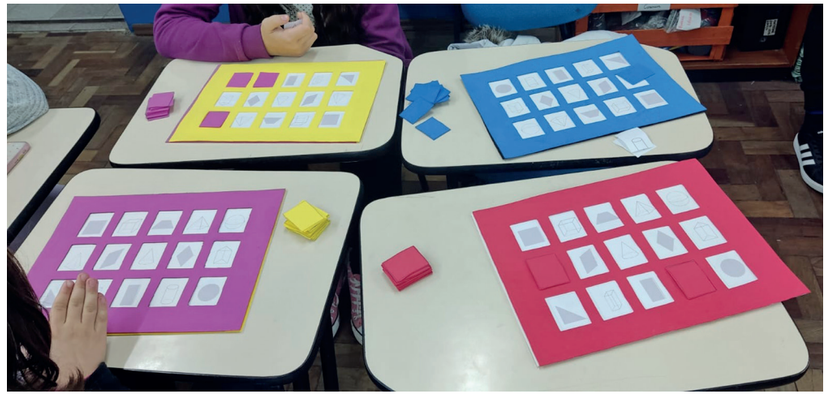


Figura 1 - Jogo Cara a Cara de geometria
Fonte: Autoras

Divididos em duplas, cada estudante recebeu um tabuleiro contendo 15 (quinze) figuras geométricas, das quais deveriam escolher uma figura e mantê-la em segredo da sua dupla. Após decidir quem começava, os estudantes fizeram perguntas alternadas para tentar adivinhar a figura geométrica do colega.

As perguntas só poderiam ser respondidas com "sim" ou "não" e, com base nessas respostas, as opções de figuras que correspondessem ou não às características mencionadas nas perguntas eram eliminadas.

Observou-se que os estudantes enfrentam dificuldades ao formular as perguntas sobre as figuras geométricas durante as jogadas. Este fato nos indicou que, para uma próxima aplicação, é sugerido que sejam exercitadas a observação e a descrição dessas figuras antes de se iniciar o jogo. Apesar disso, os estudantes utilizaram uma variedade de termos para descrever as formas geométricas, como "o objeto pode rolar", "é pontudo", "é igual ao chapéu da bruxa", "é igual a uma caixa de bombom", e até mesmo mencionaram a possibilidade de desenhá-las em uma folha, referindo-se às figuras planas.

Essas descrições, embora não sejam as nomenclaturas formalmente usadas nas aulas de matemática, indicam que os estudantes conseguiram associar as figuras geométricas com algum contexto da vida real. Ao descrever as figuras de maneira mais intuitiva e baseada em experiências cotidianas, os estudantes demonstraram uma compreensão mais ampla e aplicável dos conceitos geométricos. Isso evidencia não apenas a capacidade de reconhecer e nomear formas, mas também a habilidade de relacioná-las com situações do seu mundo real, o que é fundamental para a compreensão e aplicação da geometria em diversos contextos.

É importante ressaltar que o material desenvolvido para o jogo "Cara a Cara de Geometria" não se limita apenas a figuras geométricas, podendo ser modificado para abordar outros conteúdos matemáticos de diferentes níveis de ensino. Além disso, durante o processo, foi construído um tabuleiro adaptado para atender a uma demanda trazida pela professora com relação a dois estudantes, possibilitando a participação integral de ambos na atividade proposta.

2 - Pokémon da divisão

Tendo em vista que os estudantes dos anos iniciais, em geral, gostam bastante de Pokémon, os bolsistas planejaram uma oficina relacionada com os personagens desse universo. A oficina pensada para o 4º ano, intitulada "*Pokémon da divisão*", tinha como objetivo exercitar divisões com até dois algarismos no divisor e até quatro algarismos no dividendo.

Os alunos foram divididos em quatro grupos, e cada grupo recebeu pokébolas contendo divisões a serem resolvidas, juntamente com cartas contendo pokémons, cada uma com pontuações específicas, conforme ilustrado na figura 2.

Dentro dos grupos, as *pokébolas* foram distribuídas igualmente entre os estudantes, enquanto as cartas de *pokémons* permaneceram viradas para baixo. Em cada rodada, de forma alternada, um estudante escolhia uma *pokébola* (divisão) para capturar um *pokémon*. A captura só era feita se a divisão fosse resolvida corretamente. Ao final da oficina, pediu-se que os estudantes somassem os pontos dos *pokémons* capturados para determinar os vencedores.

Antes de planejar e aplicar a oficina, os bolsistas consultaram a professora regente sobre quantos algarismos no divisor e no dividendo os estudantes já haviam estudado. Durante a oficina, ficamos um pouco surpresos ao perceber que muitos estudantes não conseguiam realizar as divisões nas condições ditas pela professora. Por isso, durante as rodadas, optou-se por retirar as *pokébolas* que continham divisões muito grandes para que o jogo continuasse com fluidez.

Figura 2 - Material preparado para a oficina
Fonte: Autoras

Durante o jogo, os estudantes chamavam os bolsistas para verificar se a divisão que haviam feito estava correta, para que pudessem capturar o *pokémon*. Ao revisarem os cálculos, os bolsistas questionavam como poderiam ter certeza de que a resposta estava correta.
Os estudantes explicaram que bastava multiplicar o divisor pelo quociente, ou então justificavam suas respostas com base nos valores encontrados em alguma tabuada. Isso demonstrou que, além de exercitar a divisão com até dois algarismos no divisor e até quatro algarismos no dividendo, o principal aprendizado desenvolvido e exercitado na oficina foi a utilização da multiplicação para resolver cálculos de divisão, a partir do algoritmo da divisão euclidiana. Ou seja, se os estudantes multiplicassem o divisor pelo quociente e o resultado coincidisse com o dividendo, a conta estaria correta.

Um aspecto que pode ser modificado para futuras aplicações desta oficina é iniciá-la fazendo alguns exemplos no quadro antes de começar o jogo. Por outro lado, construir o material voltado para o universo de *Pokémon* foi um acerto, pois os estudantes utilizaram a linguagem do jogo/desenho para realizar as divisões, além de despertar interesse e familiaridade com os personagens.

3 - Uno da multiplicação

Em outubro de 2023, aplicou-se uma oficina com o 4º ano utilizando o "Uno da Multiplicação" como recurso didático. Visto que o material utilizado é uma adaptação de um jogo conhecido da turma, a oficina foi iniciada com a apresentação das regras do "Uno da Multiplicação".

A turma foi dividida em quatro grupos e cada grupo recebeu um baralho. Dentro dos grupos, as cartas eram distribuídas igualmente entre os estudantes e o que sobrou ficava para futuras "compras". Alternadamente, cada estudante joga uma carta no monte, que seja relacionada com a carta anteriormente descartada, e assim sucessivamente até alguém não ter mais cartas para jogar.

No decorrer das partidas, identificou-se a dificuldade dos estudantes em compreenderem a propriedade comutativa da multiplicação, ou seja, reconhecer que 310 = 30 = 103. Isso fez com que, diversas vezes durante a oficina, os estudantes pedissem por ajuda, ou simplesmente "comprassem" outra carta sem saber que poderiam descartar as que já tinham em mãos, conforme ilustrado na figura 3.

Ao final do jogo, essa dificuldade já havia sido superada pela maioria dos estudantes. Durante as

Figura 3 - Uno da Multiplicação
Fonte: Autoras

jogadas, observou-se um aprendizado importante por parte dos estudantes: a utilização de diferentes estratégias para resolver contas de multiplicação, tais como a soma de parcelas iguais e o uso das tabuadas consideradas mais fáceis, como as do 2, 5 e 10. Por exemplo, para calcular 96, podemos fazer 610 = 60 e subtrair 6, obtendo 60 - 6 = 54. Essas abordagens mostraram-se eficazes para fortalecer o domínio dos estudantes diante de outras multiplicações. Ao invés de depender exclusivamente da memorização das tabuadas, eles desenvolveram métodos mais intuitivos, o que pode ser aplicado até mesmo para valores maiores que 10.

Este jogo é muito versátil, podendo ser aplicado também com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, pois frequentemente as professoras pedem oficinas para reforçar as operações de divisão e multiplicação. Assim, para uma próxima aplicação, pretende-se fazer alguns exemplos no quadro antes de partirmos para o jogo.

Reflexões da experiência como bolsista

Participar como bolsista do projeto de extensão "Matematicando no Laboratório da Escola" tem sido uma experiência que enriquece significativamente a minha trajetória como estudante de graduação do curso de Licenciatura em Matemática. O projeto, centrado na criação de um espaço dedicado ao estudo, desenvolvimento de recursos, projetos e materiais para o ensino de matemática, assim como na formação continuada dos professores da escola, proporcionou-me uma visão abrangente do cenário educacional.

Minha formação acadêmica visa a me preparar para o ensino a partir do 6º ano do Ensino Fundamental em diante, e a oportunidade de envolvimento com as turmas dos anos iniciais foi uma novidade valiosa. O contato com os fundamentos pedagógicos e metodológicos voltados para as crianças ampliou minha compreensão sobre a construção do conhecimento matemático desde as fases iniciais da Educação Básica.

Participar ativamente da elaboração de recursos e materiais didáticos proporcionou-me uma compreensão mais aprofundada sobre as necessidades específicas dos anos iniciais. A interação com as professoras, parte fundamental do projeto, permitiu-me trocar experiências valiosas, entender as demandas reais de sala de aula e contribuir de maneira mais efetiva para o processo de ensino-aprendizagem.

Ao ingressar como bolsista do projeto, minhas expectativas eram de aplicar oficinas que fugiam do tradicionalmente visto em sala de aula pelos estudantes, e me familiarizar mais com os conteúdos matemáticos desenvolvidos nos anos iniciais. Ao final desses meses, posso dizer que essas expectativas foram cumpridas; no entanto, houve alguns obstáculos durante esse processo.

Um dos principais desafios foi a relação, inicialmente difícil, com a equipe diretiva da escola. No entanto, é gratificante observar que ao longo dos últimos meses, essa relação melhorou consideravelmente, resultando em uma colaboração mais efetiva e harmoniosa. Outro ponto de enfrentamento foi a realização de oficinas que nem sempre saíram conforme o planejado, não atingindo os objetivos previstos. Esse aspecto, apesar de ser uma experiência desafiadora, proporcionou oportunidades de aprendizado. A análise crítica dessas situações permitiu ajustes necessários nos métodos e estratégias, contribuindo para o aprimoramento contínuo das atividades propostas. Um último desafio adicional surgiu mais para o final do ano, quando enfrentamos a dificuldade de marcar oficinas com as professoras, que muitas vezes não compareciam para a realização das atividades planejadas com as turmas; essa falta de presença comprometeu a efetividade do projeto nos últimos meses de bolsa.

Considerações finais

Os "laboratórios de matemática" oferecem um ambiente propício para que as crianças explorem conceitos matemáticos de forma autônoma e experimental. Isso estimula sua curiosidade natural e promove uma atitude positiva em relação ao aprendizado da matemática. Nesse ambiente, tem-se a oportunidade de aplicar os conceitos matemáticos aprendidos em situações do mundo real, tornando o aprendizado mais relevante e ajudando as crianças a entenderem a importância da matemática em suas vidas cotidianas.

Outra contribuição de se desenvolver atividades nesse espaço é a redução do medo e da ansiedade em relação à matemática. Em um ambiente lúdico, a matemática é apresentada de forma mais acessível e divertida, o que pode ajudar a reduzir o medo e a ansiedade associados à disciplina. Nas atividades, se incentiva a colaboração entre as crianças, o que promove habilidades sociais importantes, como comunicação eficaz, cooperação e resolução de conflitos.

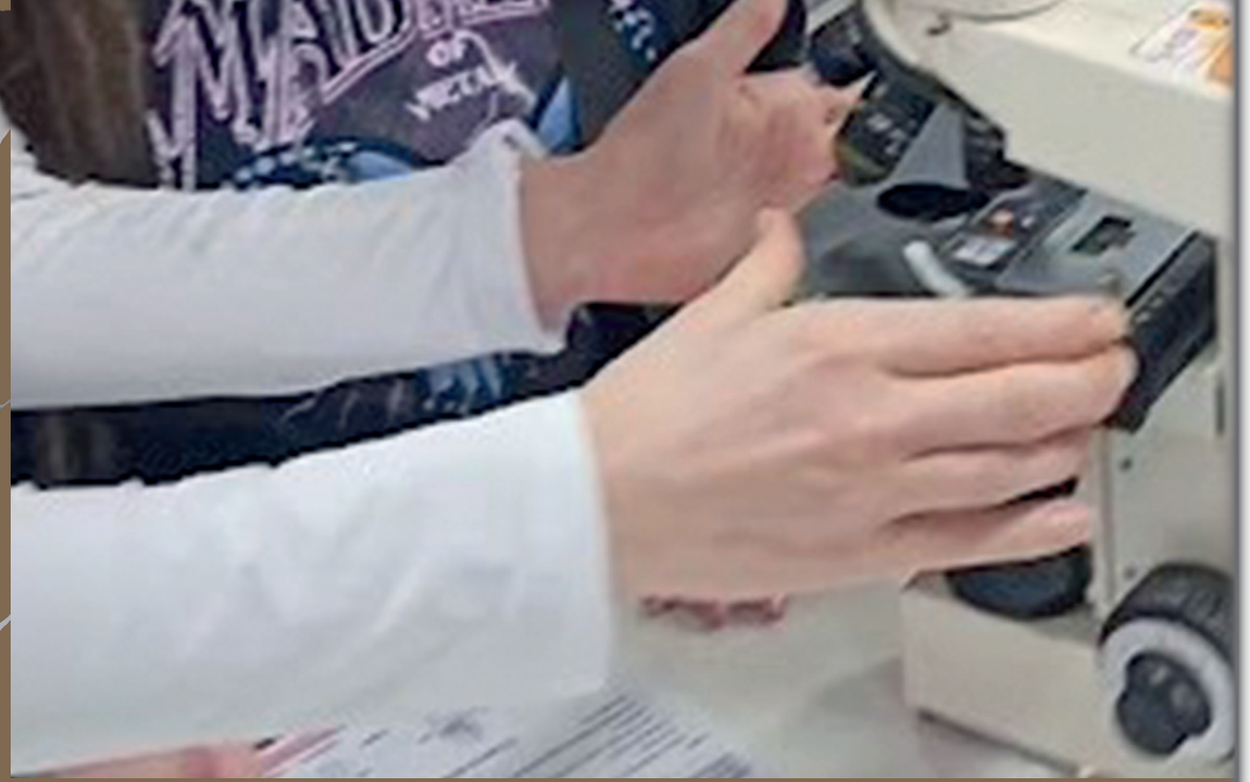
Por fim, destaca-se a importância das bolsas de extensão para manter os dois "laboratórios de matemática" criados nas escolas participantes. São os bolsistas que fazem acontecer, são peças fundamentais para o andamento e continuidade deste projeto. ◂

Referências Bibliográficas

DALCIN, A.; BERTOLUCCI, C. C.; SILVA, T. dos R. da. Laboratório de matemática: uma parceria entre UFRGS e escolas públicas de Porto Alegre. *Revista da Extensão*, Porto Alegre, n. 21, p. 26-32, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/111873. Acesso em: 19 fev. 2024.

FARVES, A. M. P.; GASPAR, J. C. G.; BASTOS, M. S. LABEM: contribuições para formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática. In: SILVA, D. M. V. da.; ARQUIERES, D. D. (org.). *Laboratório de ensino de matemática na educação básica e na formação inicial e continuada de professores*. Curitiba: Bagai, 2020. p. 11-175. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/585802/4/EDITOR~1.PDF. Acesso em: 29 fev. 2024.

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, Sérgio. *Laboratório de Ensino de Matemática na formação de professores*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-38.



As ciências básicas e a formação extensionista dos estudantes dos cursos da área da saúde

Simone Marcuzzo
Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ICBS/UFRGS
E-mail: 00137561@ufrgs.br

Ingressar no ensino superior, especialmente na área da saúde, desperta grandes expectativas nos estudantes, principalmente em relação à prática profissional e ao cuidado direto de pessoas. No entanto, é comum que os graduandos sintam frustração nos primeiros semestres. Isso ocorre, em parte, devido à organização curricular, que no início é focada nas ciências básicas da saúde — como Histologia, Anatomia, Fisiologia e Bioquímica — disciplinas com uma forte ênfase teórica. Além disso, as práticas profissionais geralmente só começam a partir do segundo ano dos cursos. Aos professores das disciplinas básicas, muitas vezes com formações distintas da futura profissão dos estudantes, cabe a tarefa de inseri-los nesse universo acadêmico, integrá-los à dinâmica da Universidade e promover seu engajamento em atividades extracurriculares. Tradicionalmente, os professores dessas disciplinas estão envolvidos em atividades de pesquisa, o que facilita a entrada dos estudantes nesse eixo universitário. As atividades de extensão nas ciências básicas da saúde, por sua vez, ainda constituem um campo a ser explorado.

O desafio dos professores das disciplinas básicas dos cursos da área da saúde é propor atividades que complementem a formação não-profissionalizante dos estudantes. Especialmente no início da vida acadêmica, ou seja, quando há pouca vivência universitária, e que, ao mesmo tempo, dialoguem com a sociedade além dos muros da Universidade, características inerentes à definição do conceito de extensão universitária.

Durante as aulas de Histologia para o curso de Enfermagem, disciplina em que o fascinante mundo da organização das células em tecidos humanos é apresentado aos estudantes sob o microscópio, surgiu a ideia de expandir essa experiência para mais pessoas. Durante as aulas, houve diálogos sobre as escolas em que os estudantes cursaram o ensino fundamental e médio, e como muitas delas não possuíam estrutura para aulas práticas de Histologia. Os estudantes relataram que teriam se beneficiado desse conhecimento, bem como de uma experiência na UFRGS antes de ingressarem na graduação. A partir dessas informações e da explicação sobre o que é a extensão no tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão), formou-se um grupo de estudantes interessados em desenvolver um projeto que atendesse a essa demanda da sociedade.

Figura 1 - Registro da atividade no laboratório de aulas práticas de Histologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde
Fonte: Autora (2024)

Em reuniões extraclasse e com a participação ativa dos estudantes, delineamos em conjunto uma proposta de atividade de extensão.
O projeto "Histologia na Prática: A Universidade de Portas Abertas para a Comunidade", carinhosamente chamado de "É Histo!", tem como objetivo proporcionar aos estudantes da rede pública de ensino médio e fundamental uma experiência enriquecedora na UFRGS, por meio de aulas práticas de Histologia ministradas pelos próprios estudantes universitários.

Para a realização da atividade, as escolas são contatadas, e as interessadas agendam a visita. Os estudantes universitários se preparam para ministrar a atividade sob orientação da coordenadora do projeto. Eles são instruídos sobre os aspectos técnicos e comportamentais da dinâmica. No dia da atividade, cada universitário tem o seu papel estabelecido — professor ou monitor — e é assessorado pela professora coordenadora. O projeto conta com 22 graduandos do curso de Enfermagem. Até o momento, 7 turmas escolares participaram, sendo 6 de ensino médio e uma de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A experiência é riquíssima para ambos os grupos. Os estudantes não universitários têm a oportunidade de conhecer a Universidade, manusear microscópios, observar tecidos biológicos e dialogar com os universitários. Assim, a Universidade se aproxima das escolas,

Figura 2 - Graduandas do curso de Enfermagem atuando como monitoras da atividade, auxiliando as estudantes a utilizarem os microscópios
Fonte: Autora (2024)

tornando-se um ambiente mais acolhedor e acessível.

Por outro lado, os universitários relatam que têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas básicas da saúde, no início de sua formação, para desenvolver habilidades que vão além do conteúdo técnico, como a responsabilidade social e a prática cidadã. Além disso, valorizam o quanto se desenvolveram dentro do ambiente acadêmico, o que lhes permite auxiliar outros estudantes com menor experiência. Os universitários reafirmam seu sentimento de pertencimento dentro de um grupo que contribui para a coletividade. Ademais, torna-se mais concreto o papel deles como agentes transformadores da sociedade, por estarem inseridos em uma instituição pública de ensino e como cidadãos responsáveis que contribuem com a experiência dos estudantes no ensino público fundamental e médio.

Por fim, cabe reforçar o potencial dessa experiência na formação extensionista dos estudantes dos cursos da área da saúde. Ao mostrar que as disciplinas das ciências básicas podem se tornar portas de entrada para o engajamento extensionista, atividades como essa valorizam essa etapa inicial da formação acadêmica. Ao se depararem com realidades distintas durante a experiência, os universitários são motivados a desenvolver uma visão mais crítica e socialmente engajada. Evidencia-se, assim, o impacto transformador que essas experiências têm potencial de produzir, estimulando uma formação acadêmica mais completa e consciente, além de abrir caminho para outras iniciativas extensionistas na trajetória dos estudantes universitários. ◂

Figura 3 - Graduanda do curso de Enfermagem atuando como professora da atividade
Fonte: Autora (2024)

Estudante, publique seu artigo!

Revista da Extensão

A chamada de artigos é aberta, com fluxo contínuo

Colega estudante,
divulgue o seu protagonismo estudantil nas ações extensionistas de interação e integração entre a universidade e a sociedade.
Converse com o coordenador da sua atividade de extensão.

Envie seu artigo para a Revista da Extensão, gostaríamos de publicá-lo !

Consulte as normas para submissão de artigos

Revista da Extensão

Submissão de artigos

A Revista da Extensão é uma publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como propósito veicular e difundir atividades de extensão, não apenas desta universidade mas também de outras instituições do Brasil e do exterior. Ao constituir-se como espaço de trocas, contribui para o fortalecimento e a valorização dos diferentes saberes, ampliando o diálogo sobre a extensão universitária e enfatizando o seu papel fundamental na formação discente e docente. Acompanhando a tendência das principais publicações brasileiras sobre extensão universitária, a Revista da Extensão da UFRGS é publicada em versão impressa e eletrônica, de livre acesso ao seu conteúdo, seguindo o princípio de democratização do conhecimento.

A seleção dos artigos para publicação tem como parâmetro a sua contribuição à extensão universitária, segundo as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC), observando o processo educativo, cultural e científico que articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa, propiciando a interdisciplinaridade e viabilizando a relação transformadora entre Universidade e sociedade. Este contato, que visa ao desenvolvimento mútuo e estabelece a troca de saberes, tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com as realidades nacional e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva de comunidades na atuação da Universidade. Constituem pontos fundamentais do artigo também a originalidade do tema ou o tratamento dado ao assunto, a consistência teórica e a qualidade do texto.

Normas para Submissão de Artigo

A Revista da Extensão aceita para publicação artigos que apresentem textos inéditos frutos de atividades ou reflexões relativas à extensão universitária, caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema.

Há dois formatos de artigo segundo seu tamanho: (1) artigo completo (corpo do texto com 15.000 a 25.000 caracteres) e (2) artigo curto - resumo estendido (corpo do texto com 2.500 a 5.000 caracteres). Os artigos devem contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências bibliográficas (artigo completo - máximo 8, e resumo estendido - máximo 3).

Formato do manuscrito (para ambos, artigo completo e resumo estendido):

1. Manuscrito: deve ser submetido em formato PDF.

2. Autores: todos os autores e suas filiações devem ser cuidadosamente inseridos no momento da submissão pois são informações utilizadas automaticamente pelo sistema de publicação eletrônica.

3. Figuras, tabelas e quadros serão tratados como imagem, devendo estar legendadas, com fonte/créditos do autor, e indicadas no corpo do texto.

4. Os artigos aceitos serão, posteriormente, solicitados em formato de texto editável (.doc, .docx, .rtd, .txt,...). Imagens (fotos, figuras, tabelas, quadros, ...) deverão ser enviadas em formato JPG com resolução mínima de 300 DPI, e intituladas de forma a facilitar a sua identificação (ex., Figura 1, Tabela 2, ...).

Complemento do formato do manuscrito (artigo completo):

1. Resumo: deve conter entre 750 e 1.050 caracteres em Português, e estar também em uma das línguas estrangeiras Espanhol ou Inglês.

2. Corpo do texto: deve conter entre 15.000 e 25.000 caracteres, em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 3 a 5 imagens.

Complemento do formato do manuscrito (artigo curto - resumo estendido):

1. Resumo: não há.

2. Corpo do texto: deve conter entre 2.500 e 5.000 caracteres, em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 1 a 3 imagens.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Acesse a versão digital da Revista da Extensão em www.revistadaextensao.ufrgs.br
Acesso também disponível no portal de periódicos SEER UFRGS

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora
Marcia Barbosa

Vice-Reitor
Pedro Costa

Pró-Reitora de Extensão
Daniela Borges Pavani

Vice-Pró-Reitor de Extensão
Patrícia Helena Xavier dos Santos

Revista da Extensão n. 30
Porto Alegre, dezembro de 2024
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editor
Renato Perez Ribas

Editor Adjunto
Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Projeto gráfico e diagramação
Paulo Baldo

Revisão
Nicole Maciel dos Passos

Conselho Editorial da Revista da Extensão

Eduardo Cardoso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)
Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)
Gustavo Menéndez (Universidad Nacional del Litoral - Argentina)
João Cesar Netto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luciane Noal Calil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Monica Bussetti (Universidad Nacional de San Luís - Argentina)
Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)
Polliane Trevisan Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

UFRGS
90 ANOS DE UNIVERSIDADE
129 ANOS COM A SOCIEDADE
90 ANOS
1934 • 2024

Revista da Extensão

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

A Extensão vista de perto
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5° andar. Bairro Farroupilha
CEP 90040-060 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 3379

www.prorext.ufrgs.br
www.revistadaextensao.ufrgs.br
revistadaextensao@prorext. ufrgs.br